



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**EMERSON JOSÉ FERREIRA DE SOUSA**

**“VIVAS AO SANTO PADROEIRO DAS CHUVAS”: (RE)SIGNIFICAÇÕES  
RELIGIOSAS NO CULTO A SÃO JOSÉ, POMBAL-PB (1950 - 1980)**

**CAJAZEIRAS – PB  
2018**

**EMERSON JOSÉ FERREIRA DE SOUSA**

**“VIVAS AO SANTO PADROEIRO DAS CHUVAS”: (RE)SIGNIFICAÇÕES  
RELIGIOSAS NO CULTO A SÃO JOSÉ, POMBAL-PB (1950 - 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação  
de Professores, como requisito para a obtenção de  
nota na disciplina TCC

**Orientador:** Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

**CAJAZEIRAS – PB  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

S725v Sousa, Emerson José Ferreira.  
“Vivas ao santo padroeiro das chuvas”: (re)significações religiosas no culto a São José, Pombal-PB (1950-1980) / Emerson José Ferreira de Sousa. - Cajazeiras, 2018.  
152f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Religiosidade - história - Paraíba. 2. Roubo do santo - Pombal/PB. 3. História da Paraíba. 4. Memória. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 27-562(091)(813.3)

**EMERSON JOSÉ FERREIRA DE SOUSA**

**“VIVAS AO SANTO PADROEIRO DAS CHUVAS”: (RE)SIGNIFICAÇÕES  
RELIGIOSAS NO CULTO A SÃO JOSÉ, POMBAL-PB (1950 - 1980)**

APROVADO EM: 08 /08 /2018

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande - (UACS/CFP)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Viviane Gomes de Ceballos (Examinadora)  
Universidade Federal de Campina Grande - (UACS/CFP)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Valter Ferreira Rodrigues (Examinador)  
Universidade Federal de Campina Grande - (UACS/CFP)

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira (Suplente)  
Universidade Federal de Campina Grande - (UACS/CFP)

**CAJAZEIRAS – PB**

**2018**

Dedicado a meus pais, Ana e Eliseu, símbolos do amor e do carinho,  
força motriz de minha existência, as razões maiores de meu viver!

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de conquista que é tanto individual quanto coletiva, quero dizer que agradeço:

À força maior, senhor Deus, que me forneceu a inspiração necessária na execução deste trabalho, e também nesta longa e árdua trajetória de 5 anos que encerramos neste momento.

Aos meus pais, Ana e Elizeu, e aos meus irmãos, Everton e Nadyr, que estiveram incansavelmente ao meu lado em cada escolha e em cada passo que dei ao longo de minha vida e ao longo dos meus estudos. Muito obrigado por tudo que vocês me deram: o amor, o incentivo, a sabedoria.

Ao meu amado primo-irmão Auderlan, e sua mãe, tia Francisca, que muito me ajudaram e incentivaram em minhas dificuldades relativas aos estudos. A você Auderlan, devo grande parte de minha maturação na vida e no mundo acadêmico. Obrigado por me proporcionar aquelas longas e enriquecedoras conversas sobre a vida, o mundo, a ciência, o universo, a religião. Você se encontra em cada ponto deste trabalho, querido irmão! Estás neste momento ausente fisicamente, mas presente em meu coração!

À minha namorada Lili, que encontra-se do meu nesta minha caminhada na Universidade, sempre com um inestimável companheirismo. Você sempre foi um suporte nos momentos difíceis, uma fonte de inspiração, um exemplo. Obrigado minha querida!

Ao meu inestimável amigo Ricardo Almeida. Você, Ricardo, mais que nunca sabe compreender o que significa o âmbito acadêmico em nossas vidas, e por isso em muito contribuiu também para meu crescimento dentro dele.

Aos meus colegas e amigos do meu ex-local de trabalho, Conselho Tutelar, e do atual, Nacap, pelo incentivo e por sempre compreenderem às necessidades de um trabalhador estudante. Obrigado, companheiros!

Aos meus colegas e amigos do ônibus (busão). Apenas nós compreendemos o que passamos neste trajeto diário de 200 Km durante estes 5 anos para, quem sabe um dia, termos a oportunidade de contribuir com a educação de nosso país. Vocês são um exemplo!

À minha amiga Vanessa Moura, que mediou minhas conversas com os habitantes das comunidades do Estrelo e do Juá, indispensáveis para a construção do trabalho. Obrigado Vanessa. Muito do que fiz aqui só foi possível graças a você.

À Universidade Federal de Campina Grande, por me proporcionar uma segunda oportunidade em cursar uma graduação, desta vez na área que amo.

A todos aqueles que foram meus professores durante o curso, e em especial, aos professores Francisco Firmino Neto e Rosemere Santana. Vocês transcenderam os limites de uma sala de aula e me fizeram compreender a vida de outra maneira, o que carregarei para sempre. Muito obrigado!

Ao meu orientador, professor Rodrigo Ceballos. Gostaria de te agradecer, professor, pois você, além de me estender a mão, acreditou e me fez acreditar no tema de nossa pesquisa. Como orientador e professor você é excelente, mas como pessoa você é o melhor! Obrigado!

Aos meus inestimáveis amigos da turma 2013. 2, Larissa Lacerda, Ewerton Wirlley, José Rodrigues, Felipe Josué e Geicy Kelle. Realmente faltam palavras para descrevê-los, mas ainda posso dizer que ao lado de vocês, caríssimos, vivi momentos mágicos nos quais a vida sorriu. Acompanhamos cada passo um do outro, estivemos felizes juntos, estivemos decepcionados juntos, iniciamos, crescemos e terminaremos sempre juntos. Obrigado irmãos que a vida me deu!

Por fim, àqueles que foram a essência deste estudo. Os pombalenses que aqui entrevistamos, Sr. Sebastião Filho, Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida, Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves e a Sr.<sup>a</sup> Maria do Nascimento (dona Socorro). Sem seus inestimáveis relatos de vida não teria sido possível construir o que aqui fizemos. Muitíssimo obrigado, prezados! Foi um honra poder dialogar com vocês.

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera, zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas.

Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano* (1998)



## RESUMO

A religiosidade “popular” brasileira apresenta-nos constantemente questões a serem investigadas e problematizadas, o que é perceptível por meio dos estudos de Hoornaert (1991), Souza (2009) e Andrade (2010). Este trabalho, objetiva analisar as (re)significações religiosas praticadas por meio do “roubo do santo”, tradição sagrada que faz parte do culto a São José na cidade de Pombal-PB, no período compreendido entre os anos 1950 e 1980. A proposta desta pesquisa oferece novas contribuições para a análise do fenômeno religioso no Brasil. Por meio das falas entrecortadas e tímidas de moradores da zona rural adentramos nas percepções dos fiéis pombalenses em relação ao seu cotidiano e a sua devoção em torno do santo padroeiro das chuvas. Pudemos perceber como a prática religiosa em torno deste santo atrela-se a sensibilidade e visão de mundo do sertanejo pombalense, produzindo (re)significações diversas para o sagrado. Defendemos também que as relações que a tradição do “roubo” de São José estabelece com o cotidiano produz representações diversas e de uma religiosidade caracteristicamente local.

**Palavras – chave:** História da Paraíba, religiosidade, memória.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - UM HISTÓRICO DAS RESSIGNIFICAÇÕES DO SAGRADO: a construção de um catolicismo “popular” no Brasil.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 – Um catolicismo pensado a partir da formação híbrida da sociedade brasileira .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 – Particularidades da fé: características de uma vivência religiosa doméstica e local .....</b>	<b>25</b>
<b>1.3 - Santos e santas entre o sincretismo e a ressignificação.....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO II - POR UMA HISTÓRIA DO SAGRADO EM POMBAL: caracterização religiosa da cidade, e o culto a São José na segunda metade do século XX .....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 – A Pombal de fins dos oitocentos a meados dos novecentos: cotidiano e vivência religiosa.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 – A Festa do Rosário de Pombal: fé e tradição .....</b>	<b>45</b>
<b>2.3 – Situando a devoção a São José na religiosidade pombalense: entre práticas e representações .....</b>	<b>50</b>
<b>2.4 – Da desesperança a esperança: significações do dia de São José no cotidiano e na religiosidade de Pombal-PB .....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO III - (RE)INVENÇÕES DA FÉ: a tradição de “roubar” São José na vivência religiosa pombalense .....</b>	<b>62</b>
<b>3.1 – A crença no inverno e nas colheitas por meio do “roubo” da imagem do padroeiro das chuvas.....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 – Os acompanhamentos no pós-colheita: confraternizar, agradecer e festejar diante do sagrado .....</b>	<b>69</b>
<b>3.3 - Outros momentos da tradição: histórias e memórias do “roubo” de São José nas comunidades Estrelo e Juá .....</b>	<b>76</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>
<b>FONTES ORAIS (ENTREVISTAS).....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

Produzir uma história que se constitui por meio de situações que de certa forma fizeram e fazem parte de nossas vidas, é, no mínimo, gratificante. Todos nós vivenciamos uma experiência e uma trajetória ao longo do tempo e, sem dúvida, somos todos agentes históricos. No entanto, talvez por estarmos constantemente sobre a pressão do viver, nem sempre nos percebemos como este sujeito que é igualmente portador e produtor de história. Como um sertanejo e como um pombalense, gostaria de dizer neste momento que este trabalho me fez sentir como parte integrante da historicidade destes lugares. Tendo em vista que ele problematiza vivências católicas de uma sociedade tradicional, como alguém que faz parte dela, as análises aqui empreendidas remetem-se a mim, à minha família, e aqueles que fizeram e fazem parte de minha vida.

Não é necessário, portanto, dizer que a religiosidade que aqui apresento é característica de meu grupo familiar, que é baseado em um patriarcalismo histórico da sociedade brasileira. Porém, gostaria de apresentar brevemente minha relação com o objeto que aqui nos propomos a discutir: a prática católica em torno de São José. Sem dúvida, parte do que me motivou a discutir o culto a este representante do sagrado em Pombal foram as percepções que tive de suas implicações em meu próprio cotidiano.

Como filho, neto e bisneto de agricultores do sertão nordestino, que também residiu a maior parte da vida na zona rural, eu me encontro (ainda) inserido em um imaginário que atribui grande importância ao dia 19 março, dia de São José, padroeiro das chuvas para os sertanejos. Cresci, desta forma, também reproduzindo as significações do sagrado presentes em uma imagética religiosa características destes lugares. Em muitas ocasiões quando estava com meus familiares, principalmente os mais velhos, no sítio onde residíamos, eu os ouvia narrar calorosamente inúmeras histórias e experiências de vida neste sertão. Dentre estes contos, um dizia respeito ao “roubo” de santo. Era desta forma que eles se referiam a tradição de se “roubar” a imagem de São José, rito religioso por meio do qual os fiéis sertanejos pediam pela graça da chuva.

Este quadro religioso era e é parte da própria convivência com o lugar. Ele, portanto, o representa, faz ver uma realidade presente. (CHARTIER, 2002). Este lugar, o sertão de Pombal-PB entre os anos 1950-1980, é compreendido por aqueles que o habitavam, nossos colaboradores que sempre fazem referência a um *passado*, como um espaço de vida difícil, porém possível, se considerarmos a confiança que eles depositavam no sagrado para superar

adversidades. Falamos aqui de situações relacionadas à estiagem e às dificuldades socioeconômicas; falamos de pessoas relegadas a situações de coadjuvantes no espaço social onde, na realidade, elas são muito importantes. Entretanto, foi muito interessante perceber como estas mesmas pessoas minimizam ou mesmo escarnam destas situações aparentemente negativas por meio de sua cultura, neste caso a cultura religiosa.

São, portanto, as significações e ressignificações do sagrado praticadas neste e para este cotidiano, por meio do culto daquele que é apropriado como o santo padroeiro das chuvas, que aqui nos interessam. Para tanto, nos apropriamos de uma determinada visão sobre o catolicismo brasileiro que o percebe sob várias contingências históricas, e que o conceitua sob diferentes perspectivas devido as inesgotáveis formas por meio das quais o enxergamos, pensamos e o compreendemos. Com a contribuição de estudiosos do fenômeno religioso no Brasil, dentre os quais destacam-se Hoornaert (1991), Souza (2009), Mott (1997), Andrade (2010) e Teixeira (2005), compreende-se que as manifestações do sagrado analisadas neste trabalho são as que compõe o catolicismo percebido nesta historiografia como “popular”.

Esta prática religiosa se constitui por meio de genuínas manifestações de fé dos fiéis, que correspondem às próprias dimensões da vida destas pessoas, bem como as suas sensibilidades. Desta forma, estes sujeitos desenvolvem sua percepção de mundo, nem sempre valorizadas, mas que os permitem trilhar seus próprios caminhos que, neste caso, se traduz em uma invenção de uma religiosidade propriamente sua. Estas concepções baseiam-se nas que Hoornaert (1991) apresentou em seu clássico estudo sobre a formação do catolicismo brasileiro. Segundo este autor, para se compreender de fato o que chamamos de religiosidade católica no Brasil, é preciso enxergá-la para além dos quadros institucionais da Igreja Católica:

Mas acontece que o catolicismo não é só instituição, ele é também expressão de vida e de sentimentos. Dentro da mesma instituição pode haver diversas maneiras de encarar a vida, os problemas sociais e morais, e pode haver antagonismo entre as diversas maneiras de ‘viver’ o catolicismo. (HOORNAERT, 1991, p. 24).

Neste caso, há um quadro analítico para as práticas religiosas que nos orienta a buscá-las e a compreendê-las onde elas ecoam mais fortemente, onde elas são reflexos de uma forma particular de se posicionar frente a vida, a morte e o além. Aparentemente, estamos diante de ritos religiosos que, portadoras de uma leveza, tornam menos ortodoxas as relações com o sagrado. O que oferece legitimidade ou mesmo razão de existência desta religiosidade “popular” é o culto aos santos que, para Teixeira (2005), é em grande parte responsável por

dinamizar a prática católica brasileira. De acordo com Andrade (2010), o catolicismo é centralizado nos ritos sagrados destinados aos santos e as santas, sejam estes oficiais ou não:

Conceituo como religiosidade católica todas as manifestações que envolvem as crenças e práticas ligadas ao catolicismo, que tem como ponto crucial o culto aos santos reconhecidos ou não pela Igreja. É o contato com um transcendente que, apesar de estar fortemente ligado ao institucional, ao mesmo tempo distancia-se dele, num processo de apropriação que muitas vezes marca um conflito simbólico na adoção de crenças e práticas não sancionadas. (ANDRADE, 2010, p. 132).

As discussões que buscam compreender o que é o catolicismo brasileiro como uma possível diferença entre sua esfera “popular” e a institucional é densa e complexa. Apesar de nossa prática católica ser vista como plural e diversa, segundo Andrade (2010), fazer segregações pode levar a um reducionismo da religiosidade que compreendemos como “popular”. Por esta razão, seguindo a linha pensada por esta autora, consideramos mais coerente pensar que a religiosidade é uma apropriação do institucional. Existe, portanto, a Religião Católica, o âmbito institucional, e uma religiosidade que é a forma pela qual o fiel vivencia a sua religião. O que consideramos aqui como “popular” ou leigo, diz respeito às práticas religiosas de caráter local ou mesmo privado que mantêm certas distâncias da *instituição* e não de uma religiosidade que, em tese, pertenceria a ela. Ainda assim, pela dificuldade de conceituação e por esta historiografia ainda utilizar a noção de “popular”, seguimos utilizando este termo para se referir às manifestações católicas próprias dos fiéis.

Esta prática católica é então perpassada pelo o culto aos santos, representantes do sagrado que deixaram um forte legado por meio de suas vidas e que se relaciona a martírios, caridades, justiça, honestidade, e muitas outras virtudes que inspiram os fiéis a elaborarem formas devocionais diretamente ligadas a estas virtudes. (ANDRADE, 2010). É nesta ponte de ligação do fiel com as histórias e as atribuições dos santos que emergem as mais variadas manifestações religiosas e formas de se conectar ao sagrado, principalmente no catolicismo brasileiro. “A plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o ‘outro mundo’.” (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

Para Eliade (1992, p. 79), “objetivo último do historiador das religiões é compreender, e tornar compreensível aos outros, o comportamento do *homo religiosus* e seu universo mental”. Esta ideia parte da premissa de que se pode realizar análises específicas da cultura e da sociedade a partir de determinados comportamentos que o homem apresenta em suas

manifestações religiosas. Desta forma, existe uma conjuntura simbólica que pode ser tanto criada quanto (re)apropriada por este “homo religiosus” por meio da qual pode-se compreender, além dele próprio, o contexto sociocultural do qual ele faz parte.

A análise histórica, portanto, é efetuada por meio desta produção simbólica ou de representações, presentes na religiosidade. Desta forma, adentramos agora em um campo teórico que nos orienta a pensar as ações humanas por meio das representações de mundo que os sujeitos tanto se apropriam quanto produzem, e pelos esquemas operatórios por eles desenvolvidos e utilizados para criarem um mundo tal como eles o pensam. De acordo com Chartier (2002), estas representações, também vistas como práticas, podem ser compreendidas como visões, signos e abstrações de um mundo criado a partir delas mesmas:

Desta forma, pode-se pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fossem. (CHARTIER, 2002, p. 19).

Para este historiador, o que devemos compreender é como estas representações do mundo social são apropriadas, e o que encontra-se por trás desta apropriação. Geralmente, ela está relacionada a interesses coletivos, a produção de identidades e as posições dos sujeitos frente à sociedade. Assim, “esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, [e] [...] dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo”. (CHARTIER, 2002, p. 27).

A noção de apropriação, entendida pelo autor como pressuposto para uma história das interpretações, constitui-se como um dos pontos cruciais para as análises empreendidas neste trabalho, quando buscamos entender como certas representações do sagrado são (re)apropriadas pelo “popular” ganhando assim novos significados enquanto conferem outros ao mundo do fiel. A questão que se coloca neste momento nos remetem a uma compreensão dos comportamentos utilizados pelos sujeitos para reelaborarem determinadas normas socioculturais que a eles são impostas, e que neste caso seriam as da instituição católica.

Estas concepções são relativas as chamadas invenções cotidianas, apresentadas e discutidas por Certeau (1998), e que são os resultados de certas posturas “populares” das quais nos referimos. Para este autor, deve-se considerar estes pressupostos pois,

A presença ou a circulação de uma representação (ensinada como o código de promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. (CERTEAU, 1998, p. 40).

Nesta linha de pensamento, as atenções se voltam para as táticas e as estratégias, e também para as formas de ver e de fazer criadas pelo homem por meio de seu cotidiano e utilizadas nele próprio, o que configura esta “manipulação” mencionada pelo autor. Por esta razão, fala-se também em reinvenções, pois trata-se de um cotidiano que, de certo modo, é inventado a partir dele mesmo. “Essas práticas colocam em jogo um *ratio* ‘popular’, uma maneira de pensar investida em uma maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.” (CERTEAU, 1998, p. 42). O olho do pesquisador, portanto, atenta-se para as práticas historicamente localizadas, vistas com desinteresse por muito tempo, mas que confessam uma rica possibilidade de compreender a cultura e o funcionamento mais amplo da sociedade.

As normas que mencionamos, que podem ser tanto de um determinado padrão social e cultural ou mesmo proveniente de instituições, devem ser percebidas enquanto um sistema que jamais conseguirá exercer pleno controle sobre aqueles que supostamente estariam sobre sua tutela. É por uma margem de ação, que segundo Levi (2011) seriam brechas normativas, que o sujeito, pensante e ciente desta margem, procura incutir neste sistema seus próprios posicionamentos e valores. Portanto, entende-se que “os comportamentos individuais não são mecanicamente determinados: eles refletem o uso que cada uma faz da margem de manobra de que dispõe numa situação dada, do seu universo de possíveis”. (ROSENTAL, 1998, p. 159).

As práticas e as tradições religiosas tanto fazem parte, como são em certas situações construtoras das experiências e trajetórias que perpassam o tempo da vida de muitas pessoas. Por esta razão, entende-se que elas são agregadas aos processos de transmissão destas experiências vividas, o que as situam em meio a diferentes temporalidades presentes na memória dos sujeitos. (DELGADO, 2006). Portanto, considerando esta transmissão das tradições religiosas através das gerações, compreendemos que a metodologia da História Oral nos fornece o suporte necessário para analisar as práticas religiosas aqui apresentadas.

Seguindo este modo do fazer historiográfico, nos deparamos com discussões em torno da memória. Gostaríamos então de iniciá-las por meio do que Delegado (2006) afirmou sobre a relevância histórica deste conceito em uma modernidade portadora de relações efêmeras, de onde se formam processos de perdas de identidades construídas pela própria memória:

O mundo moderno, caracterizado por uma temporalidade frenética e em permanente transformação, vive um processo de desenraizamento. A memória tende a perder sua função de entrecruzamento de múltiplos tempos. À História, conquanto processo cognitivo, do qual o homem é o principal sujeito, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de suas identidades, por meio de sua integração na dinâmica sincrônica da vida em coletividade. (DELGADO, 2006, p. 51).

Em concordância com a autora, nosso trabalho tem em perspectiva tornar perceptível e compreensível esta “dinâmica temporal”. Por conseguinte, os pombalenses que contribuíram para nosso trabalho com seus inestimáveis relatos de vida, Sr. Sebastião Filho, Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves, Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida e a Sr.<sup>a</sup> Maria França (dona Socorro), terão a oportunidade de recriarem suas experiências de vida por meio das temporalidades, ao passo que podem se perceber como agentes integrantes de uma história que, afinal, encontra-se em um processo natural de esquecimento por meio destas mesmas temporalidades.

Por meio do processo mnemônico, portanto, é dada a oportunidade deste sujeitos reviverem momentos importantes de seu passado a partir de seu presente, pois “*a memória é o lugar das articulações factuais e das impressões subjetivas sobre o vivido. É a memória que atualiza os fatos e impressões e não vale nesse campo supor que o movimento mnemônico seja preciso*”. (MEIHY, 2010, p. 181-182). Nos apropriamos, neste caso, do que este autor compreende como memória oral que, diferente da memória escrita, preza pela espontaneidade presente na narrativa oral que inclui, segundo ele, momentos ilusórios, imprecisos e inexatos. Desta forma, Meihy (2010) nos faz compreender uma dinamicidade por trás da memória oral que deve ser respeitada e articulada com as pretensões desta História Oral que pensamos para este estudo.

Parte da prática religiosa aqui analisada parte de um âmbito individual e subjetivo e culmina em momentos coletivos. Tais momentos estão predispostos a uma maior preservação pela memória destes fiéis católicos, uma vez que “o passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos”. (DELGADO, 2006, p. 16). Para a autora, são momentos da vida em comunidade que, no processo mnemônico, ajudam a aflorar as memórias coletivas que, por sua vez, são perpassadas pelas individuais. Desta forma também compreende Meihy (2010), quando diz, referindo-se em relação entre a memória individual e a coletiva, que

De um lado da moeda, o indivíduo se porta como sintetizador de experiências, filtradas pela conjugação de circunstâncias que marcam cada pessoa, mas, na outra ponta fica garantido o experimento coletivo, pois o indivíduos não



pensam senão pelo complexo de fatores que determinam o alinhamento do grupo. (MEIHY, 2010, p. 184).

Uma vez apropriada o conceito de memória oral, a história que praticamos neste trabalho é uma história do tempo presente. Isto, no entanto, não se deve ao fato de que nossos entrevistados encontram-se ainda vivos, mas sim ao fato que eles partem de seu presente para recriarem as práticas religiosas mais características de seu passado, por meio de suas narrativas que, segundo Meihy (2010), não pode fugir das situações vividas no presente. Não obstante, o historiador terá ainda alguma relação com a morte<sup>1</sup>, pois mesmo trabalhando com a vida, ele tem, neste caso, a pretensão de não deixa-la morrer.

Este é, portanto, o quadro teórico-metodológico pensado para construir nossa análise das (re)significações do sagrado presentes no culto a São José na cidade Pombal (PB). Por meio dele, serão suscitados questionamentos relativos aos significados da devoção a São José para a religiosidade e para o cotidiano pombalense, as formas como seu culto religioso é ali apropriado e depois representado, e ainda questões relativas a como as práticas sagradas destinadas a este santo relacionam-se à cosmovisão do sertanejo pombalense. Para responder a esta problemática, o trabalho foi pensado por meio de três capítulos.

No primeiro deles tratamos de compreender a formação de uma prática católica resignificada no Brasil por meio de uma análise historiográfica. Para tanto, nos remetemos aos períodos colonial e imperial brasileiro, onde foram discutidos aspectos a eles inerentes que vieram a influenciar na construção de um catolicismo que nos é próprio, e portador de diversificadas reelaborações que serviam às necessidades de uma sociedade em formação. Neste momento, pensamos inicialmente num quadro religioso por meio do hibridismo cultural ocorrido em nossa formação social. Posteriormente, situamos esta prática católica dentro de diversas situações das vivências locais e privadas da Colônia e do Império. Por fim, buscamos discutir os ritos em torno dos santos e das santas mais populares destes períodos, afim de se compreender como estes representantes relacionavam-se às resignificações do sagrado.

O segundo capítulo foi construído a partir de dois momentos: um relativo a História de Pombal e o outro ao culto de São José em seu cotidiano. Em relação a Pombal, buscamos inicialmente entender esta cidade a partir do momento em que ela se consolida, na passagem do século XIX para o XX. Em seguida, partimos para uma análise de sua religiosidade que sedimentou-se ao longo dos novecentos, onde apresentamos alguns de seus momentos mais

---

<sup>1</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

importantes, a exemplo da festa da padroeira e a Festa do Rosário que, por sua vez, tem forte influência na formação de uma religiosidade “popular” pombalense.

Já no momento destinado ao culto a São José, o situamos dentro do quadro das devoções pombalenses, onde foi possível perceber que este sertanejo estabeleceu fortes vínculos com o santo por entender que há conexões e analogias entre suas representatividades e atribuições e o sertão. Concluimos o capítulo discutindo os significados em torno do dia do santo padroeiro das chuvas para o cotidiano e para a religiosidade pombalense, onde pudemos compreender principalmente sua importância para as experiências de inverno e as práticas religiosas ressignificadas construídas por meio destas mesmas leituras tipicamente locais.

No terceiro e último capítulo, realizamos uma análise de uma prática específica que institui o momento maior das devoções em torno deste santo em Pombal: a tradição de “roubar” São José. Foi por meio deste rito religioso que compreendemos como estas reelaborações do sagrado que temos mencionado conectam-se fortemente às visões de mundo dos fiéis a partir das compreensões que eles têm de si próprio, de seu lugar e da cultura religiosa da qual fazem parte.

Primeiro existe a ação que configura o “roubo” da imagem do santo, que o pombalense entende como uma espécie de voto com São José que o fará enviar as chuvas que garantirão um bom inverno e principalmente as boas colheitas. Posteriormente, tendo seus pedidos atendidos, o devoto devolve a “imagem” à casa que “roubou”, por meio da procissão do chamado acompanhamento, da qual participam muitos outros fiéis, que juntamente com o praticante desta tradição festejam a graça recebida. Por último, analisamos ambos os ritos desta prática religiosa nas comunidades rurais pombalenses do Estrelo e do Juá, onde percebemos e compreendemos outros momentos do “roubo” de São José, igualmente portadores de uma inventividade que conferem novos significados para o sagrado e para o sertanejo de Pombal.

Concluimos, desta forma, um trabalho que historicizou um dos maiores símbolos da cultura brasileira e principalmente da nordestina: as manifestações religiosas. O “roubo do santo” é expressão do pensar, do sentir e do agir. A religiosidade é, portanto, uma representação maior da cultura, que nos permite compreender detalhadamente o comportamento humano.

A História das religiões e das religiosidades é tema vasto na produção historiográfica e sociológica no Brasil. No entanto, como enfatiza Andrade (2009), devido à constante possibilidade de reinterpretação do fenômeno religioso, muito ainda pode ser explicitado e problematizado no tocante a seus estudos. É isto, portanto, o que faremos aqui.

## CAPÍTULO I

### **UM HISTÓRICO DAS RESSIGNIFICAÇÕES DO SAGRADO: a construção de um catolicismo “popular” no Brasil**

Para uma análise das práticas católicas da Pombal novecentista, deve-se atentar para a formação histórica da prática católica brasileira. Isso remete ao período da formação de nossa sociedade, na qual ocorreram profundas interações entre diferentes matrizes culturais, onde se podem problematizar as imbricações que tais interações acarretaram no quadro de uma religiosidade católica contemporânea.

Neste escrito será abordado justamente aspectos deste catolicismo multiforme que se formou em complacência com a própria formação social e cultural brasileira, como nos apresenta a historiografia que se dedicou a estudar o tema. Para tanto, autores como Hoornaert (1991), Souza (2009), Mott (1997) e Freyre (2006), que analisaram a religiosidade em nosso período colonial, assim como Abreu (1994) e Reis (1991) que estudaram aspectos da sociedade e do catolicismo brasileiro no período imperial, nos auxiliarão a pensar como o contexto social e cultural do Brasil de outrora influenciou na constituição de uma prática católica ressignificada diante do cotidiano na qual ela ocorre.

#### **1.1 – Um catolicismo pensado a partir da formação híbrida da sociedade brasileira**

Segundo Peter Burke (2010), as sociedades e as culturas em diferentes momentos históricos são essencialmente híbridas. O autor formula esta concepção ao se apropriar do conceito de Hibridismo Cultural e aplicá-lo a basicamente tudo que perpassa por nosso cotidiano. Para tanto, ele analisa elementos que nos são habitualmente característicos, a exemplo da linguagem, a culinária, a leitura, e, é claro, a religião, e conclui que todos eles são inevitavelmente oriundos de encontros culturais, que em sua percepção são múltiplos e diversos, onde não se pode enxergar a existência de uma cultura ou prática cultural específica, por exemplo, como sendo originária de apenas um único encontro.

Em determinadas interações culturais de caráter mais específico, utiliza-se também a noção de sincretismo, que, para Burke (2010), seria uma terminologia designada para alguns contextos onde ocorre o chamando hibridismo de culturas. Isto é comum em estudos do fenômeno religioso, onde o termo sincretismo é classicamente empregado nas análises do hibridismo entre diferentes matrizes religiosas. Grande parte da historiografia aqui explorada

adota o conceito de sincretismo para analisar aspectos do fenômeno religioso no Brasil. Seguiremos essa mesma linha de pensamento<sup>2</sup>.

Antes de tudo, pode-se abrir uma interrogação sobre o tipo de relação existente entre religião e religiosidade e o sincretismo. De acordo com Ferretti (2007), não há crença religiosa que não seja sincrética, que não apresente em si elementos procedentes de outras tradições religiosas que acabam não somente se conectando, mas também se identificando. Para Hoornaert (1991), em determinadas situações estes elementos podem não ser aceitos como sincréticos, principalmente pelo clero. No entanto, eles encontram-se presentes em pequenos detalhes de muitas tradições religiosas, inclusive daquelas que julgam-se as mais puras, a exemplo da religião disseminada pela Igreja Católica. Portanto,

Consideramos o sincretismo, como elemento essencial de todas as formas de religião, que está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral, como em diversos elementos da religião oficial, por exemplo, no Catolicismo. (FERRETTI, 2007, p. 112).

Compreende-se, portanto, que a própria noção de catolicismo “popular” perpassa inevitavelmente pela de sincretismo, por ele pluralizar os sentidos da prática católica, principalmente aquela mais conectada ao universo da cultura “popular”. Seria assim, “a tal ponto que, de fato, um catolicismo não - popular inexistente; e o que conhecemos é, inevitavelmente, sincrético”. (SOARES, 2002, p. 45).

Para além de uma interação exclusiva entre crenças religiosas, uma relação entre religiosidade e sincretismo ocorre também por meio da inserção de práticas não necessariamente religiosas. De acordo com Hoornaert (1991), existem elementos os mais diversificados possíveis dentro de determinadas instituições religiosas. Se compreendermos de forma mais rígida as análises de Burke (2010) acerca de interações entre elementos culturais múltiplos e diversos, deve-se compreender que a religiosidade poderá se apropriar de outros elementos que podem ser exteriores ao ponto de vista religioso.

Até hoje as festividades comemorativas dos dias de São João e de São Pedro no Nordeste, por exemplo, estão sempre associadas a produção do milho e as boas colheitas, o que aproximam religiosidade e atividades agrícolas nesta região desde longas datas. A própria imagem de São José é “roubada” durante o inverno por este santo ser o padroeiro das chuvas no Nordeste. Em sentido mais amplo, o catolicismo chamado de patriarcal, característico dos

---

<sup>2</sup> Em discussões mais recentes o termo hibridismo tem sido mais recorrente que o de sincretismo, contudo este último ainda é mais específico para os estudos acerca da religiosidade.

domínios senhoriais dos tempos coloniais, “[...] é um sincretismo entre a religião católica ibérica e o ambiente escravocrata no Brasil”. (HOORNAERT, 1991, p. 75). Percebe-se, portanto, que a prática católica, principalmente a de devoções em torno dos santos, conforme o contexto no qual se encontra, pode estar em conexão com elementos não religiosos, que em determinadas situações fornece sentido a tais práticas.

A formação católica brasileira liga-se diretamente ao hibridismo cultural, bem como ao sincretismo religioso que aqui ocorreram em função do choque entre culturas provocado por meio do sistema colonial português. (HOORNAERT, 1991). Os encontros culturais, tal como são apresentados por Burke (2010), estariam mais que nunca na base da formação sociocultural do Brasil. Nossos costumes e tradições, e principalmente nossa identidade gestaram-se através dos encontros entre as culturas europeia, africana e indígena ocorridas principalmente durante o período colonial, como tão veementemente destacou Freyre (2006) em “Casa-grande & Senzala”. Dentro dessa linha de pensamento nenhum elemento caracteristicamente brasileiro escaparia ao híbrido.

A questão que aqui se faz necessário compreender é a de como a mistura de matrizes culturais antagônicas ocorrida ao longo da história brasileira, contribuiu para a formação de uma prática católica multiforme que agregou a si uma série de elementos que, em princípio, seriam estranhos à ortodoxia da Igreja. Isso acarretou na formação de um catolicismo genuíno destas terras, onde, segundo Souza (2009, p. 121), uma característica essencial da formação da prática católica no Brasil Colônia, foi “[...] justamente o seu caráter especificamente *colonial*. Branca, negra, indígena, refundiu espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado”.

Segundo Freyre (2006), a presença ameríndia legou fortes traços ao nosso cotidiano colonial. Os indígenas estariam na base de uma formação familiar Ocidental no Brasil, onde muitas nativas foram tomadas por esposas pelo português colonizador. Para este autor, a mulher nativa convertida ao catolicismo foi um elemento fundamental no cotidiano doméstico daquela sociedade em formação, agregando a ela muitas das tradições, costumes e experiências dos nativos que se apresentaram de suma importância dentro das vivências coloniais. Das tradições e experiências ameríndias, muito se aproveitou principalmente na culinária, em técnicas agrícolas e vegetais e na medicina caseira. (FREYRE, 2006).

Dentro desta lógica, o catolicismo que se formava na Colônia herdaria também traços específicos das tradições e dos costumes cotidianos indígenas. Freyre (2006) apresenta alguns elementos da cultura nativa que se agregaram às práticas católicas trazidas pelos europeus. Pode-se destacar principalmente o misticismo, a magia e a profilaxia daqueles que já habitavam

estas terras, como aspectos desta cultura que penetraram no catolicismo romano do colonizador. Estes e outros aspectos característicos dos índios quebrariam a uniformidade de um padrão católico europeu no Brasil. (FREYRE, 2006).

Ao estudar a feitiçaria e as práticas mágicas do Brasil colonial, Souza (2009, p. 208) diz que ambas “[...] mostram sua filiação cultural de forma quase transparente; nelas, resgatam-se com facilidade os traços europeus, indígenas, mais raramente os africanos (pois o tráfico apenas se iniciava)”. Desta forma, principalmente antes da intensificação da presença africana na colônia, a maior influência em práticas de sortilégio, curandeirismo e benzeduras presentes na religiosidade popular colonial viria da cultura nativa. A autora mencionada também destaca que os conhecimentos ameríndios acerca das ervas e procedimentos rituais foram utilizados na medicina popular trazida pelo europeu.

Encontra-se influência do sincretismo indígena-católico em muitas práticas caseiras no período colonial, a exemplo das práticas de adivinhações também analisadas por Souza (2009). Segundo a autora, constam nos autos de inquisição que Manuel de Pacheco Madureira utilizava-se da prática de adivinhar juntamente com uma reza que teria aprendido com uma índia. Em situação similar, Souza (2009) apresenta o caso do escravo Marçal que aprendeu a praticar adivinhação com balaio e tesoura através da índia Quitéria, onde constavam também orações destinadas a São Pedro, São Paulo e São Thiago. Deste modo, para a historiadora, “a popularidade alcançada por esta prática entre índios e entre a população mestiça do Norte ilustra bem o processo de sincretismo das práticas mágicas na colônia. Ele avançou junto com a colonização, intensificando-se no século XVIII”. (SOUZA, 2009, p. 2014).

O catolicismo que emergia nos trópicos via-se inevitavelmente rodeado, quando não diretamente ligado, à mística e à magia ameríndia. Elas estiveram presentes em benzeduras, curas e adivinhações de onde sempre se invocavam elementos católicos, como ladainhas, jaculatórias e ainda orações aos santos de devoção pessoal. A religiosidade pregada pela Igreja Católica estava absolutamente sendo recriada a partir das possibilidades oferecidas pela vivência na sociedade que se formava no Brasil Colonial.

Outro aspecto da cultura ameríndia que o catolicismo brasileiro pode ter herdado é a profilaxia, que são ritos de prevenção. Segundo Freyre (2006), era comum que os índios utilizassem certas práticas para repelirem espíritos maus, onde em uma delas eles adornavam o corpo e pintavam-no de vermelho. Observa-se uma tendência similar em certas práticas católicas. O próprio Freyre (2006) destaca que os portugueses no mesmo período passaram a utilizar a cor vermelha em muitos elementos, inclusive em quadros de milagres. Adornar quadros ou imagens sacras com objetos e enfeites é, aliás, um costume comum no Brasil.

Existem diversas manifestações no catolicismo brasileiro que se pode percebê-las como ritos preventivos. Na Bahia em fins do século XIX registrou-se um costume de mudar imagens de santo de lugar para que chovesse, como atesta Souza (2013) a partir de relatos de Euclides da Cunha. Há também um costume popular onde a imagem de Santo Antônio é posta de ponta-cabeça dentro de um pote por mulheres receosas de não encontrarem parceiro para casar. Em outras práticas, as imagens de santos são cobertas com panos antes de certas cerimônias. Os católicos costumam usar crucifixo ou escapulário no peito para se prevenir de “males”, assim como os índios utilizavam chocalhos e colares como amuletos místicos. Compreende-se, portanto, que práticas desta natureza de algum modo relacionam-se à profilaxia proveniente da cultura nativa, onde elas podem ser reinvenções das práticas indígenas através de elementos católicos.

Somava-se a influência cultural indígena sobre a sociedade brasileira, aspectos da cultura africana trazidos até o Brasil no período da escravidão. A presença africana nos trópicos foi um dos aspectos mais louvados por Freyre (2006), onde, para ele, um caráter mestiço, colorido e dinâmico da cultura brasileira muito deve à plasticidade e irreverência presentes nas tradições originárias da África quando somadas ao contexto sociocultural do Brasil. Compreende-se este ponto de vista do sociólogo pernambucano quando ele nos diz que o africano ou seu descendente em terras do Brasil português teria sido,

[...] um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degredados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. (FREYRE, 2006, p. 390).

A cultura maometana, de acordo com Freyre (2006), seria um dos elementos trazidos pelos escravos que se integrou ao catolicismo brasileiro, onde principalmente a prática católica das casas grandes teria recebido esta influência africana específica. Isto é reforçado quando lembramos que Hoornaert (1991) afirma que o catolicismo patriarcal surge do sincretismo entre a prática católica portuguesa e o ambiente escravocrata no Brasil, como mencionado anteriormente. Ainda de acordo com Freyre (2006, p. 394): “Encontramos traços de influência maometana nos papéis com oração para livrar o corpo da morte e a casa dos ladrões e dos malfeitores; papéis que ainda se costumam atar ao pescoço das pessoas ou grudar às portas e janelas das casas, no interior do Brasil.”

Uma questão bastante discutida nas análises acerca do hibridismo afro-brasileiro é relativa ao fato da cultura africana recriar suas identidades a partir da cultura brasileira. Esta

prática muitas vezes ocorreu apropriando-se da mistura de crenças, onde a cultura africana deixou forte legado ao nosso catolicismo. Autores como Ferretti (2007) e Soares (2002) discutem a afirmação ou justaposição de credences africanas ou delas descendentes em ritos e festas católicas no Brasil. Esta perspectiva deve ser considerada, pois, “[...] é preciso reconhecer a criatividade negra em refazer, a seu modo, a grande família africana. Há todo um caminho promissor, que precisa ser sempre mais trilhado, de redescoberta da contribuição positiva dos descendentes de africanos na gestação da família brasileira”. (SOARES, 2002, p. 46).

Para Soares (2002), o africano e seus descendentes encontraram analogias entre suas credences e a prática católica portuguesa, e, em certo sentido, contentaram-se em assumir uma prática católica ao menos exteriorizada. Esta seria então uma forma encontrada pelos escravos para sobreviver à aculturação imposta pelo contexto sociocultural que eles tiveram que encarar no Brasil. Portanto, elementos da cultura religiosa africana, dentro de analogias possíveis, aos poucos vão interconectando-se aos diversos ritos católicos, e isto está presente até os dias de hoje. Vejamos um exemplo que Ferretti (2007) nos fornece acerca do sincretismo afro-católico nos Terreiros de Tambor de Mina no Maranhão:

Assim nos terreiros de mina é comum a realização de festas do Divino Espírito Santo, de tambor de crioula, de bumba-meu-boi, banquete para os cachorros, ladainhas, procissões e outros rituais que são oferecidos em homenagens e como pagamento de promessa aos santos, aos caboclos, voduns, orixás e outros encantados. (FERRETTI, 2007, p. 111-112).

Neste rito de matriz cultural africana, enxerga-se a presença de alguns elementos tradicionais do catolicismo, como o Divino Espírito Santo, as promessas, procissões e os santos. Ocorre aqui uma interação de crenças de tal intensidade que caso o autor não definisse que o rito, em São Luís - MA, é proveniente da cultura afro-maranhense, não se saberia identificar sua procedência. Vale ressaltar que algumas religiões afro-brasileiras não exigem um afastamento do catolicismo, o que só contribui ainda mais para o sincretismo.

É nítida, portanto, a apropriação dos elementos católicos por parte das credences de matriz africana. Exemplos dessa apropriação são mencionados nas análises de Soares (2002) acerca do sincretismo afro-católico. Vejamos:

Com procedimentos desse gênero, os negros reinterpretam inúmeras festas católicas: Exu é festejado no dia de São Bartolomeu; Xangô, no dia de São João; Ogum divide as comemorações com São Jorge; Omolu, com São Sebastião; os Ibejis (orixás da infância), na festa de Cosme e Damião; Oxalá brilha nos festejos do ano novo (na Bahia, na festa do Senhor do Bonfim); e



Iansã, no dia de Santa Bárbara. (BASTIDE, 1971 apud SOARES, 2002, p. 50).

Enxerga-se desta forma um ajustamento estratégico entre as duas tradições religiosas, o que serve nitidamente aos interesses da cultura de matriz africana. Esta conexão ocorreu no sentido de uma reinvenção dos cultos de origem africana por meio da prática católica. Compreendemos desse modo, pois,

O sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa assim um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma ‘reinvenção de significados’ e uma ‘circularidade de culturas’. Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores também trouxeram da África e, eles e seus descendentes, ampliaram no Brasil. (FERRETTI, 2007, p.112).

Manter seus cultos “vivos”, mesmo que reinterpretados por meio do panteão católico, fazia parte da manutenção dos valores culturais por parte dos negros africanos transladados para o Brasil na condição de escravos e, assim, desterritorializados de sua cultura. A religiosidade foi um dos meios utilizados para este fim. A significação que estes cultos reelaborados teriam para a cultura afro-brasileira seria similar aos cultos dos antepassados africanos, mesmo que algo de católico perpassasse por esse meio e mesmo que eles ocorressem em um espaço fora da África. Apesar disto, era a simbologia africana que perdurava, o que parecia algo satisfatório.

Enxergando o sincretismo afro-católico desta maneira, deve-se concordar com Soares (2002, p. 49) em suas análises de Francisco C. Rolim, estudioso do fenômeno religioso no Brasil, quando ele nos diz que: “Os símbolos e ritos católicos são, portanto, reinterpretados pelo dinamismo selecionador da visão de forças vitais do mundo africano. Será o catolicismo a se africanizar, conclui Rolim, e não o contrário.” Um dinamismo criador presente na cultura africana teria legado ao catolicismo brasileiro justamente este seu caráter plástico, inovador e prático, sempre com diversas apropriações pelo “popular”.

## **1.2 – Particularidades da fé: características de uma vivência religiosa doméstica e local**

Para autores como Souza (2009) e Mott (1997), a pluralidade presente na prática católica brasileira foi sedimentada na vivência doméstica e local, sobretudo da Colônia. Para estes estudiosos, nossa religiosidade desenvolveu-se em consonância com às necessidades e

peculiaridades da sociedade que se formava durante o Brasil colonial. Por isto é importante que apresentemos também algumas de suas características.

De acordo com a historiografia aqui apropriada, compreende-se que muitos aspectos da vida privada na Colônia contribuíram para a formação deste catolicismo peculiar da sociedade que então estruturava-se. Algranti (1997), Del Priore (1997) e Souza (2009), por exemplo, discutem diversas manifestações da vivência doméstica da população colonial, onde, dentro delas, registra-se a ocorrência de práticas caseiras a exemplo de benzeduras, curandeirismos, sortilégios, ritos de passagem, dentre outras, que se apropriavam de muitos ritos católicos e os forneciam novos sentidos. Da vivência no Brasil colonial,

[...] emergem, portanto, situações de vida muito características, e que enquadram as manifestações do cotidiano e da intimidade das populações coloniais; como que uma camada intermediária, pela qual se articulavam aquelas estruturas fundantes e a recorrência dos acontecimentos. Delineava-se, assim, uma *camada intermediária de sensações* – distanciamento, descontinuidade, clivagem etc. – que iam balizando as manifestações do cotidiano [...]. (NOVAIS, 1997, p. 28).

Compreende-se desta forma que o cotidiano domiciliar particularizado, isolado e, acima de tudo, íntimo, promoveu a formação de inúmeras práticas e manifestações próprias do interior das moradias, para servir à manutenção da vida no Brasil colonial diante das situações que ela deveria enfrentar. “É efetivamente no domicílio que encontraremos os colonos interagindo com o meio natural, inovando nas formas de subsistência e vivenciando seus laços afetivos.” (ALGRANTI, 1997, p. 88).

De acordo com Freyre (2006), uma das principais características da sociedade patriarcal do período colonial foi uma prática religiosa regida sobretudo pela família estruturada a partir de seu domicílio, e que vivia estritamente conforme sua conveniência. Isto é notório quando o sociólogo afirma que “a história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à família e influenciado pelas crendices da senzala”. (FREYRE, 2006, p. 44). Sem dúvida, o autor busca enfatizar certa passividade por parte do escravo quanto a sua incorporação no catolicismo, o que de fato não ocorreu. No entanto, as compreensões de Freyre (2006) sobre uma religiosidade colonial sincrética nos ajudam a entender a formação desta prática católica ressignificada.

Aos poucos tomava forma no contexto sociocultural que se formava na Colônia uma prática católica conduzida pelo ambiente familiar, adaptada às particularidades de seu

cotidiano, e que estava sempre a serviço de suas necessidades diárias. As ações deste catolicismo conduzido pelo patriarcalismo familiar ocorriam geralmente dentro dos domínios senhoriais, onde não se tinha tanta preocupação ou sequer percebia-se algum comportamento anômalo em relação à ortodoxia romana. Deve-se perceber, no entanto, que esta religiosidade não era exclusiva do interior das residências senhoriais. A centralidade da casa-grande existia porque muitas dessas práticas católicas populares ocorriam nos domínios senhoriais, e mantinham fortes vínculos com a religiosidade proveniente dos escravos. Compreende-se neste momento que,

A religiosidade subordinava-se, dessa forma, à força aglutinadora e organizatória dos engenhos de açúcar, integrando o triângulo Casa-grande – Senzala – Capela; sua especificidade maior seria o familismo, explicador do acentuado caráter afetivo e da maior intimidade com a simbologia católica tão caracteristicamente nossos. (SOUZA, 2009, p. 120).

As chamadas artes de curar eram, e são ainda até hoje em muitas localidades, praticamente indispensáveis à vida privada para o imaginário do período colonial. Sabe-se que a insalubridade era algo constante neste período, onde ocorriam inúmeras mortes, principalmente de crianças e recém-nascidos, pela precariedade da vida em muitas regiões e também pela falta de uma medicina especializada. Assim, técnicas caseiras eram requeridas muitas vezes como a única solução viável em dados momentos. Vejamos a descrição de algumas das práticas e receitas para a cura de males e doenças, presentes no cotidiano da Colônia:

Remédios e mezinhas caseiras eram administradas pelas mulheres da casa, apoiadas pelo conhecimento de uma mucama mais experiente, ou pelos curandeiros que sofreram nas malhas da Inquisição sob acusação de praticarem sortilégios e feitiçarias. Algumas receitas caseiras de purgantes chegaram até nós, representantes da crença da época de que para se ver livres das doenças era necessário tomar purgativos a fim de limpar o sangue. (ALGRANTI, 1997, p. 197).

Em outras situações, alguns dos procedimentos de cura e sortilégios viriam acompanhados de orações, quando já não eram realizadas com relíquias sagradas e imagens ou evocação dos santos. Situações desta natureza são apresentadas em grande quantidade no já mencionado estudo de Souza (2009) relativo às práticas de feitiçaria no Brasil colonial. Vejamos um exemplo de uma prática de adivinhação onde constam elementos católicos que a autora retirou do Instituto de Arquivos Nacionais, Torre do Tombo, Lisboa: “A escrava negra

Maria Francisca, que morava com seu senhor na Rua Formosa, em Belém, adivinhara o furto de umas moedinhas com o sortilégio do balaio e tesoura, murmurando: ‘Vem são pita, vem São Paulo, à porta de São Thiago’ e nomeando as pessoas suspeitas.’ (SOUZA, 2009, p. 213-214).

Voltando a arte da cura, temos uma situação similar a anterior relatada pela mesma autora. Trata-se da cura do quebranto efetuada por José Januario:

Para combatê-lo [o quebranto], benzia o corpo todo do paciente com os dedos do indicador e polegar, ou então com a cruz de seu rosário; enquanto fazia as cruces, dizia: ‘Fulano, com dois to deram, com três to tirem. Em nome de Deus e da Virgem Maria’. A seguir rezava um padre nosso, uma ave-maria e uma glória ao pai à sagrada paixão e morte de Jesus. (SOUZA, 2009, p. 239).

Práticas que combinavam as artes caseiras com o catolicismo estavam presentes em outras situações da vida na Colônia, a exemplo dos ritos de passagem. De acordo com Del Priore (1997) era comum que as parturientes, ao momento de darem a luz, portassem “saquinhos” onde constavam orações destinadas aos santos de proteção pessoal, além de amuletos e outras relíquias. Isto muitas vezes ocorria quando estas mulheres eram orientadas a portarem as roupas do marido vestidas ao contrário. Normalmente em situações desta natureza as velhas e experientes parteiras utilizavam-se do máximo de seus conhecimentos quase sempre gestados no seio dos encontros culturais propiciados pelas vivências neste período, como foi discutido anteriormente.

O cotidiano que a florava nos trópicos parecia exigir uma praticidade das quais não estavam livres as mais profundas tradições religiosas. Com certeza a fé era o sentimento maior daqueles que faziam parte de uma sociedade patriarcal e profundamente católica durante o Brasil colonial. No entanto, certos costumes caseiros eram considerados importantes demais para que as pessoas abdicassem deles, mesmo que Igreja Católica os considerassem heresias e superstições. As artes caseiras estavam, portanto, em consonância com as tradições católicas das famílias, onde elas serviam-se mutuamente.

Além destas práticas mágico-religiosas mencionadas, outras apresentavam ainda acentuados desvios em relação à conduta orientada pelo clero. Mott (1997) apresenta o caso da escrava Luiza que, no Maranhão de 1754, tinha por hábito na hora de dormir separar as imagens de Jesus Crucificado e da Virgem Maria e dizia que “assim procedia para que Jesus não beijasse a Nossa Senhora e não tivessem filhos”. (MOTT, 1997, p. 167).

O mesmo Mott (1997) dedica ainda uma seção inteira de seu texto intitulado *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*, a situações muito peculiares de um grupo de donzelas recolhidas e entregues aos mais fervorosos ritos católicos. O autor alude para o fato

de que estas jovens, encontrando-se distantes de muitos conventos ou instituições religiosas similares, faziam de sua própria casa seu centro particular de recolhimento espiritual, onde a utilizavam somente para suas necessidades espirituais. Ali mesmo praticavam inúmeros ritos católicos, orações diversas, penitências, jejuns, autoflagelação, etc.

O espaço íntimo era o *locus* privilegiado de manifestações religiosas que na maioria das vezes faziam parte de um catolicismo ressignificado por meio do contexto no qual ele foi apropriado. Esta característica da prática católica no Brasil colonial é reforçada por Chahon (2014). Em suas análises da religiosidade vivenciada neste período, este autor afirma que nosso catolicismo era,

[...] não apenas majoritariamente laico, mas também distinguido por uma considerável autonomia desfrutada, no dia a dia, pelas concepções e práticas que compunham a vivência religiosa dos simples fiéis. Um catolicismo, de acordo com a expressão tantas vezes citada, de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Desenvolvido em bases relativamente independentes, esse catolicismo de perfil devocional e laico teria, ainda, nos limites da vida privada o seu cenário por excelência. (CHAHON, 2014, p. 90).

Percebe-se, portanto, que grande atribuição para o tipo de prática católica característica do Brasil Colônia, é dada a autonomia desfrutada pelos fiéis em relação à doutrina da Igreja Católica. A análise de uma religiosidade construída nestas circunstâncias assemelha-se a mesma que Ginzburg (1987) realizou acerca tanto de uma visão de mundo quanto de uma religiosidade particular criada pelo moleiro friulano Menocchio no século XVI. Este é um caso em que ocorre um dos maiores exemplos de como o sujeito pode criar sua própria cosmologia mediante o contexto em que se vive.

Em uma discussão similar à de Ginzburg (1987), Souza (2009) apresentou um caso específico do cordoeiro baiano Isidoro da Silva, que foi levado à inquisição no ano de 1729 por emitir proposições consideradas pelas autoridades eclesiais como anticlericais. Mesmo condenado, Isidoro emitiu o que pensava do catolicismo dizendo,

[...] que Deus pedira os dízimos para sustentar vadios, os quais eram os clérigos, e que os sacramentos eram escusados e cousa suposta, e que não havia necessidade de confessores por que ele Réu com fazer só um ato de contrição, e que os meninos, e mais pessoas, que morriam sem batismo iam ao céu, e que não havia nos homens poder para dizer eu te batizo, e só Deus era o que batizava, e não os clérigos, e se o faziam era para terem ofício com que ganhassem dinheiro sem trabalho, e assim os sacramentos do Batismo, e Penitência eram umas cerimônias, e as palavras, que neles diziam eram fantásticas. (SOUZA, 2009, p. 140).

Para a autora, Isidoro e Menocchio apresentavam visões similares em muitos pontos. Principalmente em relação a uma fé simplificada, sem sacramentos e uma crença mais centrada em Deus. O caso de Isidoro é mais uma vez representativo deste caráter estritamente local e colonial do catolicismo aqui desenvolvido, conforme afirmou Souza (2009).

Estas práticas características deste catolicismo colonial adentraram também em parte do Brasil Império. Elas vieram a conhecer as primeiras tentativas de restrição apenas a partir da segunda metade do século XIX, como perceberemos mais à frente. Segundo Abreu (1994), a religiosidade católica vivenciada no século XIX é uma herança direta do chamado catolicismo barroco, termo cunhado por Reis (1991) ao se referir a esta prática católica da Colônia. Isto é perceptível também através do estudo deste último autor, acerca das manifestações em torno da morte na Bahia de meados do século XIX, que apresenta o choque entre uma prática religiosa secular e às novas normas sociais e religiosas empreendidas pelo Estado e a Igreja respectivamente.

Antes de discutir propriamente os ritos fúnebres na Bahia oitocentista, Reis (1991) faz um apanhado sobre o contexto religioso daquela sociedade para justamente enfatizar, além de seu caráter autônomo, como ela encontrava-se cristalizada no imaginário popular a ponto de entrar em conflito com o que fosse em sua contramão. Dentre os casos que são claros exemplos deste catolicismo ressignificado que são apresentados pelo autor, dois ocorridos no segundo quarto do século XIX nos chamam a atenção. Vejamos:

Em 1831, um jornal noticiava que na ladeira do Alvo, perto do convento da Providência, morava o espanhol Agostinho, especialista em ‘fechar o corpo da gente para não entrar diabos, nem feitiços’. Pelo preço de 10 mil réis os enfeitados eram curados com uma bebida na qual ele mergulhara a coroa de uma imagem de santo. No mesmo ano, a pouca distância da Matriz da Conceição da Praia, um juiz de paz invadiu uma casa que, segundo denúncias de vizinhos, era um centro de bebedeira, prostituição e vidência. Lá se acharam várias imagens usadas nas sessões de adivinhação, inclusive ‘um Santo Antônio enforcado em uma corda, breves, Santos Senhor falsos, e outras coisas’. Santo Antônio, como se sabe, é o padroeiro dos adivinhadores, ajuda a encontrar coisas perdidas e até nunca tidas, como maridos. Enforcado, poderia estar pagando por algum trabalho mal feito. (REIS, 1991, p. 60).

Percebe-se aqui a continuidade destas diversificadas práticas sagradas que em alguns momentos misturavam catolicismo e magia, e em outros constituíam-se em exuberantes manifestações religiosas com fortes traços africanos, vistos pela Igreja como pagãs. No entanto, é justamente a partir deste período mencionado na fala do autor que, segundo Abreu (1994), este tipo de prática católica cairá nas malhas das novas normas sociais empreendidas pelo

Estado Imperial, antes de sofrer uma repressão da própria Igreja. Alguns dos ritos desta religiosidade passaram por modificações principalmente em relação aos locais onde eram praticados, o que, ao nosso ver, acabou reforçando o espaço privado como o local de suporte para muitas destas tradições católicas.

De acordo com Abreu (1994), os tradicionais batuques e tocatas de pretos, práticas tradicionais da religiosidade praticada pelas Irmandades Negras no Rio de Janeiro, passaram a ser perseguidas pelas autoridades civis a partir de 1830. A autora menciona principalmente o Código Municipal de Posturas como o meio legal que fundamentaria os cerceamentos a este tipo de manifestação religiosa que, segundo esta disciplina, perturbaria a ordem e o desenvolvimento da cidade.

Estas práticas, como salienta a mesma autora, encontrariam meios para continuarem a existir. Elas passaram desta forma a incidir mais sobre os espaços privados, sejam os dos próprios membros destas Irmandades, sejam os de pessoas que não enxergavam nada de ofensivo nos batuques e tocatas, e cediam locais propícios a este tipo de prática para estes grupos religiosos. Quando se remete as multas emitidas pelos fiscais sobre estas tradições em espaços não consentidos, a autora nos faz compreender esta situação:

Ora, se foi este o instrumento legal usado pelo fiscal, é fácil perceber que havia um espaço possível de realização dos batuques, ou seja, através do consentimento do proprietário e da complacência dos vizinhos. Com esta condição, entrava-se num terreno bastante subjetivo, que envolvia a noção de incômodo e a cumplicidade, ou não, dos vizinhos. (ABREU, 1994, p. 187).

Não se pode esquecer que este é um caso específico de uma intolerância a estas manifestações religiosas na capital imperial. Mas tendo em vista que as concepções de modernidade e desenvolvimento chegavam ao país nesta época, pode-se dizer que este tipo de catolicismo encontrou fortes barreiras também em outras regiões do Brasil, como deixa claro Reis (1991) em seu já mencionado estudo. Parafrazeando Chahon (2014), os limites da vida privada – que comumente impulsionaram a ocorrência de práticas católicas distintas – a partir de meados do século XIX seriam ainda mais requisitados para a manutenção e transmissão desta religiosidade.

Também neste período esta prática católica secularizada via-se no meio de uma nova repressão, agora eclesial. Para compreender melhor esta questão, vejamos antes como a Igreja se posicionava, em certas situações, em relação a estas práticas consideradas pagãs e desviadas de suas diretrizes no período colonial. Em muitas situações o clero, quando não era apenas

complacente com a religiosidade “popular”, onde fingia que suas práticas lhes passavam despercebidas, por vezes, usufruía dela própria em seu benefício.

De acordo com Mott (1997), neste período alguns párocos enviavam enfermos para tratamento com calundzeiros por acreditarem em uma melhor eficiência de suas práticas na cura de certos males. Em meio a algumas situações desta natureza mencionadas pelo autor, pode-se tomar como exemplo o caso do frei Alberto de Santo Thomás. Segundo Mott (1997), frei Alberto, que era ferrenho crítico das chamadas “mandingas”, dentre outras práticas do gênero, passou a tratar enfermos com benzeduras utilizando-se de água e sal enquanto o paciente usava vestimentas exóticas. Este religioso usava também em outras situações certas “bolsinhas” com cozimentos as quais os doentes usavam no pescoço. Frei Alberto, temeroso de suas práticas, se pôs diante de seus pares para que suas ações fossem avaliadas conforme a diretrizes da Igreja e acabou absolvido. (MOTT, 1997).

Em outra situação, Freyre (2006) afirma que o Jesuíta André João Antonil recomendava que os senhores não proibissem aos negros os seus folguedos, que seriam seu único alívio. Ou seja, deveria-se permitir que os escravos se utilizassem de certas práticas próprias da cultura africana como formas de abrandar as condições a que estavam submetidos. Esta assertiva é reforçada por Souza (2009) que se apropria da mesma fala do Jesuíta. A autora ainda menciona que o sincretismo seria, de certo modo, outorgado pelas elites que viriam a aceitar orientações como as de Antonil. Ainda assim, deve-se ressaltar com base nos estudos de Soares (2002) e Ferreti (2007) que além desta permissividade, muitas práticas religiosas populares no Brasil colonial e também imperial foram apropriadas como resistência ao sistema, principalmente pelos escravos.

A própria característica da sociedade do Brasil português obrigava a Igreja Católica em muitos momentos a assumir um comportamento passivo em nome da disseminação da fé. Longe de exercer qualquer controle sobre muitos destes ritos religiosos aqui apresentados, a Igreja aceitou ainda um papel atuante de muitos leigos<sup>3</sup> em seu sistema catequético por longo tempo. (CHAHON, 2014).

Preocupada tanto com a fragilidade de seu sistema eclesial quanto com a autonomia leiga por trás dos cultos religiosos, principalmente na América Latina e no Brasil, por volta dos anos 1860-70, a Igreja Católica buscou fortalecer sua doutrina em detrimento destas manifestações católicas “populares” por meio de uma reforma que ficou conhecida como

---

<sup>3</sup> Entende-se aqui por leigos os sujeitos que não faziam parte do clero oficial, sujeitos históricos católicos que atuavam na disseminação da fé, principalmente em muitos lugares onde havia pouca presença de membros oficiais da Igreja.



romanização. (ABREU, 1994; JURKEVICS, 2004). Esta ação foi assim denominada por justamente pregar uma conformidade deste catolicismo de caráter leigo e pagão com o que emanava-se de Roma. Em uma tese sobre o culto aos santos no catolicismo brasileiro, Vera Jurkevics (2004) discute a proposta desta atitude do clero diante do contexto religioso brasileiro. Vejamos como ela a sintetiza:

De acordo com a ‘nova’ mentalidade instituída entre o clero, as pregações doutrinárias apologéticas enfatizavam a estrita observância das práticas sacramentais em total detrimento das tradicionais devoções santorais. Assim, a romanização do catolicismo brasileiro só poderia ser efetivada na medida em que o poder religioso fosse totalmente transferido dos leigos para os clérigos. Ao promover tal centralização, o clero passou a exercer um controle cada vez mais acirrado sobre todas as manifestações religiosas, combatendo, enfaticamente, aquelas que não se enquadrassem nos limites permitidos. (JURKEVICS, 2004, p. 41).

Ainda segundo a autora, a romanização teria atuado no controle deste catolicismo que tinha em muitos rezadores e em beatos alguns de seus principais veiculadores. No entanto, ela procurou concentrar ainda mais suas ações em torno das manifestações de fé exteriorizadas, a exemplo das exuberantes procissões e festas religiosas, que gozavam de grande prestígio perante a população, principalmente por meio da atuação das Irmandades. Em nosso entendimento, as confrarias, além de dinamizar inúmeros ritos religiosos, eram os veículos deste catolicismo que melhor representavam e explicitavam os cultos da matriz africana, abominados pelas autoridades da Igreja. Principalmente na capital imperial, de acordo com Abreu (1994), as Irmandades religiosas foram os redutos da prática católica mais perseguidos.

Em relação às vivências religiosas locais, de acordo com Jurkevics (2004), uma das estratégias dos reformadores consistiu na retirada para as Igrejas paroquianas de muitas imagens sagradas presentes em espaços de cultos como ermidas e oratórios, chefiados quase sempre por leigos. Nas paróquias, as imagens estariam sobre os cuidados dos párocos e, conseqüentemente, pode-se dizer, seria mais fácil também vigiar as manifestações de fé que ocorriam em torno delas. Percebemos por meio desse exemplo que, neste momento, a Igreja não buscava necessariamente se aproximar do catolicismo “popular”, mas sim torná-lo mais próximo de si para então controlá-lo.

Nas manifestações religiosas exteriores e coletivas, os clérigos reformadores buscaram primeiro deslegitimar o poder leigo a frente das Irmandades religiosas que tradicionalmente detinham seu controle, ao menos naquelas práticas mais popularizadas. (JURKEVICS, 2004; ALVES, 2006). Desta forma, seria mais fácil para a Igreja aos poucos tomar a frente da

orientação e organização das procissões e festas de santos e outras práticas do tipo, como menciona Abreu (1994). Para este fim, era imprescindível que mudanças ocorressem também na própria atuação do clero, que seriam tanto em relação a ações mais fortes, intolerantes e hierárquicas, quanto em relação a sua própria moral.

Pelo que nos informam as autoras mencionadas, em relação a força das Irmandades, a Igreja conseguiu cumprir suas metas principalmente após a proclamação da República, quando houve a separação entre a Igreja e o Estado que assegurava a força dos leigos à frente destas manifestações religiosas. No entanto, em outras práticas católicas caracteristicamente “populares”, a romanização se mostrou limitada e superficial.

Segundo Jurkevics (2004), o clero tentou padronizar o contexto devocional no seio da vivência religiosa popular, onde buscou-se criar, além dos novos locais de culto, novas associações religiosas em detrimento das tradicionais Irmandades, onde instituiu-se ainda novos santos de devoção. Toda essa situação enfrentaria resistência, pois a massa religiosa brasileira não iria tão facilmente abrir mão de sua prática religiosa secular.

Nos centros urbanos, a substituição dessas devoções foi um pouco mais fácil, no entanto, no meio rural, as dificuldades giravam em torno das capelas, construídas quase sempre por elementos da própria localidade, que ofereceram uma maior resistência ao controle clerical. (JURKERVICS, 2004, p. 44).

Outro ponto de fragilidade da romanização é demonstrada por Abreu (1994), e ele é relativo ao próprio contexto de mudanças pelas quais passava o país naquele período. De acordo com a autora, ao final dos oitocentos ganhavam força no Brasil os ideais modernistas e liberais, e também o materialismo e o protestantismo. Como salientavam os conservadores da época, estas ideologias eram “forças internacionais” que criticavam a postura da Igreja e o catolicismo, e ameaçavam também o pensamento nacionalista emergente no período. Um dos pontos de combate a estas forças antinacionais foi justamente as manifestações católicas brasileiras, símbolos da tradição nacional e dos costumes de um povo profundamente católico:

Em meio a uma política religiosa mais ortodoxa, em princípio mais intolerante, que estabelecia o catolicismo certo, o romanizado, a tolerância interna foi reconhecida como uma importante arma na luta contra outras religiões e ideologias estrangeiras. Neste contexto, o popular e, mais surpreendentemente, os libertos passaram a ser vistos como aliados na defesa do catolicismo. (ABREU, 1994, p. 199).

O projeto romanizador da Igreja Católica esteve, portanto, limitado, diríamos, pela própria dimensão do contexto sociocultural brasileiro. De um lado, as práticas religiosas “populares” continuavam a existir normalmente nos espaços rurais e privados, onde em algumas regiões a Igreja sequer tinha conhecimento de suas ocorrências. As Irmandades religiosas, deve-se ressaltar, perderam prestígio diante do clero, mas não deixaram de existir e suas práticas, como vimos anteriormente, em certas situações refugiaram-se nos espaços privados. Portanto, os ritos desta religiosidade popular continuavam normalmente a existir, onde apenas estavam mais condicionados aos espaços que fugiam aos olhos dos clérigos reformadores.

Por outro lado, o clero teve que ser tolerante com o que considerava pagão, supersticioso e extravagante na prática católica brasileira em defesa de seus próprios interesses. Desta forma, podemos dizer que o que se entende por catolicismo “popular” no Brasil é, de fato, a maior expressão da religiosidade brasileira. Sem ele não existiria aqui este padrão católico tal como o entendemos. Sem dúvida, é essa manifestação religiosa característica da vivência doméstica e local que autoriza a Igreja no Brasil a afirmar, orgulhosamente, que somos o país mais “católico do mundo”.

### **1.3 - Santos e santas entre o sincretismo e a resignificação**

Pelo que se observa da produção historiográfica que aqui utilizamos, pode-se deduzir que grande parte ou até mesmo a maior expressão das reinvenções do praticante católico ocorre através das manifestações em torno dos santos e das santas cultuados na Igreja romana. Deve-se, antes de tudo, levar em conta que a tradição ibérica sob influências medievais já trazia ao Novo Mundo suas múltiplas formas e práticas devocionais com estes representantes do sagrado. Entretanto, a característica do sistema social que implantava-se na Colônia, como tem-se aqui discutido, daria norteamentos peculiares às formas com as quais os fiéis iriam se relacionar com as santidades.

Por esta representatividade, é comum que os santos e santas católicos situem-se mais próximos de nós que a própria imagem de Deus. Destacamos aqui a ênfase que os estudiosos do catolicismo brasileiro atribuem a uma relação não somente próxima, mas acima de tudo íntima e afetuosa que os fiéis mantêm com seus santos de devoção pessoal. Trata-se de uma relação intensa, onde os devotos chegam, em algumas situações, a utilizarem-se da violência contra as imagens dos santos, como já percebemos aqui. É nessa relação de acentuada

proximidade dos fiéis católicos em relação a seus santos favoritos, que estes últimos podem vir a assumir novos significados dentro das manifestações em torno deles.

Para Hoornaert (1991), um momento no qual estes representantes do sagrado já assumem um papel específico no catolicismo brasileiro diz respeito à própria realidade do sistema colonial que aqui veio instaurar-se. Este autor nos diz que os portugueses chegaram ao Brasil com a concepção de messianismo guerreiro, remanescentes dos ideais das Cruzadas contra os inimigos de Cristo. Na mentalidade europeia, a realidade da Colônia daria margem para se estabelecer uma ideia desta natureza, fosse ela na guerra contra os índios ou contra os franceses e holandeses invasores. Neste ideário de “guerra santa”, o português recorreu às intervenções do sagrado, e desta forma os santos e as santas estiveram na vanguarda dessa concepção de uma guerra que, para os colonizadores, se fazia necessária.

Santos e santas guerreiros ou patronos de guerra já eram bem presentes na tradição católica europeia. (HOORNAERT, 1991). Neste caso, entende-se que desde longas datas estes representantes do sagrado já assumiam significados distintos no catolicismo. No Brasil colonial, de acordo com Hoornaert (1991), Santa Maria, por sinal, foi a primeira santa a ganhar conotações guerreiras pelas primeiras vitórias contra os gentios em 1555 e 1559, onde surgiu nesse momento Nossa senhora da Vitória para a qual se ergueu a segunda Igreja de Salvador. O mesmo autor ainda diz que, pela vitória contra os holandeses em 1656, surgiu a capela em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres nos montes Guararapes, perto de Recife.

Tal era a concepção de guerra santa por parte dos colonizadores que santos iminentemente populares, a exemplo de Santo Antônio, foram também apropriados na luta contra os inimigos da fé. Vejamos como Eduardo Hoornaert (1991) descreve o Santo Antônio guerreiro de nosso período colonial:

Um dos santos guerreiros do período colonial brasileiro foi desta maneira Santo Antônio: na Bahia, ele foi sucessivamente soldado raso, por carta régia de 7 de abril de 1707, sargento-mor, por decreto régio de 13 de setembro de 1810 ‘para salvar a monarquia de grande e difícil crise’ (Dom João VI), tenente-coronel em 1816. (HOORNAERT, 1991, p. 40).

Outros santos que ganharam patentes ou foram inseridos nesse catolicismo guerreiro na Colônia foram São João da Roça no Nordeste, São Sebastião no Rio de Janeiro, os santos Cosme e Damião em Pernambuco, e destaca-se ainda São Jorge que foi apropriado nas religiões afro-brasileiras como um orixá em tempo de guerra. (HOORNAERT, 1991). Dentre estes santos, pode-se dizer que São Jorge e os santos Cosme e Damião ainda aparecem com conotações guerreiras nos dias de hoje. Por sua vez, Santo Antônio e Santa Maria, por exemplo, tiveram

estas designações particularizadas ao Brasil colonial, onde são mais reconhecidos historicamente por serem milagreiros e medianeiros. (HOORNAERT, 1991).

A partir da análise dessa concepção guerreira em que são apropriados os santos e as santas católicos no período colonial brasileiro, percebe-se como os mesmos se encontravam neste momento no limiar entre o sincretismo e a ressignificação. Enxerga-se uma clara interconexão entre eles e a prática da guerra, o que se entende como um sincretismo, de onde emergiam novos significados para estes intercessores na prática católica colonial. Consideramos que essa projeção das santidades como guerreiros contribuiu para popularizações e, conseqüentemente, apropriações diversas destes representantes do sagrado neste imaginário religioso.

Deve-se considerar que essa apropriação apresentada por Hoornaert (1991), neste caso específico, é dada pelas elites, tantos senhoriais como eclesiásticas. No entanto, entende-se aqui que ela pôde atingir e influenciar diversas práticas popularizadas em torno dos santos. Imaginemos quantas diversificadas práticas não se dariam nas igrejas, capelas e ermidas construídas em homenagem a um São Jorge guerreiro ou a Nossa Senhora da Vitória neste período? Compreendemos desta forma que outras práticas católicas de períodos posteriores poderiam partir de uma lógica similar, ou seja, elas poderiam entender esta abertura para manifestações diversas em torno dos santos.

Voltando às vivências religiosas dos espaços locais e domésticos explicitadas nos estudos já mencionados, constata-se uma infinidade de manifestações do catolicismo “popular” orientadas por este aspecto devocional de caráter íntimo, afetivo e familiar que os fiéis mantêm com seus santos prediletos. Tanto Freyre (2006) quanto Mott (1997) nos fazem compreender que nesse catolicismo de família, característico da formação social do Brasil, a relação com os santos era emblemática. Era uma característica de cada ramo familiar explicitar suas relações com os santos e santas de devoção pessoal.

Mott (1997) diz que parte das casas de família no Brasil colonial possuíam espaços específicos para as santidades ou objetos que lhes eram peculiares, a exemplo do oratório. Vejamos como este autor descreve este artefato da fé, local tradicional dedicado a acolher as representações sacras:

O oratório funcionava como uma espécie de relicário, onde eram conservados, além de eventuais relíquias “verdadeiras” do Santo Lenho, da coluna onde Cristo foi açoitado, pedacinho de osso de algum santo, e eventualmente até um bocadinho de leite em pó de Nossa Senhora! (MOTT, 1997, p. 167).

O oratório ainda é um elemento presente no imaginário religioso católico contemporâneo. Houve-se menção a ele nas narrativas de práticas relativas aos santos que nos chegam através da tradição oral. Pode-se dizer que é também a partir da secularização de elementos religiosos desse caráter que aflorou-se no Brasil as conotações diversas de seu catolicismo.

Provas de uma relação de intimidade entre os fiéis e a mãe de Deus são consideravelmente explicitadas por Mott (1997). O autor destaca que muitos recém-nascidos no Brasil colonial foram amadrinhados por Nossa Senhora. Há também o destaque para a presença de Santa Maria no momento do parto, nas faces de Nossa Senhora do Bom Parto ou da Expectação, como também destaca o já mencionado trabalho de Del Priore (1997). Vejamos uma situação relatada por Mott (1997, p. 186) onde a imagem da Santa, dentro desta relação de acentuada proximidade estabelecida pelos devotos, encontra-se envolvida pelas reinvenções do sagrado: “As imagens de Nossa Senhora, como dos santos prediletos, eram tratadas com piedosa *adulação*: donzelas e anciãs confeccionavam capas e vestidos com ricos bordados para cobrir as estatuetas; brincos, colares e broches preciosos enfeitavam as imagens.”

No seio desta relação de afetividade e familiaridade, surgiam ainda manifestações dos fiéis em torno dos santos, que, por vezes, poderiam partir para o lado do maltrato, onde poderia-se até agredir e castigar as imagens dos santos. Práticas desta natureza, para Souza (2009), devem ser entendidas dentro de uma lógica que leva em consideração os sentimentos que os santos podem despertar no ser homem, que poderiam chegar até a raiva e a violência. Há registros destes maus tratos tanto na Colônia quanto no Império.

Registramos no período colonial a ocorrência desta atitude diante das imagens dos santos, em relação aos ritos em torno do casamento, ato que, em uma concepção devocional, liga-se diretamente a Santo Antônio. Mary del Priore (1997) menciona que práticas diversas com este santo e também com São Gonçalo eram realizadas por noivas necessitadas de contrair matrimônio. Mencionando obra de Câmara Cascudo, a autora diz: “Quando não cumpriam as promessas, as imagens ficavam de castigo penduradas dentro de um poço.” (DEL PRIORE, 1997, p. 315).

Já na metade do século XIX, ainda pode-se perceber a ocorrência destes atos perante o mesmo Santo Antônio, em mais de uma ocasião. Além do já mencionado caso da imagem do santo enforcada relatado por Reis (1991), Mott (1997) nos traz um trecho de um relato de um viajante que testemunhou este tipo de prática no Brasil. Em uma delas, Santo Antônio é solicitado por uma devota a recuperar um escravo fujão, e se o pedido não fosse alcançado ele seria castigado. Vejamos um trecho da narrativa do viajante:

Confessou que torturando sua imagem, acelera o atendimento do pedido. Eis as medidas ensinadas por sua mãe e adotadas pela Senhora P.: deve-se ascender uma vela na frente do santo e pedir para mandar o fugitivo de volta e cuidar da imagem e não dar descanso até que retorne. Passadas algumas semanas, se não voltar, deita-se o santo com a face para baixo e põe uma pedra em cima. (EWBANK S/D apud MOOT, 1997, p. 187).

Nestas situações o santo é basicamente intimado a resolver um problema de seu devoto. Mais uma vez enxerga-se uma prática do catolicismo “popular” assumindo um novo sentido mediante as possibilidades cotidianas. As funções primordiais dos santos pareciam ser aquelas que melhor se adaptassem às realidades de seus devotos por, em tese, se situarem em um plano mais próximo de nós e por suas atribuições conduzirem a isso.

As práticas de maltrato às imagens dos santos fazem parte da chamada secularização do sagrado e de suas representações ao longo da história de nossas tradições religiosas. De acordo com Souza (2009), de certa maneira elas fazem parte de um cotidiano de afetividade com o sagrado, pois,

Num movimento ambíguo - como ambígua é a cultura popular-, afetivização e detração se aproximavam muitas vezes: o santo que se venera, que se adora, com quem se trocam confidências é também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma-lá-dá-cá, pode-se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação. (SOUZA, 2009, p. 156-157).

A partir do sincretismo e suas interconexões com contextos diversos, a exemplo do nascimento, casamento, morte, busca de objetos perdidos e as chuvas, as práticas remetidas aos santos e as santas mais populares na religiosidade brasileira são envolvidas em novas redes de significados. São, portanto, reinventadas por meio de apropriações específicas movidas pelas popularizações e veiculações das representações e dos discursos em torno destes intercessores no meio de um cotidiano que, pode-se dizer, é reinventado através destas manifestações religiosas.

Nas páginas que seguem, perceberemos como estas (re) - invenções do sagrado continuaram a pluralizar e a ressignificar o catolicismo brasileiro, em um período mais recente, tanto por meio de uma prática religiosa quanto de um espaço específico. Desde já, pode-se dizer que se observará certa continuidade deste padrão católico de caráter doméstico e local e também da dinâmica por trás do catolicismo santorial.

## CAPÍTULO II

### **POR UMA HISTÓRIA DO SAGRADO EM POMBAL: caracterização religiosa da cidade, e o culto a São José na segunda metade do século XX**

#### **2.1 – A Pombal de fins dos oitocentos a meados dos novecentos: cotidiano e vivência religiosa**

Uma prática religiosa chamada de popular é assim compreendida por ela ser pensada, construída e praticada em uma inseparável conexão com vivências cotidianas bem específicas. Trata-se de uma religiosidade formada a partir de contingências locais, que em nosso estudo são aquelas presentes na região metropolitana e rural de Pombal-PB. Faremos neste momento, portanto, um exercício de entendimento do cotidiano e do contexto religioso vivenciado nesta região no período mencionado, onde se busca compreender também como eles contribuíram para a formação de um catolicismo “popular” pombalense.

Para tanto, partimos do período no qual esta cidade é criada e solidificada: entre o final do século XIX e início do século XX. De acordo com Seixas (2004), quando a vila de Pombal emancipou-se em 1862, ela possuía poucas casas e prédios e um espaço urbano bem limitado. Além de três ruas nas proximidades da antiga Igreja Matriz (atualmente, Igreja de N. Senhora do Rosário), ela apresentava ainda “[...] um açude público, um mercado, a cadeia e casa da Câmara. Desenvolvia-se, por outro lado, a criação [de gado], que era uma das fontes principais de sua riqueza”. (SEIXAS, 2004, p. 298).

Assim como em outras pequenas cidades do interior do que hoje é o Nordeste, a pecuária era uma das principais fontes de renda de um espaço que estava inteiramente ligado às vivências e hábitos rurais. Pelo que se observa do trabalho de Seixas (2004), grande parte dos membros da elite local pombalense, seguindo a tendência comum neste período, eram os homens das patentes. Foram eles os chamados tenentes, coronéis e majores, os quais dão nome atualmente a grande parte das ruas da cidade. Estes homens geralmente dispunham de grandes propriedades rurais, nas quais haviam sempre fazendas, engenhos e rebanhos bovinos. A centralidade destes patrimônios influenciou na formação de toda uma vivência sedimentada no campo, onde se constituiu desta forma um vasto espaço de um mundo rural em Pombal. Desde já, registramos algo importante para a proposta de nosso trabalho: o fato de que ao longo de toda a história pombalense, os espaços urbano e rural estiveram fortemente interligados.



Analisando o que Seixas (2004) e Sousa (2002) informam sobre a história desta cidade, percebe-se que é também na passagem do Oitocentos para o Novecentos que emergiram alguns dos elementos socioculturais até hoje característicos de Pombal, através dos quais seu cotidiano foi pensado e, pode-se dizer, inventado. De acordo com os autores mencionados, foi neste período que surgiram e se consolidaram naquela cidade elementos como a poesia popular, a nova Igreja Matriz, o cinema, além dos tradicionais festejos religiosos, que foram apropriados por alguns escritores pombalenses por meio dos quais se criou determinadas imagens desta cidade.

Um “espaço da saudade” é algo mencionado por Albuquerque Jr (2011) como sendo um dos elementos que forjaram a espacialidade nordestina. Trata-se do reforçar de uma determinada época do lugar em que se vive, por meio do qual ele passa a ser sempre lembrado e valorizado. Gostaríamos de apresentar também, mesmo que de modo breve, a ideia da invenção deste lugar pombalense. Para tanto nos apropriamos de um trecho de um poema do pombalense Silvestre Honório R. de Sousa, apresentado em Seixas (2004, p. 351), o que denota como a obra deste autor, um marco da historiografia pombalense, busca reforça um discurso sobre a cidade. Ela cria determinadas representações sobre Pombal e, conseqüentemente, sua religiosidade, por volta de 1960, quando publicada pela primeira vez. Assim dizia Silvestre Honório no século XIX, em um momento de amargura:

Já não me resta a esperança  
De ser outra vez amado;  
**Do meu bom tempo passado**  
**Apenas tenho lembrança**  
**E rigorosa mudança<sup>4</sup>.**  
Para quem gozou de ter  
Não lhe vale o proceder  
Como eu fui, isto acabou-se  
Nem mais tornei a ser.

De acordo com Seixas (2004), neste período destacaram-se outros poetas populares, a exemplo de Belarmino de França e Leandro Gomes de Barros. O autor mencionado se apropria desta poesia para pensar a identidade e cultura pombalense por meio de um saudosismo, que tem por função inventar um lugar. Através do escrito de Silvestre Honório, percebe-se claramente que Seixas (2004) busca reforçar um período “áureo” das vivências pombalenses que, segundo sua visão, ao cair na modernidade, modificava-se e ganhava conotações diferentes, onde a partir daquele momento Pombal respirava os ares da modernidade. Foi por

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

meio desta mesma visão que esta historiografia representou uma religiosidade local longo do século XX.

A história de Pombal em diferentes momentos conecta-se à devoção a Santa Maria, na face em que ela é representada tanto por meio de Nossa Senhora do Bom Sucesso, quanto de Nossa Senhora do Rosário. (SEIXAS, 2004). Vejamos primeiro a relação histórica da cidade com a Santa do Bom Sucesso, onde precisamos nos remeter brevemente ao século XVIII.

É do ano de 1701, segundo Seixas (2004), que data a primeira igreja<sup>5</sup> desta localidade denominada de paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó. Ainda de acordo com este autor, no ano de 1721 foi erguida uma nova igreja para ser a então Igreja Matriz do Bom Sucesso (atual Igreja de N. S.<sup>a</sup> do Rosário), em outro local da povoação. Estabelecia-se ali a então freguesia do Bom Sucesso. Portanto, o povoado que deu origem a cidade de Pombal foi estabelecido através das igrejas edificadas em torno desta santa, e que permaneceu como padroeira da cidade.

Como perceberemos mais a frente, em torno desta igreja construída em 1721 surgiram outras atividades e atribuições religiosas quando ela deixou de ser a Matriz no final do século XIX. Conforme Sousa (2002) e Seixas (2004), neste período os pombalenses perceberam que havia uma necessidade de se edificar uma nova, maior e mais moderna Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Após alguns anos de trabalho, a nova Matriz foi concluída em 1897. De acordo com Seixas (2004), os párocos pombalenses empenharam-se muito na construção desta igreja, onde conclamaram os “filhos de Pombal” para ajudarem a erguê-la, e estes os atenderam. Vejamos como o autor descreve a atuação do povo neste importante momento da história pombalense:

O entusiasmo era grande, e maior, talvez, a fé que iluminava os corações dos fiéis. Ao toque dos sinos todos se reuniam para o trabalho: uns traziam tijolos, outros carregavam pedras, areia, barro etc. O brabo [isto é, o grande caibro] que sustenta o coro da Matriz veio em carro de boi até certo ponto da cidade. Em seguida, colocaram-no sobre os ombros dos trabalhadores, seguindo o acompanhamento de grande multidão a entoar hinos missionários e hosanas, chegando, afinal, à Matriz já enfeitada de fitas e cercada de dezenas de crianças. (SEIXAS, 2004, p. 221-222).

“Sobre os ombros dos trabalhadores” pombalenses, portanto, é a maneira como o autor representa a edificação de uma nova e imponente Igreja Matriz na entrada do século XX. Pela forma como se expressa, percebemos que Seixas (2004) busca romantizar a forma com a qual

---

<sup>5</sup> Segundo Seixas (2004), esta era uma pequena capela de taipa e madeira, que provavelmente não existia mais quando Pombal passou a ser cidade.

os pombalenses recepcionaram seu novo templo, que foi com muita alegria, festa e veneração. No princípio, a igreja portava apenas uma torre, onde a segunda, de acordo com Sousa (2002), foi construída nos anos de 1950, o que lhe conferiu, ao menos externamente, seu formato atual, conforme apresenta-se na imagem a seguir.



**Figura 01:** Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso em 1955  
**Fonte:** Verneck Abrantes de Sousa (2002, p. 61)

Seixas (2004) apresentou um pouco sobre as práticas religiosas da festa da padroeira da cidade na metade do século XX, que naquela época ocorria no mês de setembro (atualmente ela encontra-se no mês de maio). Como é tradição, haviam nesta festa os novenários onde se aglomeravam pessoas da zona rural e das cidades vizinhas em meio aos pavilhões armados no centro da cidade, nos quais havia uma espécie de disputa entre partidos que defendiam estes pavilhões em uma espécie de disputa pela coroação da rainha da festa. Ao final, ocorriam os momentos mais importantes:

No último dia da festa, celebra-se a missa solene, durante a qual nunca faltou magnífico sermão alusivo à data, que naquele dia se comemora com todas as pompas litúrgicas. À tarde, realizava-se a procissão, sempre contando com avultado número de fiéis para o seu acompanhamento. À noite, tem lugar o último dia de quermesse. Somente à meia noite, é que se procede a apuração da eleição, para ver qual o pavilhão coloca o cetro na cabeça das candidatas que disputavam o título de Rainha da Festa. (SEIXAS, 2004, p. 394).

Para Seixas (2004), a Festa da Padroeira do Bom Sucesso era vista nesta época como a mais importante da cidade, apesar dele também afirmar que ela já era àquela altura menos tradicional que a Festa do Rosário. A maior importância talvez esteja no fato de que aquela era a festa da padroeira da cidade que, apesar de menos reconhecida que a do Rosário, guarda um grande e tradicional sentimento que os fiéis sempre tiveram em relação aos santos padroeiros.

É difícil afirmar se atualmente esta Festa Religiosa ainda se mantém como a mais importante em Pombal, onde acreditamos que estas suas visões veiculadas por Seixas (2004) possam ter se modificado. No mínimo, é possível que ela não disponha nos dias de hoje da mesma centralidade que antes, haja vista que as mudanças que houveram em suas datas, que já passaram pelos meses de setembro, dezembro<sup>6</sup> e maio<sup>7</sup> representam uma tentativa de realocá-la durante o ano, de modo a minimizar uma possível perda de espaço em meio a outras atividades do cotidiano pombalense surgidas mais recentemente. No entanto, deve ficar registrada a importância da santa do Bom Sucesso para o cotidiano pombalense.

Nosso estudo direciona-se, portanto, às devoções em torno dos santos oficiais da Igreja Católica romana. O culto a estes representantes do sagrado apresenta lugar cativo em meio às vivências religiosas pombalenses, sobretudo no período ao qual nos remetemos. Geralmente quando nossos entrevistados lançam um olhar sobre o passado religioso deste lugar, o espaço destinado aos santos e santas católicos é uma das primeiras recordações explicitadas.

Um de nossos narradores, o Sr. Sebastião Filho de 44 anos, residia com seus familiares no final dos anos de 1970, no Sítio Boa Vista, à época município de Pombal – PB. Atualmente ele faz parte de outra religião, mas quando criança estava inserido no catolicismo característico das famílias tradicionais, o qual estruturava-se basicamente em torno dos santos de devoção pessoal. Segundo ele, algo que lhe chamava atenção em meio às suas vivências de infância quando frequentava a casa de seus avós, além da grande quantidade de imagens de santos que sua avó possuía, era uma imagem exposta de modo bem peculiar:

[...] a minha avó tinha muitos mas muitos santo na parede. Era muito, você chegava assim na parede assim era de cima a baixo. [Inaudível] Muito, muito tipo de santo, né? Geralmente naquela época ia muitas pessoas no sítio que ele andava vendendo aquelas imagens. E minha vó gostava muito, tinha muito, na

<sup>6</sup> Cf. NETO, Marcelino. **Paróquia do Bom Sucesso inicia festa da padroeira**. Disponível em: <<https://www.liberdadepb.com.br/paroquia-do-bom-sucesso-inicia-festa-da-padroeira/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

<sup>7</sup> Cf. WANDERLEY, Henio. **Pombal vive a festa da Padroeira da cidade**. Disponível em: <<http://www.diariodosertao.com.br/noticias/religiao/98363/pombal-vive-a-festa-da-padroeira-da-cidade.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

casa da minha avó também tinha muito. Na casa da minha avó tinha um, um santo, que era, era, acho que não tá na tua pesquisa essa parte aí, era o santo São Geraldo, e, e ele tinha um caixão assim, aí ele ficava saindo numa forma dum alma de dentro desse caixão. Quando era na casa da minha avó, que eu passava no corredor da casa, eu passava de banda, com medo da... (riso) da alma que saía do, [do coisa]. Tinha todo... vários tipo de santo, mas muito mesmo. [sic].<sup>8</sup>

O tradicional catolicismo santorial, como atesta o já mencionado trabalho de Teixeira (2005), foi o responsável por pluralizar a prática religiosa brasileira, conferindo-lhe um caráter leigo, o que representa, como já mencionamos neste trabalho, algo peculiar à visão de mundo dos fiéis. No relato do Sr. Sebastião uma pluralidade e dinamicidade parecem perceptíveis principalmente quando a imagem de São Geraldo pertencente a sua avó é colocada em um caixão e exposta com aparência de alma, o que deveria possuir um significado específico para esta devota.

Mas há outros desdobramentos a serem considerados para além da situação relatada. Quando nosso entrevistado utiliza-se das expressões “muitos santo na parede” e “muito tipo de santo”, compreendemos que esta situação não relaciona-se somente a quantidade de imagens daqueles santos e santas aos quais seus avós eram devotos. Devemos compreender que constavam neste cotidiano religioso diversas imagens de santos que tinham diferentes trajetórias na religiosidade brasileira e diferentes atribuições diante dos fiéis. Desta forma, poderia haver ali um sincretismo religioso a partir do momento que o devoto transferia, por exemplo, ritos e funções de um santo a outro, em um movimento que traduziria um quadro devocional mais complexo à própria realidade do fiel. Como resultado, podem existir neste caso particularidades devocionais, claramente perceptíveis na exposição da imagem deste São Geraldo, conforme narrou o Sr. Sebastião.

Não obstante, esta pluralidade católica não é percebida somente nos ritos religiosos da vida privada pombalense. Ela encontra-se principalmente nas festividades destinadas ao Rosário nesta cidade.

## **2.2 – A Festa do Rosário de Pombal: fé e tradição**

---

<sup>8</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

Como em outras regiões do Brasil, Pombal também celebra a Festa do Rosário, desde o final do século XIX (1895). É dedicada ao santo Rosário, onde são também inclusas em seus ritos às devoções destinadas à Nossa Senhora do Rosário, apropriada historicamente por escravos e pelas Irmandades Negras como sua protetora. (ALVES, 2006). Para o caso de Pombal, Seixas (2004) faz uma descrição desta festividade para os anos de 1950:

A tradicional Festa do Rosário celebra-se no primeiro domingo do mês de outubro, observados os dispositivos dos mandamentos diocesanos, efetuando-se o encerramento dentro da semana do mesmo mês, com a realização de uma grande procissão. No sábado que precede ao primeiro domingo já alguns membros da confraria do Rosário e denominados mesários percorrem a feira que se realiza na sede municipal, angariando óbulos destinados a serviço, asseio, manutenção etc, da Igreja. (SEIXAS, 2004, p. 385).

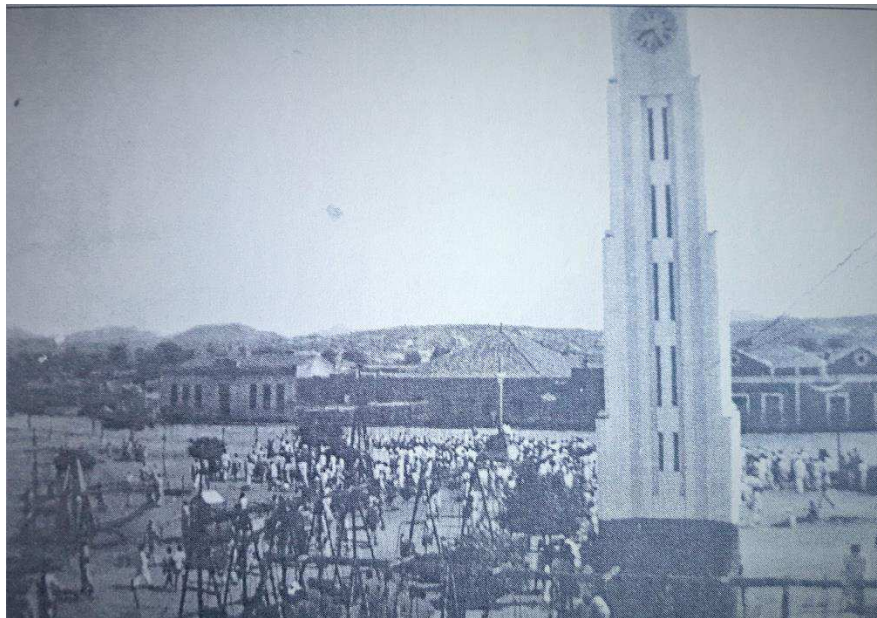
A igreja mencionada no final da citação é a antiga Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que a partir da construção da nova Matriz, como vimos anteriormente, passou em 1897 a ser a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, provavelmente o maior patrimônio histórico da cidade. Acreditamos que esta igreja foi assim intitulada porque tanto a Festa como a Irmandade do Rosário de Pombal haviam sido criadas dois anos antes por um devoto da Santa do Rosário que residia em suas dependências. (SOUSA, 2002). Com a transferência da Matriz, a festa e a confraria se apropriaram da igreja histórica, criando um templo para suas atividades religiosas.

Segundo Sousa (2002), o popular Manoel Cachoeira, provavelmente ex-escravo e membro fundador da Irmandade, é também o responsável por dar início a festividade do Rosário, que teve sua primeira celebração no primeiro domingo de outubro do ano 1895. Ainda de acordo com Sousa (2002), veicula-se oralmente uma história até hoje nesta cidade que Manoel Cachoeira viajou a pé por três vezes a Diocese de Olinda-PE, a qual a época pertencia a Matriz de Pombal, para obter licença para criar a confraria e, conseqüentemente, sua festa. Vejamos como autor mencionado descreve a festa, a inserção da Irmandade e a apropriação da igreja:

No início, (a Festa que é do Rosário e não da Santa), as comemorações restringiam-se ao ato religioso, a procissão e a arrecadação de dinheiro. Os grupos folclóricos, com o objetivo de arrecadar mais recursos para a manutenção e conservação da velha igreja, foram intensificados a partir de 1897, quando a igreja recebeu, oficialmente, a denominação de Nossa Senhora do Rosário, portanto, tornando-se mais exclusiva da Irmandade. Surgiu com os tempos modernos, o profano: bebidas alcoólicas, parque de diversões, jogos de azar, festas dançantes etc. (SOUSA, 2002, p. 44).

O autor busca deixar claro que a festa é do Rosário, mas entendemos que não há neste caso uma nítida separação entre a devoção em torno da relíquia e a devoção em torno da santa. Foi a representação de Nossa Senhora do Rosário quem ajudou a veicular este objeto enquanto artefato da fé de inestimável valor no cotidiano brasileiro. Por outro lado, o Rosário também contribuiu para apropriações diversas do culto mariano. Mais uma vez, percebemos um sincretismo atribuindo novos significados ao culto religioso em torno destes representantes do sagrado. Seja a Festa do Rosário ou da santa, a verdade é que seu sentido religioso é basicamente o mesmo para o quadro das devoções pombalenses.

A Festa do Rosário afirmou-se ao longo do século XX diante de toda a sociedade pombalense, e chegou até os dias de hoje sendo ainda o maior momento religioso e uma das maiores atrações da cidade. Se Pombal sempre foi reconhecida por meio de sua cultura, podemos dizer que as festividades em torno do Rosário em muito contribuíram para este reconhecimento. Uma identidade pombalense perpassa sem dúvida pelo prestígio que o povo atribuiu historicamente a este evento religioso. A imagem a seguir traz uma visão da área e de todo o aparato em torno da Festa na década de 1940, onde já se percebe ali um grande número de pessoas tendo em vista o tamanho da cidade neste período.



**Figura 02:** A Festa do Rosário e a cidade de Pombal em 1947

**Fonte:** Verneck Abrantes de Sousa (2002, p. 43)

Gostaríamos de discutir também sobre os três grupos culturais característicos da Festa do Rosário de Pombal. São eles os Congos, Pontões (a quem chamam de Espontões) e o Reisado (ou Reisados). Como se percebe por meio de Sousa (2002) e Oliveira (2012), os confrades dos



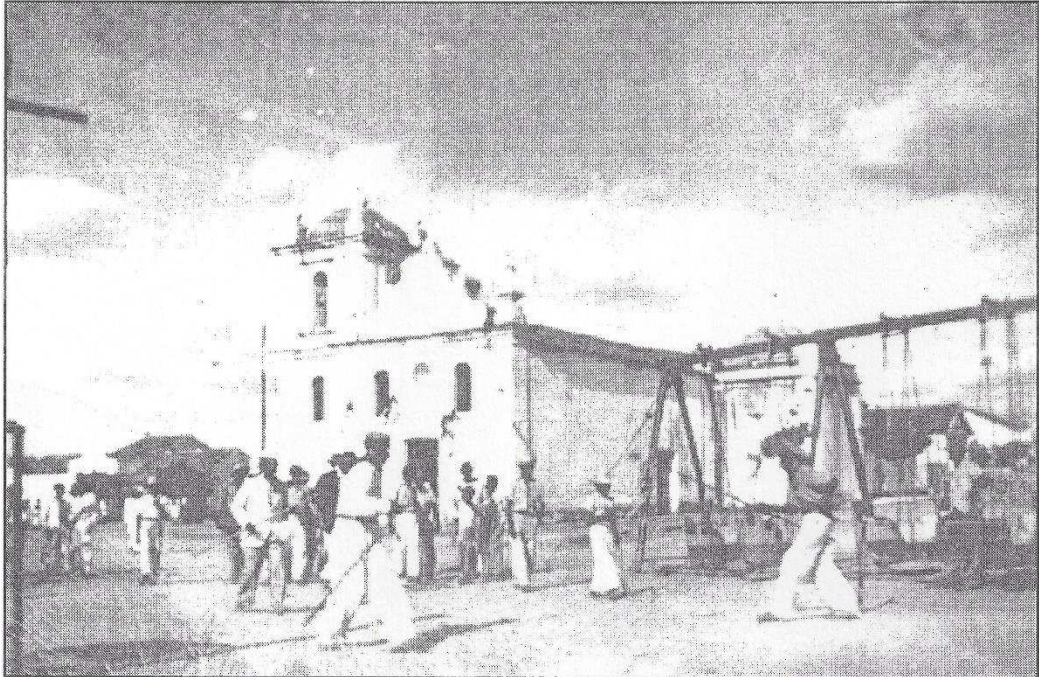
Pontões e dos Congos atuam arrecadando donativos para as celebrações ao Rosário. Em meados do século XX, esta ação era feita por meio de suas tradições e costumes característicos, danças, vestimentas exóticas, bebidas alcoólicas e cânticos (menos os Pontões, que não cantam). Nos Ritos da Festa, eles realizam seus folguedos característicos, o que são um dos grandes símbolos do evento:

Por ocasião da procissão do Rosário, que se realiza às 8 horas do domingo, reúnem-se os ‘Congos’ e os Negros ‘Espontões’, vestidos todos espalhafatosamente com roupas de gangas vermelhas e azuis, tendo à frente um Rei e uma Rainha, que conduz o rosário, de corrente de prata e contas de cristal, das casa que constitui patrimônio de N. Senhora do Rosário para a igreja, acompanhado do vigário da freguesia e todos os membros da irmandade [...]. [...] Após a missa, a que assistem todos os negros e a irmandade, levam, com todo o respeito, o vigário para a casa paroquial, onde, em meio a grandes alegrias, cantam e dançam. (SEIXAS, 2004, p. 385).

Em meio às diversas atribuições em torno dos santos, são inventadas sob diferentes maneiras as mais diversas devoções e formas devocionais, onde muitas acabam sendo apropriadas por uma coletividade, tornando-se assim uma tradição. Este é o caso da devoção destes confrades em relação a Santa do Rosário. Compreendemos que toda a sua caracterização é representativa da maneira como eles cultuam N. Senhora do Rosário. Seus cânticos, danças, roupas e outros elementos, são as formas por meio das quais eles demonstram como compreendem sua devoção, que deve ser exercida com pompa, alegria e confraternização.

A imagem a seguir é representativa deste aspecto devocional, onde percebemos um destes grupos realizando sua dança em frente à Igreja de N. Senhora do Rosário. Provavelmente são os Pontões, pois eles estão portando as lanças (Pontões) que, segundo Sousa (2002), eram exclusivas deste grupo.





**Figura 03:** Grupo dançante (provavelmente dos Pontões) e a Igreja, na Festa do Rosário de 1947  
**Fonte:** Verneck Abrantes de Sousa (2002, p. 46)

Pelo o que nos informa Seixas (2004), o grupo do Reisado não participava do momento da arrecadação de fundos, ao menos por volta de 1950. Suas apresentações, aparentemente, eram mais concentradas nos ritos religiosos da Festa. Assim descreve o autor o grupo a que chama de Reisados:

O bailado e o canto dos Reisados são bem diferentes da coreografia dos Congos. O Rei apresenta-se com trajes característicos, usando geralmente calças brancas, blusão encarnado, peitilho bordado e coberto de espelhos, coroa e espada. Não há Rainha como nos Congos. São figuras mais importantes: o general, o príncipe, o secretário e os mateus (o espantalho das crianças), cada qual exibindo trajes próprios para a folgança. (SEIXAS, 2004, p. 387).

Tanto a Irmandade do Rosário, quanto os Congos e principalmente o Reisado, apresentavam uma espécie de “corte real”. Havia o Rei e a Rainha, no caso dos Congos; e o Rei e o príncipe no caso do Reisado; e o Rei para a Irmandade. O Rei, principalmente no período moderno, foi visto no imaginário católico como o representante de Deus na terra, o que lhe conferia um caráter divino. Realeza e religião estiveram durante muito tempo interligados, e consideramos que são ainda bem presentes no imaginário “popular”. Portanto, nestes grupos religiosos apresentados, é bem provável que este imaginário régio legitimasse ainda mais a sua devoção e seus ritos religiosos em torno de Nossa Senhora do Rosário.

Os Congos, Pontões e Reisado se apresentavam e se apresentam também em outros eventos de caráter religioso e sociocultural de Pombal. Sousa (2002) registra a presença de um destes grupos no cortejo fúnebre da pombalense Maria Querubina Queiroga (Dona Neca), no ano de 1958. Dona Neca provavelmente era influente naquela sociedade e a presença destes confrades em seu funeral pode fazer parte de um engrandecimento deste momento, onde ele portaria certa exuberância. Esta situação em torno dos cortejos fúnebres foi estudada por João Reis (1991), no já mencionado trabalho sobre a morte no Brasil Oitocentista. Este caso na Pombal do século XX denotaria uma permanência de um imaginário brasileiro em torno da partida para o além, que deveria ser bem preparada.

Uma de nossas entrevistadas, a Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida, nos informou que estes três grupos estiveram presentes também na procissão de acompanhamento de uma imagem de São José que ela “roubou” para que chovesse, no final dos anos 1960, como se perceberá com mais detalhes no próximo capítulo<sup>9</sup>. Provavelmente, a presença destas confrarias atribuía certa pompa a encontros religiosos desta natureza.

A Festa do Rosário é, portanto, uma ressignificação da religiosidade pombalense e os grupos religiosos apresentados são em parte responsáveis por conferir este sentido a este evento religioso. Mas percebemos que ambos são também responsáveis historicamente por outras ressignificações do sagrado no cotidiano pombalense.

Partimos agora para um primeiro momento da análise do culto a São José na vivência religiosa de Pombal na segunda metade do século XX. Diferentemente de N. Senhora do Bom Sucesso e de N. Senhora do Rosário, este santo não dispõe nesta cidade de uma festa formal, seja por meio de alguma Igreja Matriz ou igreja paroquial. Desta forma, até mesmo por suas atribuições no imaginário “popular”, as práticas da religiosidade pombalense remetidas a São José são mais características dos domínios privados e locais.

### **2. 3 – Situando a devoção a São José na religiosidade pombalense: entre práticas e representações**

Antes da discussão de algumas práticas e representações devocionais que caracterizam e situam o culto a São José na cidade de Pombal, pode-se pensar brevemente como este santo encontra-se inserido historicamente na cultura do catolicismo brasileiro. Em seu estudo sobre a

---

<sup>9</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

história de diversos santos oficiais da Igreja romana, Monique Augras (2005) afirma que o culto a São José é antiquíssimo, tendo se iniciado provavelmente no século V no Oriente, conjuntamente com o culto à Santa Maria. No Brasil, de acordo com Mott (1997), a devoção a São José apresentava-se como emergente no período colonial. Compreendemos desta forma que seu culto não foi unânime na prática católica brasileira, como foi o culto de vários outros santos e santas envolvidos no empreendimento de colonização dos portugueses, como discutimos no capítulo anterior.

Na Bahia colonial, no meio das “confrarias de mesteres”, onde se cultuavam os santos dedicados aos ofícios cotidianos, Reis (1991) registrou a presença de uma confraria em torno de São José, que aglomerava trabalhadores de profissões que se identificavam com as atribuições em torno deste santo, como os carpinteiros, pedreiros, canteiros e torneiros. Também na Bahia e provavelmente no mesmo período, segundo Augras (2005), além deste santo servir a vários encargos, havia procissões dedicadas a um São José do Corpo Santo. Ainda de acordo com esta autora, recentemente, para se reforçar a catequese em meio proletário, surgiu a devoção a São José Operário, onde remete-se às qualidades de carpinteiro do santo enquanto vivente. É notória, portanto, uma ligação deste santo com o mundo do trabalho.

São José é sempre lembrado por ter sido em vida o pai adotivo de Jesus Cristo, segundo as narrativas do novo testamento bíblico. Comumente suas atribuições relacionam-se a sua preocupação com o bem estar dos devotos, a sua simplicidade e ao fato dele ser visto como um santo caseiro. (AUGRAS, 2005).

Algumas destas qualidades podem ser perceptíveis em certas imagens católicas onde São José é representado. A fotografia exposta a seguir é uma das diversas representações da Sagrada família, que era presença marcante na casa de meus avós desde os anos de 1970. Nesta ilustração, José aparece com Maria e o menino Jesus no momento onde provavelmente fugiam da perseguição do Rei Herodes, conforme narra o evangelho de Matheus no novo testamento bíblico. Consideramos que esta imagem sagrada, muito presente nas residências dos católicos no período mencionado<sup>10</sup>, ajudou a veicular estas atribuições em torno do santo, que o situam no espaço do lar e da família no cotidiano de seus fiéis.

---

<sup>10</sup> Percebemos esta representação presente também na imagem do oratório de Dona Socorro exposta anteriormente. Ela está localizada por trás das imagens dos outros santos.



**Figura 04:** Representação da Sagrada Família. Acervo pessoal (2018)

Por meio de atribuições construídas em torno destas representações, surgem formas devocionais específicas em torno deste intercessor. Já entramos neste momento na história das devoções de São José na Pombal da segunda metade do século XX, onde as experiências religiosas da Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves C. da Silva, de 74 anos, nos ajudarão a compreendê-las.

Nossa entrevistada remete-se em suas falas a um período que compreende o final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, onde era residente com seus pais e irmãos no Sítio Vale Verde, então situado no município de Pombal. A região encontrava-se distante da cidade e não era muito povoada, sendo uma típica zona rural do semiárido nordestino. Como muitos outros habitantes destas localidades, havia na Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves uma forte crença no santo padroeiro das chuvas no Nordeste:

Você vê que ele (referindo-se a São José) anda com a varinha nas costas, com o saquinho nas costas... Aquilo ali é para dar comer a quem não tinha, quando passava que passa, ele levava para ele, mais via que a pessoa não tinha ele tirava do dele e dava. Amarrava o saquinho de novo, bota nas costinhas, na varinha nas costinhas, e saía de novo, até terminar! E nunca faltou para ele, nunca faltou para São José. [sic].<sup>11</sup>

Percebemos por meio da referência ao “saquinho” que a referida imagem tem forte influência na devoção de nossa narradora. Até onde se sabe, não é feita historicamente nenhuma alusão mais específica a este “saquinho” que José carrega consigo. É bem provável que ele apareça nesta imagem denotando o transporte de mantimentos na fuga que ele realizou. Independentemente disso, para os devotos tudo pode ser motivo de glorificação do santo. A Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves entende o “saquinho com comida para os pobres” como mais um motivo para enxergar certas virtudes em São José.

Sabemos que era e ainda é muito presente no imaginário sertanejo a representação de retirantes e andarilhos carregando consigo um “saco”, muitas vezes chamado de matulão, onde transportavam comida e pertences em suas andanças. Por ter se tornado santo, a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves entende que José tirava do pouco que tinha para ajudar os mais necessitados, em uma situação onde ocorre uma ressignificação das devoções nas quais este santo é submetido no catolicismo.

Há ainda outros elementos nesta imagem sagrada representativos da vida de São José, que se identificam fortemente com o próprio cotidiano da narradora. Esta identificação não se realiza somente por meio do matulão. Há nessa representação sacra uma família em retirada que está a percorrer uma longa e cansativa viagem no deserto, o que é uma imagem comum que repercute na vida destas pessoas. Há também o animal, um jumento, que transporta Maria e o menino Jesus, animal que desempenha historicamente importantes funções na vivência sertaneja, seja transportando a feira, a lenha, a água ou mesmo uma família. Portanto, uma devoção pode ser construída por meio do olhar de cada fiel, que compreende o sagrado buscando realizar a todo momento uma conexão entre ele e o mundo que o cerca.

É evidente neste caso a importância na vivência religiosa costumeira das representações dos santos e santas na forma de imagens, sejam em gravuras em quadros ou por meio de esculturas em gesso. Ainda mais importante, mais uma vez, é perceber a forma como tais representações são apropriadas, pois,

---

<sup>11</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em abril de 2017, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB.



A problemática do ‘mundo como representação’, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 2002, p. 24).

Utilizadas há muito tempo pela Igreja como forma de facilitar processos de expansão do catolicismo, compreendemos que as imagens transmitem mensagens do sagrado que tocam na subjetividade de cada fiel, e que podem ser apropriadas de diversas maneiras pelos católicos, como se percebe na fala da Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves. São José, sem dúvida, é um dos representantes do sagrado mais veiculado através de diferentes imagens na região em estudo, seja na Sagrada Família, seja segurando o menino Jesus no colo, ou sozinho segurando um ramo.

Historicamente, devido ao prestígio que possui São José no catolicismo, muitas pessoas são batizadas com este mesmo nome (sou um exemplo desta prática). Esta situação é comum também nas homenagens dos fiéis a outros santos e santas, como São Pedro, São João e, mais ainda, com Santa Maria. O cotidiano de nossos entrevistados é testemunha desta reverência em torno destes representantes do sagrado, onde ele revela também que esta é uma das formas pelas quais os católicos relacionam-se com seus intercessores favoritos.

Com relação a este tipo de homenagem em torno de São José em Pombal, tomamos por exemplo o caso narrado pela Sr.<sup>a</sup> Geralda Vieira S. Almeida. Assim como os demais entrevistados no período ao qual nos remetemos, ela residia na zona rural pombalense em um sítio a que chamavam do Maria do Santo (este nome é uma dupla homenagem aos santos). Segundo sua narrativa, a relação tanto de sua própria família quanto de seus vizinhos com São José baseava-se, em parte, nesta situação onde muitos respondiam por este nome:

[...] é assim, quem, quem, quem tinha, assim, coisa com, com São José, que tinha fé com São José, é... Cada uma casa tinha, seu santo. Comprava aquela imagem, trocava, nun era comprado, era trocado, a imagem e colocava na sua casa. Cada uma casa que tinha um [inaudível]. E quem tinha mais, assim, era nome da, da, das pessoas que tinha José (apontando para seu pai)... Ai era, era trocava e, e, e usava na sua casa, São José. [sic].<sup>12</sup>

O próprio pai da Sr.<sup>a</sup> Geralda Vieira chama-se José, e na casa da Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves, nossa outra depoente, havia a presença de um São Manoel por seu pai ter o mesmo nome que este santo. Segundo uma passagem de um conto popular<sup>13</sup>, o músico paraibano Jackson do

<sup>12</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

<sup>13</sup> Cf. **Quem conta um conto, aumenta um ponto**: contos das comunidades antigas. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/jornada/downloads/quemContaUmContoAumentaUmPonto.pdf>>. Acesso em:

Pandeiro se admirava: “Como tem Zé na Paraíba!” De fato, o nome de José é muito presente em nosso cotidiano, e, por esta razão, infere-se que esta situação existe devido às fortes devoções remetidas a este santo nas localidades em estudo.

Ainda somos informados por nossos narradores que muitas pessoas não trabalhavam no dia daquele santo com cujo nome foram batizados, em um claro sinal de temor e respeito. O dia de São José, como se perceberá a seguir, é sempre um momento especial no cotidiano sertanejo, pois é o dia daquele santo que é apropriado como o padroeiro das chuvas. Certamente, na data em que se celebra a devoção a este santo, muitos “José (s)” pombalenses estavam em suas casas ou nas igrejas a orar por suas preocupações com o inverno e as colheitas.

Além da apropriação das representações religiosas de São José e também da relação estabelecida através do nome, existem outras maneiras por meio das quais o fiel cria fortes laços com este santo, assim como com os outros. Graças recebidas e atribuídas à intercessão ou mesmo a ação direta do santo, por exemplo, estão entre as principais situações onde se criam estes laços. A Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves nos relatou uma graça recebida pela misericórdia de São José, em um momento onde ela passava por um problema pessoal, que foi justamente a ocasião onde ela tornou-se sua devota.

Eu, eu tava numa situação, não era de necessidade, era numa, numa, numa coisa tão, tão ruim que eu tava nela, num male tão ruim que eu tava nela, eu tinha quinze anos. Mas Graças a Deus, me peguei com São José. Agora fiz essa prece meu fí sabe que horas? Fiz essa prece, como é teu nome? Fiz essa prece Emerson, Emerson, base de umas doze horas de baixo **duma oiticica!** Saí de casa, eu acho que você não conhece não, a barragem de Ana Cavalcante, tinha uma oiticica assim de lado, [ai, tem a, a casa, a cozinha da casa, fiz almoço logo, ajeitei tudo] e **saí!** Doze horas. Cheguei lá fiquei, e pedi a ele, essa graça. Pra mim já, pra mim já tinha, já tinha recebido minha graça já, se eu tinha recebido, por que quem sabe era ele num era? Quem tava sabeno era ele, e, mim aliviou tudo por dentro, que eu tava toda arrochada por dentro, aliviou, basta, antes de um mês eu... recebi minha... a graça. [sic].<sup>14</sup>

Quando atende o fiel, o santo, além da confiança, ganha um enorme e indiscutível prestígio diante daquele que ali já se torna seu fervoroso devoto. A partir do momento em que recebe sua graça, a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves passa a perceber as atribuições em torno de São José

---

02 mar. 2017. Este conto traz diversas histórias de antigas comunidades rurais nordestinas. Elas variam desde histórias de cangaceiros e da poesia popular, a histórias de práticas religiosas a exemplo do conto de um “roubo” de São José, na comunidade do Redondo, em Cachoeira dos Índios-PB. Por se referir a São José, o conto faz uma breve relação deste santo com o sertão. É neste momento que ele traz essa menção de Jackson do Pandeiro ao nome de José na Paraíba.

<sup>14</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em abril de 2017, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB. (grifo nosso).

de uma maneira própria, como já percebemos anteriormente. O santo, por tanto, ganha um novo significado dentro da subjetividade do fiel por manifestar-se a ele ao livrá-lo de uma situação ruim. A relação desta fiel com o sagrado se dará absolutamente através de São José. Por esta razão, diríamos que a construção de uma devoção, neste caso, poder ser ela própria uma ressignificação do sagrado.

Segundo narra nossa entrevistada, até hoje ela continua com sua firme devoção ao santo originada em sua adolescência. A vida do *homo religiosus*, termo utilizado por Eliade (1992), pode em muitos momentos e situações encontrar uma razão de existência (às vezes a única) nesta particular conexão com o sagrado, construída na relação de reciprocidade que pode haver entre o homem e aqueles que fazem a mediação entre o plano terreno e o espiritual. Desta forma, em função desta busca incessante pelo transcendental edifica-se um espaço sagrado na subjetividade do fiel, que busca torná-lo algo concreto, pois,

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado. É por essa razão que se elaboraram técnicas de orientação, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado. (ELIADE, 1992, p. 21).

Em torno de São José existe, portanto, um espaço sagrado habitual das vivências religiosas de uma localidade sertaneja como Pombal. Outras práticas em torno deste santo que o tornam referência nesta região ainda podem ser discutidas. Partiremos agora para uma análise de como os pombalenses compreendem o dia daquele que é tido como o padroeiro das chuvas no Nordeste.

#### **2. 4 – Da desesperança a esperança: significações do dia de São José no cotidiano e na religiosidade de Pombal-PB**

No calendário litúrgico da Igreja Católica, São José é tradicionalmente festejado no dia 19 de março. (AUGRAS, 2005). No dia primeiro de maio, por sua relação com os trabalhadores, este santo é também festejado principalmente nas regiões devotadas ao São José Operário<sup>15</sup>,

---

<sup>15</sup> Cf. JUSTINO, Antônio. **Instituto Canção Nova**. Disponível em: <<https://instituto.cancaonova.com/sao-jose-operario/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.



como apresentado anteriormente. Suas festividades no Nordeste, até onde sabemos, seguem a data mais tradicional: o 19 de março.

Nesta região, São José é apropriado historicamente por meio das experiências de inverno, onde grande parte das práticas devocionais a ele destinadas relacionam-se às chuvas e às boas colheitas. Por esta razão, este santo é visto na prática católica nordestina como o padroeiro das chuvas, onde o dia no qual é festejado é um marco central para muitas atividades relacionadas ao campo, o que o torna um “divisor de águas” no meio das práticas rurais e agrícolas, segundo nos diz Gomes (1998).

Podemos perceber e compreender o significado deste “divisor de águas” em uma passagem da obra “O Quinze”, clássico da literatura de autoria de Rachel de Queiroz (2002), na qual é representada toda a dificuldade do cotidiano sertanejo ocasionada pela estiagem. Já dizia o vaqueiro João Marreca a seu compadre Vicente, personagens do enredo da trama: “- Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a Dona Maroca das Aroeiras deu ordens pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém.” (QUEIROZ, 2002, p. 11).

Dentro de uma concepção religiosa ou não, podemos afirmar que o dia de São José já influenciou, principalmente no passado, o destino de muitos no sertão. Essa passagem de “O Quinze” nos faz compreender muito bem esta situação. Quem estava com seu gado a perder aguardava até o dia santo para vendê-lo, quem estava também por se retirar guardava uma esperança de se haver bom inverno e assim permanecer no sertão também até lá. Igualmente, o agricultor poderia não plantar caso às chuvas não se iniciassem até dezanove de março. Portanto, este dia representava para muitos a última esperança de um inverno, no mínimo, satisfatório.

Por meio das narrativas concebidas, conseguimos também perceber este imaginário sertanejo que institui o dia de São José como marco das práticas rurais sertanejas, no cotidiano pombalense dos anos de 1960-70. Recorremos aos relatos da Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves correspondentes às experiências em torno deste representante do sagrado que faziam parte dos costumes de sua família. Buscando reforçar a relevância deste dia santo em suas vivências no campo, ela diz: “[...] todo mundo só se pegava com São José. Você olhe que ainda hoje o povo diz: - Ói, nós vamo, nós estamo, estamo esperando a, até o dia de São José! Até, até o dia dezanove de, de março! A fé do povo é até, até, até dia de São José”. [sic].<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em abril de 2017, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB.

Conta-nos ainda a entrevistada que seu pai plantava, por vezes, no dia deste santo para se colher no período do São João no mês de junho, o que era outra prática muito comum no passado destas localidades. Ela leva em consideração dois momentos religiosos característicos do sertão, e demonstra que estas pessoas buscavam quando necessário orientar-se em suas práticas agrícolas por meio dos períodos sagrados, onde o dia 19 de março era o ponto de partida da plantação e o dia 24 de junho, em que se festeja São João, era o ponto final com a colheita, a “festa do milho”. Neste caso, os dias de São José e de São João estavam diretamente relacionados e conferiam novos significados um ao outro.

Em sua narrativa, o Sr. Sebastião Filho ratificou também a importância das experiências em torno do dia de São José em Pombal. Mesmo que nos dias de hoje ele não seja mais agricultor, ele nasceu e cresceu no campo e, portanto, é consciente do significado desta data para aqueles que tiveram nas atividades rurais as bases de suas vidas, com foi o caso de muitos de seus familiares do Sítio Boa Vista. Quando dialogávamos sobre a devoção de sua avó, agricultora, em torno de São José, ele não restringe apenas a ela a importância do dia deste santo:

Ói, geralmente os agricultor todos são, né? Os agricultores na época é o dia de São José pra eles era o dia sagrado né? Eles, tinha, não era prá todos os agricultor (equivoco), eu acredito que não existia esse que não fosse devoto. Né? Com certeza, (inaudível), todos era, todos era... não é? Hoje, eu acredito que hoje quem é agricultor, a experiência é o dia de São José né? De chuva, [o santo da chuva, né?]. [sic.].<sup>17</sup>

Sem dúvida existe uma generalização no relato do Sr. Sebastião quando diz que “os agricultor todos são” devotados a São José. Mas esta visão está inteiramente ligada a sua própria vivência no meio rural. Segundo sua narrativa, ele viveu em grande parte de sua infância no meio de diversas práticas religiosas de seus familiares e vizinhos destinadas a este santo, a exemplo da tradição de “roubar” São José. Desta forma, não surpreende que ele suponha que de fato exista uma devoção generalizada daqueles que vivenciam o meio rural, pela importância que tinha e tem o padroeiro das chuvas para seu cotidiano. Portanto, o dia em que se festeja este santo é um dos momentos sagrados mais importantes para estas pessoas, afinal não é à toa que nosso entrevistado diz que “o dia de São José pra eles era **o dia sagrado né**”?<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

<sup>18</sup> Grifo nosso.

Segundo Gomes (1998), existe no imaginário em torno do inverno no sertão uma série de experiências que encerra-se em 19 de março, dia de São José. Já em dezembro, no dia 12, existe a experiência do dia de Santa Luzia, onde era costume se colocar “pedrinhas” de sal ao ar livre durante a noite, caso elas derretessem seria sinal de bom inverno. Havia e há também a experiência da barra de Natal, onde em seu amanhecer deve existir uma “barra” escura cruzando o céu para que haja bom inverno no ano que se inicia. Igualmente a experiência repete-se para o dia de ano novo. A última experiência é a chuva no dia de São José, que situa-se no final do mês de março, período considerado o auge do inverno. Portanto, o dia do santo padroeiro das chuvas encerra um ciclo de experiências de inverno aos olhos dos sertanejos, o que contribui ainda mais para diversas apropriações do sagrado praticadas por meio das devoções em torno deste santo.

Feita esta apresentação do significado do dia de São José para as atividades cotidianas dos sertanejos pombalenses, partimos agora para a discussão de alguns ritos religiosos que realizavam no período abordado no dia deste santo. A maioria de nossos entrevistados não recordam de modo mais específico como se recitavam hinos e benditos que cotidianamente poderiam ocorrer, mas que eram intensificados com a aproximação do dia 19 de março. No entanto, Cristina Pompa (2004), ao estudar certas práticas dessa natureza, expôs o seguinte trecho de um bendito a São José que, segundo ela, foi/é bastante veiculado na religiosidade sertaneja:

Meu divino São José/ aqui estou em vossos pés/pedindo água com abundância.  
[...]/ Meo divino São José/ não mate seus filhos não/ nem de fome nem de sede/  
pela cruz que traz nas mão./[...] Oferece este bendito/ a meu divino São José/  
que nos dê chuva na terra/pela vossa santa fé. (apud POMPA, 2004, p. 78).

Neste bendito, a súplica remetida ao santo é sedimentada na difícil vivência dos sertanejos, extremamente prejudicada pela escassez de água. O interessante é que se cria neste momento tanto uma representação do fiel suplicante, devotado ao santo e esperançoso, quanto de São José, quando se reforça seu lugar como santo responsável pelo envio das chuvas. Práticas religiosas como esta se combinam a outras como as romarias, procissões e novenas, apropriadas por todos aqueles que depositam esperanças no dia de São José, o que forma um conjunto de outras práticas religiosas, com significados ainda mais peculiares ao cotidiano sertanejo, a exemplo da tradição de “roubar São José”, como veremos no próximo capítulo.

As práticas mais características do dia do padroeiro das chuvas eram de caráter mais coletivo, onde haviam geralmente aglomerações de muitos fiéis e devotos. Na maioria das

vezes, além dos já mencionados benditos, rezavam-se novenas durante todo o mês de março ou, em alguns casos, durante os nove dias que antecediam o dia de São José, além de se realizarem procissões em homenagem ao santo. Assim descreveu a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves a característica das procissões do dia de São José que ocorriam no sítio onde residia e na região, por volta dos anos 1960-70:

Muitas vezes tinha, aonde tinha as procissões não era estrada não, era, só era o caminhozinho, aquele caminhozinho. O povo passava, a que nem, um rebanho de ovelha, **como daqui lá, lá em cima**, aquele monte de gente, até chegar na casa, por que não era, não era estrada assim né, era só uns caminhos, não dava para ir, para ir tudo emparelhado, só, só os que iam com o andozinho mesmo na frente. Os outros iam atrás. Era bonito, muito bonito. Mais isso aí, mas isso aí também era nos sítios né, nos sítios. [sic].<sup>19</sup>

Esta fala representa muito bem o que era este cotidiano nas zonas rurais pombalenses no período em questão, bem como às práticas religiosas nele presentes. Não temos aqui a intenção de apresentar uma dicotomia entre o rural e o urbano, mas é perceptível que estas procissões do dia de São José são representativas de uma religiosidade bem característica deste mundo rural vivenciado pela Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves e pelos outros entrevistados.

O “caminhozinho” do qual fala a entrevistada eram as chamadas *varedas* (ou veredas) presentes nestes sítios, desempenhando importantes funções. Quando não eram o único tipo de rota ali presente, elas funcionavam como atalho para o encurtamento das distâncias. Faziam parte desta forma de uma economia de tempo e de vida, sejam diminuindo as distâncias entre as próprias residências, entre a casa e o açude, ou mesmo entre ela e a roça ou a cidade. Esta religiosidade era, portanto, uma criação deste cotidiano das veredas, vivenciado por meio de uma economia de vida, e que buscava sempre uma estreita conexão com o sagrado. O dia de São José tinha muitas vezes a função de fazer aflorar este tipo de prática religiosa, principalmente nos anos com poucas incidências de chuvas.

Segundo nossos entrevistados, era ainda comum nas novenas que antecediam este dia santo, que os ritos sagrados ocorressem a cada noite na casa de um fiel diferente. A imagem do santo estaria desta forma em espécie de peregrinação e em constante deslocamento. Vimos no capítulo anterior que Souza (2013) apresentou este costume religioso na Bahia no início do século XX, onde no período do inverno modificavam-se as imagens dos santos de lugar como

---

<sup>19</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em abril de 2017, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB. (grifo nosso).

um rito em torno da chuva. Esta situação fará parte das discussões do próximo capítulo, como perceberemos a partir deste momento.

## CAPÍTULO III

### (RE)INVENÇÕES DA FÉ: a tradição de “roubar” São José na vivência religiosa pombalense

Percebemos através das discussões anteriores que São José, por ser requisitado como padroeiro das chuvas no Nordeste, é apropriado por meio de diversas práticas religiosas. Em determinadas situações da vivência sertaneja, estas práticas sagradas assumem um caráter estritamente “popular”, a exemplo da tradição de “roubar” São José. Especificamente, esta é uma prática da religiosidade nordestina<sup>20</sup> onde os fiéis católicos realizam uma espécie de furto da imagem deste santo para se suplicar pelas chuvas no período do inverno.

Ao analisar as narrativas dos entrevistados podemos inferir que a tradição de “roubar” imagens de São José em Pombal-PB no período abordado, consistia na retirada, por uma ou mais pessoas, de sua imagem de casas de parentes ou vizinhos, sem o consentimento destes, em períodos de poucas atividades de chuvas. A imagem é posteriormente escondida na casa do praticante do “roubo” (em casos específicos e raros, podia-se “roubar” a imagem de dentro de sua própria casa). Desta forma, esperava-se que São José, por suas graças e atribuições, intercedesse ou mesmo enviasse as chuvas para consolidar o plantio e as colheitas daqueles que dependiam de atividades agrícolas. Ao final do inverno ou quando o plantio já se encontrava assegurado, a imagem do santo era então devolvida para seu dono por meio de procissão e festejos, no momento popularmente conhecido como acompanhamento. Serão analisadas neste momento as ressignificações do sagrado praticadas por meio desta tradição no cotidiano e na religiosidade pombalense.

#### **3.1 – A crença no inverno e nas colheitas por meio do “roubo” da imagem do padroeiro das chuvas**

Na discussão que realizamos no primeiro capítulo compreendemos que situações nas quais as imagens de santos eram deslocadas de lugar, postas de ponta-cabeça, ou envolvidas em práticas desta natureza, são habituais na tradição católica brasileira desde o período colonial.

---

<sup>20</sup> Dos Anjos (2010) discutiu brevemente em seu trabalho de conclusão do curso de Antropologia Aplicada, o “roubo” de São José em uma perspectiva ritualística em prol das chuvas no município de Pedro II-PI. Consideramos, desta forma, que esta tradição pode ser registrada em boa parte do Nordeste. Cf. DOS ANJOS, Adeodata Maria. **O mito da chuva como elemento de identidade nas comunidades Tapera/Boa Esperança**. 2010. 123f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Antropologia aplicada) – Facultad de ciencias humanas y de la educación, Facultad de politécnica Salesiana sede Quito, Quito, 2010.

De certa forma, elas não deixam de representar a permanência ao longo do tempo de muitos costumes e tradições religiosas preservadas na memória, sejam de devotos e devotas, sejam de comunidades ou mesmo em regiões com aspectos culturais em comum. Em cada contexto e em cada momento histórico, estas práticas dispõem de contornos particulares, como será perceptível no decorrer deste capítulo.

De acordo com a memória popular pombalense, a tradição de “roubar” São José é uma manifestação religiosa que se relaciona principalmente às chuvas de início do inverno. Geralmente quando surgem, elas nutrem uma esperança nos agricultores que iniciam suas plantações. Posteriormente, as chuvas podem desaparecer ou entrar em períodos onde se tornam irregulares, algo muito comum no sertão nordestino e que põe as pequenas lavouras em perigo. Desta forma, era e é habitual que muitos agricultores, quando não perdem totalmente o que se planta, venham a ter sérios prejuízos relacionados às estiagens, principalmente em épocas onde não havia políticas assistencialistas para o meio agrícola, ou até mesmo aposentadoria rural.

Diante destas situações, as necessidades poderiam ser muitas, principalmente àquelas relativas a alimentação nos anos em que os agricultores perdiam a maior parte do que plantavam. Não obstante, as ajudas, geralmente de vizinhos ou as migalhas dadas pelos donos das propriedades nas quais estes agricultores residiam, eram poucas e dentro dos limites da suficiência. Restava, no entanto, a fé.

De acordo com a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves, seu pai, Sr. Manuel, plantava anualmente milho e feijão por volta do final dos anos 1960, mas pelo que se percebe em suas falas, a situação cotidiana de sua família era difícil, onde pouco alimento havia em casa. O seguinte trecho de sua narrativa nos permite compreender parte deste cotidiano, quando justifica o “roubo” da imagem de São José que praticou no sítio Vale Verde, no início dos anos de 1970: “[Por que] eu, eu tinha vontade de roubar. Eu tinha vontade de roubar um, São José, por que eu queria vê muita coisa dentro de casa, tinha, faltava coisa em casa né? Faltava... [pai sozinha...] Mais, aí [depois] que num faltou mais nada não meu fí, assim, Deus abriu as porta.” [sic].<sup>21</sup>

A situação relatada, como se sabe, era e é muito frequente na vida diária daqueles que dependem do campo para a sobrevivência. As falas dos entrevistados dialogam entre si quanto às situações desta natureza. Quando jovem, a Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida residia com sua família no sítio Maria do Santo no final dos anos 1960. Em um determinado início de inverno, seu pai, Sr. José, assim como os demais agricultores que ali residiam, havia realizado a plantação após a ocorrência das primeiras chuvas. No entanto, elas encerraram-se momentaneamente, e em meio

---

<sup>21</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB.

a esta preocupação, a Sr.<sup>a</sup> Geralda, juntamente com sua mãe, que herdara a tradição através de seus familiares, realizou a prática de “roubar” a imagem de São José. Assim ela narrou quando questionada sobre o motivo de ter realizado este ato:

Porque que, eu roubei? Porque, era um, era um, um, um verão tão grande, que, que, quem plantou, tava se perdeno. Ai a, minha mãe era mais desse povo antigo, disse: - Minha fia vamo roubar aquele santo, da casa de Glória. - Que Deus vai mandar muita chuva pra acabar de colher. **Ai nós roubemo** [...]. [sic].<sup>22</sup>

As famílias de ambas as narradoras viviam e sobreviviam da roça e residiam em propriedades rurais que não eram próprias, onde viviam como moradores. Em vivências rurais desta natureza, ainda é comum que muitos agricultores dividam o que produzem no campo com os donos das propriedades nas quais residem e trabalham, o que pode dificultar ainda mais a situação destas pessoas após o inverno. Mesmo aqueles que por ventura residissem em suas próprias propriedades, não tinham garantia de uma situação muito melhor. Em muitos casos, o pouco que se colhia era basicamente destinado à subsistência, onde quase nada do que se plantava era comercializado, a exemplo do algodão. Desta forma, a vida destas pessoas era marcada pela pressão constante de sobreviver sempre com o mínimo.

Tem-se, portanto, um quadro sociocultural que muito exigia e exige de pessoas como nossos entrevistados. Em suas formas de pensar era preciso fazer muito esforço para que os dias futuros viessem com algum tipo de alívio, e isto muitas vezes fugia de suas capacidades. Sozinhos, seria difícil superar as dificuldades que se apresentavam diariamente. Recorre-se assim a fé, que por sua vez, vem somada a esta capacidade criativa do ser humano, que apresenta-se muitas vezes como o meio por ele encontrado para se refugiar daquilo que o incomoda e o atormenta, conforme nos faz compreender estudiosos como Certeau (1998). A tradição de “roubar” o santo padroeiro das chuvas aparece nestes momentos.

Por meio de suas memórias de infância, o Sr. Sebastião Filho recorda como aconteciam os “roubos” da imagem de São José por volta do início da década de 1980, no sítio Boa Vista, onde residia com sua família, sendo que um dos praticantes desta tradição foi justamente seu pai, que “roubou” uma imagem de São José da casa da mãe dele, quando sua plantação corria riscos de perder-se pela falta de chuvas. Vejamos esta narrativa:

---

<sup>22</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB. (grifo nosso).



[...] é uma coisa que eles tinha, é uma cultura, uma visão que eles tinha, eles plantava e a devido a não chover, eles achava que eles, chegam naquela casa, ele entrava na casa intertia o dono da casa, ou levava alguém pra intertê o dono da casa, então, eles conseguia levar o santo São José, num é, e levava pra, pra sua casa, enrolava numa toalha o santo né, qué pras pessoas não perceber, então ai pronto, quando era com um determinado tempo, por exemplo, assim, quinze dias, é, eles chegava na casa e falava pro dono da casa: - Ói, o santo tá lá em casa, a gente vamo ajeitar pra tal dia a gente vai trazer o santo. Certo? [sic].<sup>23</sup>

A narrativa do Sr. Sebastião resume de modo claro a lógica desta tradição, tal como mencionamos no início do texto. Apesar de muito jovem no período ao qual se refere, o entrevistado guarda em sua memória muitos detalhes de uma prática corriqueira em sua infância e que era também algo marcante, a ponto de ser preservada tanto em suas memórias quanto nas de seus parentes e vizinhos. Estas pessoas, segundo ele, além de praticarem a tradição, faziam menções a outras práticas desta natureza tanto naquele período quanto em épocas anteriores. Isto reforça o lugar da memória como portadora e transmissora desta tradição, pois “a memória ativa é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades”. (DELGADO, 2006, p. 17).

Através das narrativas da Sr.<sup>a</sup> Geralda Vieira pode-se confirmar o que foi exposto pelo Sr. Sebastião. É perceptível por meio de sua fala exposta anteriormente que a situação na qual se encontravam os agricultores do sítio Maria do Santo na época mencionada, era a ideal para que os crentes nas forças de São José, como sua mãe, tivessem a iniciativa de praticar o “roubo” da imagem deste santo. Em meio àquele universo devocional, onde a presença de imagens de Santa Maria e São José era ainda mais marcante nas residências dos devotos, praticar esta tradição não era algo difícil de fazer. Vejamos como nossa entrevistada narrou parte do episódio no qual ela praticou a tradição no mês de março, próximo ao dia do padroeiro das chuvas:

[...] pra chegar São José passava uns três dia, pra chegar São José, ai ela, ai mãe foi disse assim: - Minha fia vamo na casa de Glória? Eu digo: - Vamo. Ai ela, e... ela, eu disse: - Por quê que a senhora quer que nós vamo lá? Ela disse: - Por quê não tá... não vai chover, você vai, nós vamo, quando a gente chegar lá... Eu digo: - Por quê? Ela disse: - Tem um santo São José lá, você, eu entro pra cozinha com ela, e você p... na frente, ai você pega o santo, e ra... vou levar essa toalha, ai você vai enrola o santo, e n... você marque o, canto aqui aonde butô, pra quando nós voltar pegar o santo. Ai fiz... [deixemo, e depois fizemo]! Ai ela entrou, eu vô pego o santo e saio né, ai butei lá, quando foi já pra escurecer, [eu digo]: - Bora mãe que já tá na hora da gente sair. Ai ela disse: - Por quê é que cê tá vexada? A velha da casa, num sabe? - Por quê é que cê tá vexada? Ai ela disse, eu disse: - Não, é porque já tá escurecendo, e é melhor a gente ir daqui lá pra casa. (Silencio breve). Ai... [foi], nós saimo,

<sup>23</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

quando nós chegemo na frente onde eu tinha butado, ai peguemo o santo, e saimo né? [sic].<sup>24</sup>

Os desdobramentos ocorridos durante esta prática e também os que a sucedem oferecem margem para variadas discussões. Apresentamos até este momento três situações onde ocorreu o “roubo” da imagem de São José, outras serão discutidas mais a frente, e é interessante como ambas acarretaram respaldo positivo de acordo com a visão dos devotos praticantes da tradição. No caso, São José concebeu a graça do envio das chuvas, e assim os habitantes destas comunidades garantiram suas safras.

No sítio Maria do Santo, de acordo com as informações da Sr.<sup>a</sup> Geralda, desencadeou-se uma grande quantidade de chuvas através das quais os agricultores daquelas localidades puderam colher a maior parte do que se plantou<sup>25</sup>. Milho, feijão e arroz estiveram durante aquele ano (não especificado) em quantidade suficiente na casa de nossa narradora, como também na de seus familiares e vizinhos. Nos outros dois “roubos” praticados, o do pai do Sr. Sebastião Filho e o da Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves, a situação aconteceu de modo similar, porém, com detalhes específicos que devem ser apresentados e discutidos.

Segundo a narrativa do Sr. Sebastião, quando seu pai “roubou” a imagem de São José houve tamanha chuva durante a noite daquele dia e posteriormente tamanho inverno, que ele teve que antecipar a entrega da imagem do santo a sua mãe. A imagem de São José foi devolvida antes do fim do inverno e das colheitas porque suas lavouras agora estavam prejudicadas pelo excesso de chuvas, o que também põe o plantio em perigo:

Ai quando meu... quando me pai levou o santo né? Aí nessa noite choveu muito, muito e continuou chovendo. Então é, que nem eu falei pra você no início, meu pai devolveu, falou pra mãe dele: - Mãe, eu vou devolver o santo. Bem antes do prazo, porque eles, eles estipulava um prazo, dizia assim: - Ói, daqui a quinze dia, ou um mês, daqui um mês, né? E... Eu venho devolver o santo, entendeu? Ai dessa vez choveu tanto que meu pai antecipou a, a coisa por caso que tava chovendo direto e as lavoura não aguentava tanta chuva (riso). [sic].<sup>26</sup>

Vejamos também o que ocorreu após a Sra. Maria das Neves ter “roubado” a imagem de São José da casa de um vizinho no sítio Vale Verde, e tê-la escondido previamente em um pé de milho na roça de seu pai. Quando questionada sobre ter chovido neste dia, ela assim

<sup>24</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

narrou: “**Ave Maria rapaz**, até a, a banda da, da, da casa de papai caiu, o santin foi ficar lá do outro lado, [inaudível] riacho, ai eu procurano, procurano, tava inboicadin... (emborcado) Ai, ai, **eu trouxe ele**, pra casa e botei no oratório”. [sic].<sup>27</sup>

O que reforça esta tradição no imaginário destas comunidades pombalenses são estas recordações das grandes chuvas que a sucediam, e também os bons anos de inverno e as boas colheitas obtidas em eras onde, segundo narram os entrevistados, os devotos prestavam-se a realizar o “roubo” de São José. Estes são os momentos mais preservados na memória popular, e que permitiam que a tradição continuasse se reinventando na cosmologia de seus futuros praticantes. “São lembranças disseminadas de geração a geração, por familiares e amigos, que, muitas vezes, ao qualificá-las segundo sua visão do que passou, influenciam ou mesmo determinam sua representação no presente.” (DELGADO, 2006, p. 18).

Os contos mais detalhados onde se recordam situações específicas, inusitadas e cômicas, que muitas vezes fugiam ao que era esperado pelo devoto, são também os que mais facilmente são preservados na memória popular, alcançando desta forma uma grande amplitude e popularidade em diversos lugares. Desta maneira, os contos encontram-se presentes no meio de inúmeras outras histórias destas pessoas e destas localidades, o que as permitem que por muito tempo não sejam relegadas ao esquecimento. Histórias onde se recorda que as chuvas causaram danos às plantações e às residências, onde os foguetões disparados nos festejos do acompanhamento quase causaram incidentes como danos físicos aos fiéis e incêndios nas matas, dentre outras situações que apresentaremos mais a frente. Estes casos são os preferidos dos tradicionais contadores de histórias comumente presentes no sertão de Pombal-PB.

Em raros casos poderia ocorrer o “roubo” da imagem de outro santo, como perceberemos em uma discussão mais específica acerca desta tradição nas comunidades Estrelo e do Juá, localizadas na zona rural pombalense. No entanto, pela situação inesperada em que isto poderia acarretar, acabava-se reforçando o “roubo” da imagem do próprio São José. Vejamos o que nos diz a Sr.<sup>a</sup> Geralda Vieira acerca desta tradição remeter-se a outros representantes do sagrado:

A, teve gente que roubou uma vez, a imagem do sinhô... Minha mãe contava num sabe? Que roubaram uma imagem do sinhô, e foi um dilúvio d’água. Foi por que né, num era... o san... o san... o santo certo mesmo é São José. Num é, num era a imagem do sinhô. A imagem do sinhô, quando quem roubou,

---

<sup>27</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB. (grifo nosso).

[inaudível] foi um dilúvio tão grande, de água. São José não, ele já é, já é padroeiro mesmo de da, da, de chuva. [sic].<sup>28</sup>

“Roubar” uma imagem que não fosse à do padroeiro das chuvas poderia, em determinadas situações, acabar em sérios problemas. Percebe-se que havia uma pedagogia na tradição oral desta prática que acabava reforçando-a em torno de São José. O santo a “roubar” deveria ser aquele que já era “especializado no assunto”, ou algum outro que de alguma forma abrisse espaço para tal prática do sagrado.

A tradição de “roubar” a imagem de São José é uma legítima representante dos chamados modos de proceder da criatividade cotidiana, discutidos por Certeau (1998). Percebe-se através das narrativas dos pombalenses que a prática é constituída por meio de todo um aparato muito bem pensado e elaborado pelos fiéis no meio de suas vivências domésticas. Em meio a esta tradição, percebe-se a presença de objetos comuns ao cotidiano, a exemplo da toalha na qual se enrola a imagem “roubada”, a mala ou objeto do tipo onde o praticante do “roubo” pode esconder a imagem em sua casa, e ainda os locais onde a mesma pode ser previamente escondida no momento do “roubo”, como o pé de milho onde a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves escondeu a imagem que “roubou”. É justamente esta conjuntura de objetos mobilizados em torno da tradição, que contribuem para que a prática católica, em suas formas seculares, assuma um significado distinto do que orienta a Igreja, onde assim apresenta-se em nítida aproximação com mundo em que vivem estes fiéis.

Mencionamos no primeiro capítulo que modificar locais onde se encontram imagens dos santos é uma característica dos ritos religiosos celebrados em prol das chuvas. Neste caso específico, os devotos depositam esperança neste deslocamento da imagem de São José, que para voltar ao lugar de origem deve atender aos pedidos dos fiéis necessitados. Compreendemos que no imaginário destas tradições religiosas, a imagem do santo encontra-se estabelecida na casa de um devoto que lhe atribui um lugar central em sua residência, além de respeito e zelo. Quando ela é subitamente retirada deste espaço e alocada a outro, é como se São José agora estivesse em um local onde ele não dispõe exatamente da mesma centralidade, não estando condicionado ao mesmo prestígio, apesar dos praticantes do “roubo” também atribuírem devoção ao santo.

Nas mãos daqueles que realizaram seu “roubo”, a imagem de São José poderia ser destinada a locais não muito confortáveis, como percebemos através da narrativa da Sr.<sup>a</sup> Maria

---

<sup>28</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

das Neves anteriormente exibida. De acordo com as informações do Sr. Sebastião Filho<sup>29</sup>, o destino mais comum da imagem na casa de quem realizava o “roubo” era geralmente uma mala, devido ao fato dela não poder estar a todo tempo à mostra. Mesmo que a imagem fosse guardada junto com os santos pertencentes ao praticante do “roubo”, para não ser visualizada, ela deveria ser escondida por trás de outras imagens de santos. Assim, São José estaria em dificuldade e deveria atender ao clamor de seus devotos. Esta dificuldade poderia ter relações com o próprio cotidiano dos fiéis, que iriam restituir o lugar ao santo após a graça alcançada nos pedidos pelas chuvas.

Diante deste quadro da vivência religiosa pombalense, São José encontrava-se envolvido em uma relação de negociação estabelecida com o devoto. A vida de muitos sertanejos nordestinos foi sempre caracterizada por submeter-se à relações sociais perpassadas por trocas, barganhas e acordos. Havia trocas de favores e de bens que geralmente eram feitas com parentes e vizinhos, em um sistema de cooperação mútua. As barganhas poderiam ocorrer com os patrões e mandatários da região, em ações que visavam muitas vezes a obtenção de proteção diante de problemas pessoais ou mesma em relação às leis. Os acordos eram em muitas situações firmados com os tradicionais políticos e donos de bodegas, por exemplo, e serviam a interesses financeiros em um contexto onde o dinheiro era quase uma abstração.

Todas estas situações eram muitíssimo presentes no cotidiano sertanejo, diríamos que elas faziam parte de uma economia de vida própria deste lugar. No entender destas pessoas este tipo de sociabilidade seria, portanto, indispensável para sua sobrevivência. Como temos procurado deixar claro ao longo deste trabalho, esta religiosidade, de certa forma, é formada a partir da própria percepção que os fiéis tem de seu lugar e de suas vidas. Desta forma, eles se (re)apropriam desta vivência e às envolvem em suas práticas religiosas, onde tem-se negociações trocas e barganhas, estabelecidas até mesmo com o sagrado.

### **3.2 – Os acompanhamentos no pós-colheita: confraternizar, agradecer e festejar diante do sagrado**

Na lógica desta tradição, o fiel considera ter sua graça concebida após as boas quantidades de chuvas ocorridas durante o inverno, e após as boas colheitas asseguradas. Segue-se a isto toda a preparação para o momento onde irá ocorrer a entrega da imagem de São José

---

<sup>29</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

à casa de onde foi “roubada”, por meio da procissão de acompanhamento. Como perceberemos, festejar a graça recebida é o que norteia todo esta ocasião, que por sua vez, desdobra-se em outras situações relativas tanto a própria religiosidade como também às relações familiares e comunitárias.

O acompanhamento é antes de tudo um momento de confraternização que já se inicia quando o praticante do “roubo” confessa o ocorrido ao dono da imagem do santo, e contacta membros da comunidade para que todos possam participar e ajudar na devolução da imagem. Após o inverno garantir a safra no final da década 1960, a Sra. Geralda Almeida informou toda a ação do “roubo” a dona da imagem do santo quando realizava uma derradeira visita à sua casa:

Ai foi eu descobri. Eu disse: - Quem roubou foi eu, naquele dia que eu vim mais mãe aqui, que entrei. Ela disse: - **Eu sabia sem vergonha que você tava muito avexada.** Ai, [inaudível], ai eu fui pronto, ai eu fui a... procurar, a, a... ajeitar as coisa, pra fazer o acompanhamento. **Ai num faltou quem me ajudasse.** Um dava uma coisa, outro dava outro, ai outro dava fogo, outro dava o, o, a, o, coisa pra fazer o andor, ai os menino de lá vizinho vêi fez o andor mais eu. Ai fumo, ai eu fui, procurei os nego dos Pontão, ai nesse tempo era Aurélio, Clóvis, Neco, esse povo mais antigo, Leandro, num sabe? Ai ele disse (referindo-se aos Pontões): - Nã’ se preocupe não, que nós vamo lhe ajudar. Ai, ele disse: - Quando for no dia a gente vai procurar... Foi no dia de São José mesmo. – Ai nós vamo, vamo ajeitar todo mundo pra vim pra aqui. Eu digo: - Pode vim, tudin pra aqui. Ajeitemo a, a casa, a sala todinha. **Ai isso encheu de gente, isso foi tanta da gente, tanta da... mas foi tão bonito, os nego vieram tudo trajado** (referindo-se aos Pontões). [sic.].<sup>30</sup>

De modo similar também procedeu a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves no sítio Vale Verde, ao informar o dono da imagem de São José sobre o acompanhamento que traria o santo de volta a sua residência. Vejamos como a narradora procedeu:

[...] **quando colheu tudin...** foi que eu, ai foi que eu [dex... deixo] em casa, ai fui disse, fui lá em compade Bernardo (o dono da imagem), disse: - Ói compade Bernardo o São José, amanhã ele vem pra aqui. Mandeí compade, compade Chico de Aninha fazer o andor, enfeitemo [foi até as minina que me ajudou a enfeitar], sua mãe, foram lá para casa, (inaudível) ajudou a enfeitar... quando foi de quatro hora fizemo o acompanhamento **muita gente tinha fogo, tudo.** [sic.].<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB. (grifo nosso).

<sup>31</sup> Narrativa de Maria das Neves C. da Silva. 74 anos. Agricultora. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Cajazeirinhas - PB. (grifo nosso).

Os procedimentos em torno deste momento permitiam o encontro da maioria das pessoas que habitavam na comunidade ou mesmo em outras vizinhas mais distantes. Quando alcançada, a graça solicitada pelo devoto que praticava a tradição passava a ser do interesse de todos aqueles que, em seu entender, eram igualmente beneficiados pela intercessão de São José, onde às chuvas enviadas estavam a auxiliar a quem residisse nas redondezas. Isto é perceptível por meio da narrativa de ambas as entrevistadas que obtiveram igual ajuda de seus vizinhos e também de terceiros, sejam contribuindo com festejos, com a construção e ornamento do andor onde coloca-se a imagem do santo, ou com a própria animação do ato que, no caso ocorrido com a Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida, contou com a presença dos grupos religiosos das festividades do Rosário de Pombal. Portanto, pode-se entender o acompanhamento como sendo o responsável pela coletivização desta tradição.

Por meio deste momento compreende-se que este ato de se “roubar” a imagem do santo, enquanto rito religioso, tinha por função mobilizar todos os fiéis destas comunidades a partilharem da mesma crença, da mesma graça e da mesma esperança na sobrevivência. Possivelmente, uma vez participando de uma procissão de acompanhamento, um outro fiel poderia ser o próximo a realizar a tradição pelo momento grandioso que ali viveu. Desta forma, o que se entender por “roubo” era o ponto de partida, era uma desculpa, que aqueles fiéis queriam para festejarem conjuntamente o sagrado.

Em suas falas, a Sr.<sup>a</sup> Geralda menciona os vários acompanhamentos que ela também participou em regiões circunvizinhas: “[...] - Tem um acompanhamento na casa de Clóvis, a gente ia. - Tem um acompanhamento na casa de Néco, a gente ia. - Tem um acompanhamento na casa de Aurélio, que [inaudível] ... Em Mané Cocundo, que era do São João, daquele povo ali num sabe? Ai a gente ia.” [sic].<sup>32</sup> Decerto, estes eram momentos de muita interação entre os membros das comunidades, onde muitas e muitas outras histórias eram contadas e recontadas. O acompanhamento era então uma ocasião de alegria e de satisfação daqueles que ali se encontravam para festejar a fé, e era sem dúvida um momento intenso das sociabilidades características destas comunidades.

Como mencionamos anteriormente, havia também neste momento da prática aquelas situações inusitadas e cômicas que faziam parte da própria inventividade da qual era portadora a tradição de “roubar” São José. Uma situação ocorrida quando o pai do Sr. Sebastião devolvia a imagem “roubada” é representativa destes momentos. Vejamos:

---

<sup>32</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

[...] quando meu pai vinha chegado na frente da, da casa da minha avó, era, a minha avó tava na porta e meu pai foi soltar o foguetão, esse foguetão no lugar dele subir, ele tava com a vaqueta mea torta, a varetazinha torta, ele foi direto pra porta da minha avó, minha avó tava [no coisa], a, a essa... esse foguetão passou na cara da minha avó e explodiu num paió de feijão que tinha na sala (riso). É muito interessante, é, é. [sic].<sup>33</sup>

O mesmo informante também acrescenta que ouvia-se falar em histórias onde os foguetões causavam incêndio nas matas e o acompanhamento acabava por se tornar uma força tarefa contra o fogo. Enfim, contos e mais contos guardados na memória destas pessoas, que às recordam com saudosismo e nostalgia dando novas cores a velhas vivências em comunidade, em torno de uma religiosidade ressignificada em pleno alto sertão paraibano. A tradição oral da prática parece se alimentar destes momentos de encontro das famílias, das histórias engraçadas, algumas até “aumentadas”, o que, segundo (Meihy, 2010), é característico da memória oral. Muito do que o Sr. Sebastião recorda desta prática que seu pai realizou se deu a partir deste episódio que, segundo ele, era sempre recordado por seu pai no sítio Boa Vista, onde, neste caso, “a memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente”. (DELGADO, 2006, p. 38).

Em seu sentido mais propriamente religioso, o acompanhamento de devolução da imagem buscava festejar a graça alcançada por meio da fé a São José, mas de modo exuberante. A imagem era colocada em um objeto construído especialmente para a ocasião, o andor, onde ela seguia em acalorada procissão até a casa de onde foi retirada. Os festejos deste momento objetivavam também convidar a todos que residiam nas imediações a participarem e prestigiarem o ato, pois afinal, como já mencionamos, a graça servia aos interesses de muitos. O Sr. Sebastião Filho, ao recordar um acompanhamento que participou na juventude, assim descreveu este momento:

[...] uma prima minha entrou lá numa casa e dum, pessoal conhecido da gente lá, e levou esse santo. E passou mais ou menos assim, uns vinte e poucos dias e a gente fomos levar esse santo, né? Muita gente na estrada cantano, é muitos fogo, e, e era aquela alegria toda viu. Pra gente, pra gente assim na época, era uma coisa, vou te contar, era uma, uma alegria enorme, num tem nem o, o [precisão] pra falar do tamanho da alegria que a pessoa tinha na época, dizer assim: - Ah, vão entregar o santo tal dia. Meu irmão, era como se fosse uma **festa, grande**, pra gente era uma festa grande, viu?! Era uma diversão muito grande, além da fé né, na da tradição que tinha. [sic].<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

<sup>34</sup> Idem. (grifo nosso).



Além de participar de alguns destes momentos no sítio Boa Vista, nosso entrevistado também afirma que ouvia muitas histórias em sua infância sobre os acompanhamentos de santos ocorridos na região no início dos anos 1980. Nelas, constavam outros lugares onde se “roubavam” o santo, as distâncias percorridas no acompanhamento, os detalhes da procissão... Percebemos, portanto, que este ponto da tradição era algo altamente cristalizado na religiosidade das próprias comunidades, onde ele era, sem dúvida, um dos momentos religiosos mais importantes destas localidades rurais, que, até onde se sabe, não apresentavam outros ritos sagrados que fossem capaz de suplantá-lo. É definitivamente um espaço de exteriorização e explosão da fé, que são representados nesta alegria por ser agraciado, como tão veemente destacou o Sr. Sebastião. Nesta ocasião, pode-se dizer que a fé é uma festa.

Nos acompanhamentos, o sentimento maior presente daqueles grupos de fiéis e devotos que construía o ato, era o de gratidão. Os ritos da piedade popular são perpassados por esse sentimento, onde dentro desta concepção a vida necessita constantemente da intervenção do sagrado, que quando cumpre seu papel é inserido em meio a diversos ritos de agradecimento. Compreendemos que a lógica destas tradições religiosas resume-se em: suplicar, ser atendido e agradecer, e isto torna-se um ciclo contínuo. Desta forma, os fiéis são gratos a São José por mais um período de bom inverno e por um restante de ano com menos preocupações quanto à comida na mesa.

Os ritos do acompanhamento contemplavam logicamente todo tipo de oração e louvor destinado ao santo. Era o momento de engrandecimento das virtudes de São José enquanto padroeiro das chuvas e Patrono das famílias. Terços, benditos e cânticos diversos ditavam juntamente com os foguetões os ritmos daquela celebração religiosa.

O andor que transportava a imagem pode ser entendido como um altar que é edificado especialmente para contemplar ainda mais as virtudes de São José. De acordo com as narrativas aqui apropriadas, ele era cuidadosamente ornamentado com enfeites, velas e outros elementos para a ocasião, o qual teria, dessa forma, a função de explicitar a grandeza daquele que entendeu a súplica de seu devoto:

Eles, eles pegava, eles pegava é... [com, com] quatro pau, não, dois pau, ai eles pegava un...uns pau que dum... duma madeira chamado mofumbo, né? Que era on... fazia o arco, entendeu? Era um arco, então eles fazia dois arco, e então, ali naquele meio colocava uma tauba ali no meio, colocava aquele santo dentro, botava ele é empezinho dentro, no, no, no an... no andô, e enfeitava aquele andor todinho de uns papel muito bonito. [sic].<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Narrativa de Sebastião F. Lacerda Filho. 44 anos. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

A fala do Sr. Sebastião Filho detalha bem toda a engenhosidade na construção deste objeto. Feito com madeira e outros elementos característicos do cotidiano sertanejo em um procedimento artesanal, o andor é literalmente uma invenção destas práticas sagradas. Portanto, ele é também representativo destas reinvenções da fé proporcionadas pela tradição religiosa aqui analisada.

A Sr.<sup>a</sup> Geralda Vieira nos relatou que os grupos religiosos característicos da Festa do Rosário de Pombal participaram do acompanhamento que devolveu a imagem que ela “roubou” juntamente com sua mãe no sítio Maria do Santo. Tendo contato com alguns membros do grupo dos Pontões que residiam naquela comunidade e em outras vizinhas, como percebemos através de sua última fala, não foi difícil contar com a presença destes e também de outros grupos religiosos no ato da entrega da imagem. Assim, ela narrou acerca da atuação destes confrades do Rosário em meio aos ritos deste acompanhamento:

A, lá na, lá, na casa, lá em casa eles fizeram o, o, o festejo dele, dançaro muito cantaro muito, a, a, o, o hino dele. Ai saimo, em caminhada, a procissão, e os nego isso can... cumé, cantano, outros rezano, agradeceno as chuva que, São José, encontrou, até chegar lá, e quando chegou lá, ai fumo tirar o terço, [inaudível] rezar, foram festejar... [sic].<sup>36</sup>

Este momento da tradição, por sua própria característica, era atrativo para a atuação destes grupos religiosos que sempre estiveram presentes em diversos ritos católicos desta natureza ao longo da história da religiosidade brasileira e pombalense. Neste caso, os confrades tornaram aquele ato religioso ainda mais exuberante, por meio de suas danças e cânticos peculiares, o que denota, mais uma vez, a presença de um sincretismo religioso na ressignificação do culto a São José. Em ambos os momentos desta prática sagrada pode-se localizar elementos que a conferem novos significados para o sagrado, seja no próprio ato de se “roubar” a imagem do santo, seja na inventividade por trás da construção dos andores, ou ainda com a presença de elementos exuberantes no acompanhamento, como percebemos neste último caso.

Com todos estes elementos e características seguia-se a procissão de acompanhamento com a imagem de São José à casa de onde fora “roubada”. Na chegada ao local de destino os entrevistados nos dizem que geralmente procedia-se com mais orações e louvores, até a imagem ser posta no local de onde foi retirada. Este tipo de procissão, de acordo com Souza (2013),

---

<sup>36</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

ocorria em meio a uma relação de reciprocidade entre o fiel e o santo. Neste imaginário religioso, caso o devoto não cumprisse com sua parte, o santo poderia abandoná-lo ou mesmo castigá-lo, pois estas procissões,

[...] eram relacionadas também à necessidade de proteção divina, com sua realização visando diversos objetivos: evitavam pestes, combatiam estiagens, invocavam como aliados os santos aos quais elas se dirigiam. Em um cotidiano marcado pela precariedade, no contato com uma natureza frequentemente adversa, elas funcionavam como uma rede de segurança, e não realizá-las significava perder a proteção sobrenatural e expor-se indefeso ao perigo. (SOUZA, 2013, p. 51).

Um ato ousado como “roubar” uma imagem sagrada não poderia se aproveitar inteiramente da “boa vontade” de São José, que não iria enviar às chuvas sem solicitar algo em troca. O fiel teria uma parte a cumprir ao receber a graça que necessitava. Ele deveria proceder com uma pomposa procissão em louvor ao santo. No caso aqui analisado, o acompanhamento era o símbolo desta proteção de que fala o autor acima, além de salvaguardar futuras intervenções do santo quando o fiel novamente necessitasse.

De acordo com os testemunhos aqui registrados, neste momento da tradição não havia presença ou participação de nenhum representante formal da Igreja Católica, ou seja, Padres, Freis, Bispo, etc. Quando questionados sobre o assunto, os entrevistados afirmaram também que nunca ouviram nenhuma menção por parte destes religiosos em relação à prática do “roubo” de São José. Na realidade, estes fiéis se mostravam bem pouco atentos à opinião da Igreja sobre esta tradição. Assim comentou a Sr. Geralda quando questionada sobre a possibilidade de haver algum posicionamento da Igreja em relação ao “roubo”: “Não, nunca ouvi falar não. (Silêncio). Mas quem é, quem já é... aquele povo mais, mais velho da, de trás né? Eles já sabia mais ou menos que podia [...]” [sic].<sup>37</sup>

Mais uma vez percebemos que uma concepção de tradição tem por base a oralidade das famílias e das comunidades. Se ela era, portanto, algo de natureza familiar e comunitária, que se remetia sempre aos mais velhos, não havia preocupação por parte dos fiéis quanto a possíveis orientações de uma Igreja geralmente ausente, e que no fundo sempre se mostrou passiva em relação a este tipo de prática no catolicismo brasileiro. Isto reforça o caráter estritamente local da tradição, calcada sempre nestes lugares da memória voltados para o passado destas pessoas e destas comunidades.

---

<sup>37</sup> Narrativa de Geralda Vieira da Silva Almeida. 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada em março de 2018, em sua residência, na cidade de Pombal-PB.

A tradição era desta forma pautada em uma relação íntima e direta com o sagrado, que era representado por meio das boas ações de São José diante do cotidiano sertanejo. Mesmo que em outras ocorrências desta prática sagrada que tenham fugido de nosso conhecimento se constasse a participação da Igreja, a situação não seria diferente. Deve-se perceber que o “roubo” de São José é uma invenção de uma religiosidade caracteristicamente local, o que existiu de outras formas ao longo da história do catolicismo no Brasil, com ou sem influências da Igreja.

### **3.3 - Outros momentos da tradição: histórias e memórias do “roubo” de São José nas comunidades Estrelo e Juá**

As comunidades do Estrelo e Juá localizam-se na zona rural do município de Pombal-PB, estando situadas a alguns quilômetros do centro urbano. Ambas são muitíssimo próximas, se não por meio de informação, não se pode identificar em qual delas estamos naquele momento. Por isso a relação entre os residentes destas comunidades é bastante próxima a ponto de haver quase que uma identidade em comum para os habitantes desta região. Este é um dos motivos que nos influenciou a analisar a tradição de “roubar” São José nestas localidades pombalenses. No entanto, há também outras situações que nos levaram a discutir a tradição nestes lugares.

A comunidade do Estrelo certamente possui uma relação especial com São José, pois o padroeiro das chuvas é também o santo padroeiro desta comunidade. Segundo a memória dos habitantes da região, ali por volta do início dos anos de 1970 foi edificada uma capela nomeada de Igreja de São José, que pode ser entendida com um símbolo de ligação entre esta comunidade e o representante do sagrado. Apesar de localizar-se no sítio Estrelo, ela é tomada como patrimônio por toda a região circunvizinha, englobando principalmente as comunidades do Juá e ainda uma outra comunidade chamada de Riachão.

Nas dependências da Igreja, os membros destas comunidades guardam suas memórias por meio de fotografias e relatos de vida de ilustres moradores da região, principalmente aqueles mais ligados à religiosidade, a exemplo dos rezadores, que dispõem de lugar especial neste espaço que representa a história destas localidades. Segundo os membros da comunidade do Estrelo, a fotografia a seguir é de um evento religioso que celebrou a chegada das imagens de santos na Igreja por volta de 1972.



**Figura 05:** Recepção das imagens sagradas na Igreja do Estrelo, por volta 1972. Arquivo da Igreja de São José, comunidade do Estrelo, Pombal - PB (2018)

Como são muitas fotografias e relatos, selecionamos um trecho de um pequeno escrito que narra sucintamente a história da rezadeira Mariana Fernandes de Sousa, residente na comunidade do Juá, que por sinal, juntamente com seu esposo, doou o terreno para a construção da capela do Estrelo:

Mariana, com confiança e fé em Deus começou a benzer de mal olhado, dor de dente entre outros males, as pessoas sempre lhe agradeciam por se sentirem curadas através de sua reza.

Foi Mariana e Ninou, quem doaram este terreno para a construção desta capela, foram eles que deram os primeiros passos junto com outras pessoas desta comunidade do Juá onde se engajaram [numa] luta com grande esforços.<sup>38</sup>

A história da Igreja de São José liga-se deste modo às histórias de vida dos habitantes daquela região, assim como o próprio São José. Não conseguimos fotografias mais antigas da parte externa desta Igreja. Na imagem exibida a seguir ela se encontra em sua forma atual, tendo passado por reformas e ampliações.

---

<sup>38</sup> Relato extraído de um documento escrito em nome das comunidades mencionadas, arquivado na Igreja do Estrelo. O texto original constará nos anexos.



**Figura 06:** Atual Igreja de São José na Comunidade do Estrelo, Pombal-PB. Acervo pessoal (2018)

Muito do que poderemos inferir sobre os costumes característicos destas comunidades foi adquirido mediante preciosa narrativa da Sr.<sup>a</sup> Maria França do Nascimento, de 81 anos, popularmente conhecida como Dona Socorro. Desde seu nascimento reside na comunidade do Estrelo. Agricultora durante toda sua vida, Dona Socorro muito nos informou acerca do cotidiano destas comunidades rurais a partir de meados do século XX, além, é claro, das inúmeras práticas católicas fortemente presentes em regiões como a que reside. Quando se referia às novenas que ocorriam nas proximidades dos dias dos santos, ela assim narrou:

E alguns, novena nós fazia d, de São João era nove noite de novena. A, era de São, São João nós ia as nove noite agora isso as casa era longe, mas a gente ia, num tinha energia, num tinha nada era o claro da lua quando tinha lua, quando num tinha lua a gente fazia os facho, pegava aqueles pau de lenha e, rachava de foice ficava bem fofin tocava fogo a, e nós ia rezar, nós ia pra pinitença rezar. [sic].<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.



Dona Socorro remete-se a um período onde sua família e demais membros daquelas comunidades viviam ainda sob a luz de lampiões, lamparinas e a luz da lua, ao qual nossa entrevistada refere-se de modo nostálgico. As práticas religiosas deste período, que nas memórias de nossa entrevistada compreendem os anos 1950-1980, faziam parte desta vivência rural pautada nos esforços de longas caminhadas, nos improvisos e na mobilização mútua dos fiéis. Dona Socorro é uma das poucas pombalenses, diríamos, que mantêm em sua casa um oratório doméstico repleto de imagens sagradas, que pertencia a sua mãe, e é guardado por ela com muita estima e zelo.



**Figura 07:** Oratório doméstico e a imagens sagradas pertencentes a D. Socorro. Acervo pessoal (2018).

As diversas imagens de santos e relíquias sagradas existentes neste oratório representam, mais uma vez, um sincretismo religioso. A presença de um santo não-oficial (Frei Damião), de N. Senhora aparecida, dos anjos, da fita de cor vermelha (sempre apreciada na cultura nativa) e também do terço de contas, nos faz perceber uma dinamicidade no quadro devocional construído historicamente na residência de Dona Socorro. Deste modo, o

sincretismo é muito presente nestas comunidades pombalenses, haja vista ter ocorrido o arquivamento das histórias de vida de vários rezadores na Igreja de São José do Estrelo. Vale lembrar que ela própria edificou-se em um terreno doado por Dona Mariana, que era rezadeira residente na comunidade do Juá.

De acordo com o que nos relata Dona Socorro, o dia de São José nestas localidades, como não poderia ser de outra forma, era celebrado anualmente por meio de festejos, novenas e outros ritos religiosos. A entrevistada recordou parte de um hino dedicado ao santo padroeiro das chuvas, cantado nos festejos religiosos de sua comunidade no período analisado. Em forma de cântico, ela assim nos narrou o que recorda do hino: “- Meu divino São José... vós que sois tão milagroso, manda chuva com abundância meu Jesus Glorioso...”<sup>40</sup> Mais uma vez percebe-se a importância de uma devoção em torno deste santo que é pautada sempre na sua relação com as chuvas neste imaginário religioso.

Duas outras situações ainda nos leva a adentrar nos relatos sobre a tradição de “roubar” São José nestas comunidades. Primeiramente, a grande quantidade de “roubos” do santo ocorridos naquelas regiões, e posteriormente a existência de algumas peculiaridades nos ritos desta prática que nelas ocorriam. D. Socorro nos relatou em sua narrativa a ocorrência de vários “roubos” de São José que houveram no Estrelo, se estendendo também as demais comunidades. Ela mesma praticou por iniciativa própria dois “roubos”, além de participar de outros efetuados por sua mãe.<sup>41</sup> Nestes momentos, a tradição se apresenta com outras conotações, igualmente portadoras de diversos significados no cotidiano das comunidades do Estrelo e do Juá, que devem ser discutidos.

Dona Socorro, ao contrário de nossos outros entrevistados, residia em propriedade pertencente a sua própria família. No entanto, mesmo que seu pai possuísse alguns bens, a exemplo de gado e criação (ovelhas e bodes), isto não significava que as situações de vida em sua residência fossem muito melhores que a maioria dos sertanejos pombalenses. Em determinadas épocas, todos passavam por dificuldades relacionadas à falta de chuvas; não somente aqueles que se dedicavam a agricultura, mas também os que praticavam a pecuária. Segunda Dona Socorro, seu pai também era agricultor e não passava nenhum ano sem plantar. Em um determinado período entre as décadas de 1950 e 1960, a estiagem prejudicava as lavouras, e ela, juntamente com uma vizinha, resolveu realizar um inusitado “roubo” de uma imagem de São José:

---

<sup>40</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.

<sup>41</sup> Idem.



Tava numa época de verão... A gente, quase, a lavoura se perdeno... Ai, a gente, antigamente era de costume o pessoal roubar santo, minha mãe mermo também, ai a gente combinou, - Vamo roubar um santin, São José, que ele vai mandar chuva, se Deus quiser, roubemo da minha casa da minha mãe pra casa da vizinha. Na chega lá na casa da vizinha caiu uma lebrininha mas foi pouca, mas caiu, então a chuva num, num continuô nós roubamo de lá pra outra casa... Ai continuou o inverno, não vou dizer por que nós merecia, né? Deus viu a necessidade, num foi porque nós tivesse aquele merecimento de pedi e ele mandar, né? Ele viu a situação, mandou a gente segurou, o milho, o arroz... No final da colheita a gente trouxe em acompanhamento muita gente, o santin no andô, todo mundo acompanhando, cantando, até, ele chegar de, aonde nós, roubamo, né? [sic].<sup>42</sup>

Esta prática realizada por Dona Socorro e sua parceira nos faz compreender que “[...] as expressões de religiosidade, assim como outros aspectos da vida social, fazem parte do sistema de vida de um grupo que, no campo religioso, envolve além da crença, um conjunto de práticas comportamentais”. (ANDRADE, 2010, p. 132). Primeiro, ela realizou um tipo de “roubo” que até o momento não havíamos conseguido registrar nas entrevistas que realizamos, que consistiu em retirar a imagem de São José de dentro de sua própria casa, ou seja, ela “roubou” uma imagem que em certo sentido pertencia a ela própria. O ato de “roubar” deve ter se consumado no fato de seus pais provavelmente não tomarem conhecimento do ocorrido. Levando a imagem à casa da vizinha que a ajudou, devido a não chover logo em seguida, ela realizou uma espécie de segundo “roubo” onde a imagem do santo foi levada a outra casa. Desta forma, pode-se afirmar que Dona Socorro realizou dois “roubos” em um só momento da tradição, algo também inusitado.

Neste tipo de tradição não há nada que obrigue os devotos a seguir um manual com especificações para sua execução, ainda assim, percebemos nas falas dos outros narradores que esta prática religiosa segue certo padrão e certa lógica, conforme já foi discutido. O caso narrado por Dona Socorro, portanto, pode representar uma exceção às características mais gerais desta tradição religiosa, que pode ser entendida como algo inerente à própria criatividade cotidiana que tanto se tem mencionado neste trabalho.

Impressiona ainda perceber como estes fiéis encontram naturalmente uma maneira de legitimar este tipo de prática religiosa, onde a seus olhos ela jamais irá falhar. Tanto o ato de “roubar” a imagem duas vezes como também o de “roubá-la” de dentro de sua própria casa, pode muito bem representar uma crença ainda mais profunda na infalibilidade desta tradição.

---

<sup>42</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.

Ouve-se sempre por meio do senso comum que “santo de casa não obra milagre”, mas literalmente este não é o caso tendo em vista o que fez Dona Socorro, que, em um ato bem articulado, veio a apropriar-se de uma imagem de sua própria residência. Neste momento, por razões inerentes às formas com as quais os fiéis percebem o sagrado e pelas necessidades cotidianas, interessa-se apenas em realizar “roubo”. Independentemente da maneira como ele vai acontecer, o fiel já tem a certeza do qual vai ser seu resultado final, que é a graça recebida.

É interessante também perceber outra situação peculiar à crença de cada fiel ocorrida no procedimento de entrega desta imagem de São José “roubada” por Dona Socorro e sua vizinha. Assim como ela passou por duas etapas de “roubo”, no processo de sua devolução procedeu-se de modo similar, onde esta imagem de São José percorreu o mesmo trajeto de quando foi retirada da casa de nossa entrevistada. Vejamos como ela relatou este momento:

Só que a gente fez uma penitência maior, a gente carre... quando vei com o santin, a gente troxe de joelho da casa vizinha. Quem ia de joelho ia levano o santin, quando cansava, o outro vinha recebia o santin, e se ajoelhava pra carregar. A gente chegou era de muita penitência nesse a gente num soltou fogo a gente rezou quando chegou um terço. Agora quando foi pra vim cum ele pra minha casa, ai vêi acompanhado de gente, de fogo. Porque, a minha prece foi uma, e a, preça que ela fez já foi outra né? [sic].<sup>43</sup>

Devido a uma outra intervenção dentro da prática, ambas tiveram previamente que trazer a imagem para sua casa, de onde a imagem tinha passado por este segundo “roubo”. O momento não foi necessariamente um acompanhamento, mas o pagamento de uma promessa/penitência na qual a vizinha de Dona Socorro determinou que a imagem deveria ser transladada de joelho pelas praticantes do “roubo”.

Como não choveu quando ambas “roubaram” a imagem da casa de Dona Socorro, preocupada com o desenrolar da situação de estiagem, sua vizinha resolveu potencializar esta prática religiosa, onde suplicou ainda mais a São José realizando a promessa de trazer sua imagem de volta a sua casa em penitência com seus joelhos por terra. Dona Socorro, compactuando com a penitência e, conseqüentemente, com a fé de sua parceira, apropriou-se do que esta havia planejado e, juntas, elas realizaram o pagamento da promessa, onde revezaram-se na caminhada de joelhos segurando a imagem do santo. Neste momento não houve festejos, eles ocorreram apenas quando a imagem retornou ao seu destino final por meio de acompanhamento, que era a “preça” inicial da entrevistada. Consideramos que houve, diante

---

<sup>43</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.

aquele cotidiano, uma nova ressignificação do sagrado dentro de uma tradição religiosa que já é ela própria uma prática ressignificada.

Como já foi mencionado neste trabalho, estudiosos do fenômeno religioso a exemplo de Andrade (2010) e, principalmente, Teixeira (2005), nos faz compreender que culto aos santos no catolicismo brasileiro é caracterizado por ser uma prática religiosa essencialmente dinâmica. Em toda esta situação relatada por Dona Socorro, pode-se perceber de fato o que buscam dizer estes autores. No meio de uma tradição religiosa portadora de acentuada dinamicidade, a fiel vizinha de nossa entrevistada, encontra novos meios de reinventar sua fé quando faz com que ambas as praticantes do “roubo” executem outra penitência dentro desta prática, o que acrescenta novas dinâmicas à tradição em questão. Pelo que se percebe nesta tradição religiosa aqui analisada e pelo o que nos dizem os autores mencionados, diríamos que o catolicismo brasileiro, quando perpassado pela subjetividade do fiel, torna-se catolicismos.

Na narrativa de Dona Socorro acerca desta tradição na região das comunidades Estrelo e Juá, encontramos uma “exceção” em relação à prática ocorrer somente com a imagem de São José. Naquelas localidades, aconteceu um “roubo” da imagem do menino Jesus, porém, dentro de uma relação com o próprio São José: “[...] o santo era São José, o menino Jesus que era de São José. Muita gente roubava a imagem do sinhô, eu nunca roubei por que minha vó dizia assim que a imagem do sinhô num era o santo da gente roubar”. [sic].<sup>44</sup>

O menino Jesus é geralmente representado ao lado de São José, seu “pai adotivo”, como se percebe por meio da imagem da sagrada família exposta no capítulo anterior. Neste caso, Jesus aparece enquanto criança e em clara relação com o próprio São José. Desta forma, os devotos destas localidades podem compreender que seja possível “roubar” esta imagem, já que ela possui relação direta com o próprio padroeiro das chuvas. Vale também ressaltar que a imagem do senhor do qual fala Dona Socorro é a representação do Divino Espírito Santo, onde Jesus (adulto) aparece com Maria e o próprio Deus pai. Segundo este imaginário religioso, “roubar” esta imagem ocasionaria chuvas torrenciais, conforme Dona Socorro relata em outro momento de sua narrativa, e como percebemos também por meio do depoimento da Sra. Geralda Almeida exposto anteriormente.

Dona Socorro ainda nos relatou outro momento de um “roubo” de São José que realizou. Desta vez ela teve a companhia de sua mãe. Mais uma vez em um período de pouca atividade de chuva, ela recorreu a São José para que suas lavouras não fossem prejudicadas com a falta

---

<sup>44</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.

de água. Dona Socorro e sua mãe foram então a casa de outra vizinha que possuía várias imagens de santos, dentre elas, é claro, a do padroeiro das chuvas e da comunidade:

Aí a gente foi, um dia, a m, a mea... meio dia, sol quente, nós fumo chegamo lá na casa os santin dela era tudo na, na parede. Ai eu corri o olho pra vê se eu achava São José, São José tava tão alto, mas tava lá. Aí eu olhei pra minha mãe, levei a vista lá pra São José, aí fiz assim (apontando com os dedos para a imagem) que era, aquele santo. Aí a dona da casa era afilhada dela [disse]: - vou fazer um cafezin... vou fazer um cafezin pra minha madinha. Eu digo: - vamo, vamo entrar cê vai fazer o café. Ma mãe ficou e, subiu até numa cadeira e tirou São José, e butô no bolso. Tomamo o café, a gente vêi mais a sobrinha dela te, que a casa a gente passava da casa duma sobrinha dessa, dessa senhora, vêi mais nós, ma mãe com São José no bolso, cubertinha com a toalha, vinhemo simbora, agora esse de noite a chuva foi grande, foi grande que carregou a baixinha de milho da pobre. A pobre no outro dia manheceu gritano: - **quem roubou meu santin, venha deixar quele, a chuva carregou meu milho.** [sic].<sup>45</sup>

Neste relato pode-se perceber mais uma vez algumas situações características da tradição discutida anteriormente. O uso da toalha para se esconder a imagem e as táticas para a distração do dono da residência, realmente são situações muito comuns à tradição também transmitidas e ensinadas ao longo do tempo. Percebemos algo em comum entre esta narrativa de Dona Socorro e a da Sr.<sup>a</sup> Geralda Almeida exposta no início do texto, e ambas realizaram a tradição juntamente com a mãe. Provavelmente, esta era portadora de uma maior experiência em relação à prática e nestes momentos ela estava a transmitir os costumes familiares e comunitários para seus filhos. Compreendemos por meio de Delgado (2006) e Meihy (2010), que a memória é perpassada por diferentes temporalidades, que, neste caso, são relativas tanto ao tempo dos antepassados de Dona Socorro e sua mãe quanto ao seu próprio presente.

Uma situação também interessante neste “roubo” praticado por Dona Socorro e sua mãe, como se percebe, foi a reação da dona da imagem após a grande chuva ter prejudicado sua plantação. Ela suplicou perante a comunidade que devolvessem a imagem de São José, pois já havia tido grande prejuízo e se a imagem demorasse a retornar a sua casa, ela temia que os danos fossem ainda maiores. Em outro momento de sua narrativa, Dona Socorro afirmou que, compadecida da situação, devolveu a imagem a afilhada de sua mãe mesmo antes de preparar o acompanhamento: “Aí eu falei pra ma mãe, vamo deixar, nós vamo deixar o santin dela,

---

<sup>45</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB. (grifo nosso).

depois a gente festeja. A gente foi levar o santin, depois a gente levou os fogo e soltou, pra pagar a promessa que a gente tinha feito”. [sic].<sup>46</sup>

É notória ainda nestes relatos a constante necessidade de proteção do sagrado presente no imaginário religioso sertanejo, conforme nos diz Souza (2013). A fala da dona da imagem “roubada”, que suplica para que devolvam seu São José, representa bem esta necessidade. Sem a imagem do seu santo, ela compreende que naquele momento encontra-se vulnerável e sujeita a intempéries climáticas. São José nesta ocasião deveria tanto atender ao devoto que “roubou” sua imagem, quanto àquele que o tem em sua residência e sem ele estaria desprotegido. Portanto, esta tradição religiosa pode possuir variados significados que são relativos àqueles que “roubam” a imagem do santo, aqueles que participam dos acompanhamentos, e ainda aqueles que têm suas imagens retiradas de suas casas. A análise desta prática na comunidade do Estrelo e região nos permitiu compreender esta dinâmica.

---

<sup>46</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da Nova História Cultural, como salienta Barros (2011), tem possibilitado análises cada vez mais profundas e eficientes sobre diversas manifestações culturais. Por meio de estreitas relações com outros campos do saber, a exemplo da Antropologia, este (novo) campo historiográfico tem apresentado um leque de possibilidades de estudos voltados ao universo mental do homem, expressos principalmente por meio das práticas e das representações de mundo no qual ele atua. (BARROS, 2011).

Portanto, dentro destas perspectivas historiográficas, produzimos neste trabalho uma história da cidade de Pombal-PB na segunda metade do século XX a partir de sua cultura e de sua religiosidade. Uma história que se apropriou, de certa forma, de técnicas antropológicas para descortinar aspectos mais profundos do comportamento humano, que antes pouco faziam parte de nosso ofício. Foi uma história que levou em consideração as ações e reações humanas construídas pela fé, que aparentemente representariam atos deliberados dos fiéis católicos, quando na realidade eles eram muitíssimo bem articulados e executados, onde culminavam exatamente no resultado esperado por quem os praticavam.

Foi perceptível por meio das análises aqui empreendidas, que a prática católica brasileira em pleno final do século XX, continuava plural e dinâmica, sofrendo continuamente variadas apropriações pelo que se entende como “popular”. De certa forma, a caracterização que este catolicismo ganhou principalmente na Colônia e no Império ainda existe e resiste, onde ele continua aberto a diversificadas reelaborações. É uma religiosidade que está constantemente a se remodelar, a ganhar nova cores, por meio de sua habilidade de se adaptar ao cotidiano no qual ocorre. O quadro operatório desta religiosidade “popular” permanecia, portanto, diretamente relacionado às manifestações de caráter local, e absolutamente conectado às crenças próprias de uma subjetividade.

Por outro lado, estivemos diante de tradições religiosas que encontram-se em meio a constantes mudanças na sociedade, principalmente após os anos 1990. Pode-se dizer que nos últimos trintas anos muito se modificou nestas localidades pombalenses com a chegada da energia elétrica em muitas delas, e, conseqüentemente, da televisão, dos celulares, dentre outros elementos símbolos da modernidade, a exemplo de transportes motorizados e eletrodomésticos, os quais consideramos ter modificado as formas deste fiéis se relacionarem com o sagrado. Dentro desta lógica, muitas destas práticas sagradas estão em processos de desaparecimento, principalmente a tradição de “roubar” São José. Desta forma, nosso estudo registrou, talvez, alguns de seus últimos momentos nestas regiões.

No tocante ao culto São José, pode-se dizer que esta representação na qual ele é apropriado como padroeiro das chuvas é uma maneira inventada pelos sertanejos para conviverem com as situações adversas ocasionadas pela estiagem. É por meio deste culto religioso que os pombalenses constroem um espaço do sagrado relacionado às experiências de inverno, através das quais estes sujeitos buscam se posicionar frente ao futuro que sempre é motivo de preocupação, principalmente para aqueles situados no campo. Desta forma, religiosidade e experiências socioculturais diversas se misturam e promovem a crença na esperança e na própria vida.

Por estas razões a crença em São José tornava-se motivo de festa, o que foi observado por meio da tradição do “roubo do santo”. Ela fazia parte de economia religiosa, pois nitidamente visava acelerar ou queimar etapas em um processo de convocação tanto das intervenções do sagrado, quanto de toda a comunidade de fiéis, que deveriam unir forças por um propósito em comum: orar pelas chuvas para salvar suas plantações. Esta ritualística era realizada então por meio de confraternizações em torno do santo após os objetivos alcançados. Nada mais queriam aqueles devotos senão superar suas adversidades por meio do “roubo” de São José para que depois se pudesse festejar sua fé em uma explosão de alegrias coletivas.

Para grande parte historiografia sobre o fenômeno religioso, esta religiosidade “popular” teria sido formada muito em função dos distanciamentos históricos que os fiéis sempre tiveram em relação a Igreja no Brasil. Isto teria ocorrido principalmente nas regiões interioranas de difícil acesso, o que dificultava a presença e atuação de membros do clero em muitos destes lugares. Desta forma, o catolicismo no Brasil teria sido veiculado historicamente por leigos não totalmente instruídos nos desígnios católicos, o que acarretou na formação esta religiosidade própria do mundo deste fiéis leigos.

Por meio das análises aqui empreendidas, consideramos que é preciso pensar esta visão sobre formação de um catolicismo ressignificado no Brasil para além destes “distanciamentos”. Como é perceptível por meio de Levi (2011) e Rosental (1997), para criar suas próprias visões e formas de agir no mundo, não seria necessário aos sujeitos estar a certas distâncias das normas institucionais. Eles agem justamente a partir delas, percebendo pontos onde elas possam ser vulneráveis.

Consideramos, desta forma, que a tradição religiosa aqui apresentada segue essa linha de pensamento. Principalmente por meio do “roubo do santo”, pudemos perceber uma prática desta religiosidade “popular” pensada a partir de uma determinada visão e de um determinado cotidiano, independentemente de possíveis distâncias da instituição religiosa. É possível também perceber como estes fiéis compreendem as falhas normativas mencionadas por Levi

(2011), em um momento da narrativa de D. Socorro, quando ela se remete à missa que assistia em um período anterior ao Concílio Vaticano II, onde os padres celebravam-nas de costas viradas para os fiéis. Quando questionada sobre possíveis comentários dos padres neste momentos sobre o “roubo” de São José, ela assim narrou:

Não, não, não, nunca falaram, nunca, nunca falaram. Num conversava era as missa os padre de costa, a gente não entendia nada, mesmo assim a gente rezava, porque tinha aquela fé. Depois foi que foi melhorando, os padre, explicava mais fazia mais pergunta... né? Ai naquilo que tava na gente que a gente poderia responder a gente respondia, o que a gente... ele num perguntasse a gente num respondia, nada. [sic].<sup>47</sup>

Neste quadro da invenção de uma religiosidade “popular” pombalense não se percebe tanta influência dos ditos distanciamentos. Nesta fala de D. Socorro o que de fato percebemos é um elevado senso de percepção de seus próprios atos, mesmo sob a presença da Igreja. Portanto, as práticas deste catolicismo característico do domínios locais no Brasil, devem ser percebidas segunda elas próprias, sem tanta preocupação com a distância que a Igreja estará delas. O tema exigiria, no entanto, análises mais precisas e profundas, o que não é o caso deste trabalho.

Encerra-se assim uma gratificante viagem pelo universo mental do sertanejo pombalense. Falamos aqui de sentimentos, de emoções, de momentos onde a vida estende a mão para a felicidade. Dentro desta prática, os sertanejos gostam de emitir seus “vivas a São José”. É por meio deles, portanto, que aqui dizemos: vivas às manifestações culturais brasileiras!

---

<sup>47</sup> Narrativa de Maria França do Nascimento (Dona Socorro). 81 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2018, em sua residência, no Sítio Estrelo em Pombal-PB.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marta. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 183-203, 1994.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.
- ALGRANTI, Leila Menzan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-154.
- ALVES, Naiara Ferraz B. **Irmão de Cor e de Fé: irmandades negras na Parahyba do século XIX**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- ANDRADE, Maristela O. de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 14, p. 106-118, set. 2009.
- ANDRADE, Solange R. de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH**, Maringá, Ano III, n. 7, p. 131-145, Mai. 2010.
- AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BARROS, José D'assunção. A Nova História Cultural- considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAHON, Sergio. Visões da religiosidade católica no Brasil Colonial. **Revista Digital Simonsen**, Rio de Janeiro, n.1, p. 85-99, dez. 2014.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 275-330.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DOS ANJOS, Adeodata Maria. **O mito da chuva como elemento de identidade nas comunidades Tapera/Boa Esperança**. 2010. 123f. Trabalho de conclusão de curso

(Licenciatura em Antropologia aplicada) – Facultad de ciencias humanas y de la educación, Faculdade politécnica Salesiana sede Quito, Quito, 2010.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e religião na festa do Divino. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, v. 18, n. 2 p. 105-122, jul./ago. 2007.

FREYRE, Gilberto: **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GINZBURG, Carlo: **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social**. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 1998.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular. 2004. 229f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

JUSTINO, Antônio. **Instituto Canção Nova**. Disponível em: <<https://instituto.cancaonova.com/sao-jose-operario/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Provocações - Memória, história oral e história. **Oralidades (USP)**, São Paulo, v.8, p. 179-191, out. 2010.

MOTT, Luiz. Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a Capela e o Calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil**: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 155-220.

NETO, Marcelino. **Paróquia do Bom Sucesso inicia festa da padroeira**. Disponível em: <<https://www.liberdadepb.com.br/paroquia-do-bom-sucesso-inicia-festa-da-padroeira/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

NOVAIS, Fenando A. Condições da privacidade na colônia. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil**: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 13-39.

OLIVEIRA, Mariana Willendorff da C. **Patrimônios esquecidos**: irmãos na cor e na fé. 2012. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2012.

POMPA, Cristina. Leituras do “fanatismo religioso” do sertão brasileiro. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 69, p. 71-88, jul. 2004.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 72<sup>a</sup> ed. São Paulo: Arx, 2002.

**Quem conta um conto, aumenta um ponto**: contos das comunidades antigas. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/jornada/downloads/quemContaUmContoAumentaUmPonto.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSENTAL, Paul-André. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O velho Arraial de Piranhas (Pombal)**. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.

SOARES, Afonso M. L. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 45-75, 2002.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal antiga**: 1906 a 1970. João Pessoa: A União, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 14-23, set./nov. 2005.

WANDERLEY, Henio. **Pombal vive a festa da Padroeira da cidade**. Disponível em: <<http://www.diariodosertao.com.br/noticias/religiao/98363/pombal-vive-a-festa-da-padroeira-da-cidade.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

### FONTES ORAIS (ENTREVISTAS)

ALMEIDA, G.V.S. **Geralda Vieira da Silva Almeida**: depoimento [mar. 2018]. Entrevistador: Emerson José F. de Sousa. Pombal, 2018. (22 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

FRANÇA, M.N. **Maria França do Nascimento**: depoimento [maio. 2018]. Entrevistador: Emerson José F. de Sousa. Pombal, 2018. (32 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

LACERDA FILHO, S.F. **Sebastião Formiga Lacerda Filho**: depoimento [jan. 2018]. Entrevistador: Emerson José F. de Sousa. Pombal, 2018. (35 min 18s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SILVA, M.N.C. **Maria das Neves Cavalcante da Silva**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistador: Emerson José F. de Sousa. Cajazeirinhas, 2017. (27 min 37s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SILVA, M.N.C. **Maria das Neves Cavalcante da Silva**: depoimento [jan. 2018]. Entrevistador: Emerson José F. de Sousa. Cajazeirinhas, 2018. (27 min 43s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

## **APÊNDICE**

## **Apêndice A: Entrevista com Maria França do Nascimento (dona Socorro) (15/05/2018)**

### **Sobre como ocorreu o “roubo” da imagem de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Tava numa época de verão... A gente, quase, a lavoura se perdeno... Ai, a gente, antigamente era de costume o pessoal roubar santo, minha mãe mermo também, ai a gente combinou, - vamo roubar um santin, São José, que ele vai mandar chuva, se Deus quiser, roubemo da minha casa da minha mãe pra casa da vizinha. Na chega lá na casa da vizinha caiu uma lebrininha mas foi pouca, mas caiu, então a chuva num, num continuô nós roubamo de lá pra outra casa... Ai continuou o inverno, não vou dizer por que nós merecia, né? Deus viu a necessidade, num foi porque nós tivesse aquele merecimento de pedi e ele mandar né? Ele viu a situação, mandou a gente segurou, o milho, o arroz... No final da colheita a gente trouxe em acompanhamento muita gente, o santin no andô, todo mundo acompanhando, cantando, até, ele chegar de, aonde nós, roubamo né? Fá... Era feito desse jeito, depois eu presenciei, um, minha mãe, robou outro de uma casa vizinha, tava, no verão também, a gente roubou esse santin, quando foi de noite isso foi uma chuva mais tão grande carregou a baixa de milho da dona do santin. Do, o... era o menino Jesu... era São José, só não o menino Jesus, só São José, e a pobre gritou muito: - **quem, quem robô meu santin venha deixar, que a água carregou meu milho.** Ai eu falei pra mamãe, vamo deixar, nós vamo deixar o santin dela, depois a gente festeja. A gente foi levar o santin, depois a gente levou os fogo e soltou, pra pagar a promessa que a gente tinha feito. E vários, santo, mamãe robô muito, robô um também ai da casa de Gãgão, agora só que ela robô o menino Jesus a, a ropinha dele caiu, quando a gente chegou em casa, ai, a, a, o homi era viúvo mais a mãe dele morava com ele, ai chegou, atrás, se era mamãe que tinha trazido por causa da ropinha, ai eu levei fui deixar, a ropinha do menino Jesus.

### **Sobre o motivo do roubo que a entrevistada praticou**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Pra chover, pedino a Deus pra chover, pra mandar chuva pra gente, segurá a co... o milho, o arroz que tava se perdeno à falta de água, ai a gente robô. E colheu tudin, segurou tudo, graças a Deus!

### **Sobre se estar sem chover neste período**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Um verão, um verão, num tava choveno, mais choveu, todo mundo plantou, e quando foi pra colher mermo, na hora de colher mermo ai fai... faltou a chuva. Ai nós se valemo de São José. (Silêncio breve). E fumo ouvida graças a Deus!

### **Sobre onde moravam nesta época**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Minha casa era bem ali do outro lado do riacho. (Aponta com a mão). Aqui nesse sítio. Estrelo. Nasci aqui, aqui eu me criei.

### **Sobre a situação familiar**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** É, num era boa né? Porque todo mundo era pobre, não existia esse negócio de aposentadoria, mas meu pai era muito inteligente, muito trabalhador, assim sobre a roça feijão, arroz, milho, aff, batata (jutando as mãos), girimum, na época do inverno tudo isso tirava bastante. E sobre a o tempero, ele possuía um gadin, ele criava umas ovelhinha, pronto! E a gente ia vivendo, com aquilo a gente, foi vivendo, depois foi melhorano mais, né? Ai melhorou mais ai... deu tudo certo.

### **Sobre seu pai plantar todos os anos**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Todo ano, era trabalhador meu pai.

### **O que ele plantava**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Milho e feijão e arroz, plantava algodão... Mas, o algodão, duns ano pra cá num, num dava mais algodão num era? Tinha um tá dum bicudo, e o bicudo comia os algodão.

### **Se o que se plantava era suficiente para vier razoavelmente**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Era, era. Era porque naquele tempo num tinha luxo, o povo não tinha vaidade. Era sua ropinha né? Seu cumezin, só que o camarada comia bastante, por que, na época, ré, o camarada al... lanchava, almoçava, jantava e ceava de noite, quatro vez, por que tinha bastante leite né?

### **Sobre ter havido chuva no dia que se roubou a imagem**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não, no dia que eu roubei, lebrinô, não choveu né? Ai nós não se conformamo por que num tinha chovido néra? Ai robamo, de novo da outra casa, butemo em outra casa ai quando foi com, um dia dois, nos três dia, ai, Deus mandou àgua, mandou àgua, segurou tudo. Isso pra nós foi uma bença, né? Só que a gente fez uma penitência maior, a gente carre... quando vei com o santin, a gente troxe de joelho da casa vizinha. Quem ia de joelho ia levano o santin, quando cansava, o outro vinha recebia o santin, e se ajoelhava pra carregar. A

gente chegou era de muita penitência nesse a gente num soltou fogo a gente rezou quando chegou um terço. Agora quando foi pra vim cum ele pra minha casa, ai vei acompanhado de gente, de fogo. Porque, a minha prece foi uma, e a, preça que ela fez já foi outra né? Mas, era, era assim mesmo, faltou à chuva, roubavam um, aqui faz três ano que roubaram minha imagem do sinhô dali. Eu digo mais será possivi que a gente rouba, mas quando alcança à graça, a gente vai deixar, né? E a minha imagem do sinhô ainda num vinhero deixar. Mas mesmo assim eu digo mais, ainda vem, ainda vem.

### **Sobre a situação na comunidade ser similar à da sua família**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Era, do mesmo jeito, do mesmo jeitin, outros mais pobre, aqueles que tinha mais as coisa ajudava, como por exemplo, tem uma família ai que tem, ou tem um sobrin que é casado com uma menina de uma família ai, que era, bem mais pobrezinha assim do, do que a gente num sabe? Minha mãe ajudava, minha mãe ajudava, [esse, esse] negócio assim, leite, cozinhado de milho, de feijão, de arroz, batata sempre quando matava uma criação, sempre tirava um pedaçin pra mandar deixar lá.

### **Sobre a tradição do “roubo” de São José ser comum nesta comunidade**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Era, era, era, ói pra casa dessa bizavó dessa menina mermo (referindo-se a uma vizinha da comunidade Riachão) ai foi roubado um santo lá de perto da pista. Te, pra ali aonde ela mora tem aquela outra casa da avó era uma casa grande de tijolo ficava mesmo... Tia Dom Dom robô um lá da casa de Maria de Inocência vinhemto tudo em companhamento muita gente. Tudo acompanhando e cantando bendito de igreja. E era assim muita gente roubava, muita gente mermo. Eu tinha uma tia também que morava lá ali nu juá pra lá do sumitero ela também roubava, santo, mas quando terminava a colheita a gente devolvia em companhamento, mandava fazer aqueles andô bem infeitadin e todo mundo vinha cantando com o santin. Agora o santo de se roubar era São José, o menino Jesus, o Divino Espírito Santo minha avó dizia: - ninguém roube o Divino Espírito Santo que dá dilúvo. Pronto a gente num ro... num roubava Divino Espírito Santo.

### **Sobre a possibilidade ter havido participação de representantes da Igreja na tradição**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Da tradição, não, não. Nunca vieram, aqui tinha umas pessoas que era muito religiosa, onde tinha uma moça velha, ela era muito religiosa. Então, a gente rezava muito, fazia novena essas coisa, mas os padre só vinha quando, morria uma pessoa que mandava celebrar a missa de mês, ai era que o padre vinha, agora depois que construiu a Igreja todos os



mês tem missa, todos os mês. Já ouve muita festa bonita também aqui, mas todos os mês o padre vem celebrar a missa. Tem feito bastante casamento também na Igreja daqui.

### **A justificativa do porquê da ausência de párocos nestes atos religiosos**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** O padre? Assim, porque eles só celebrava... não tinha Igreja, quando a pessoa, podia, tinha condições de mandar celebrar uma missa em casa, aqui na minha casa foi celebrada uma missa, meu pai, quando meu pai fez, noventa ano. (Breve silêncio). Cônego Oriel vei celebrar a missa, aqui passou o dia aqui em casa. Mas o povo era pobre. Quando vinha era aquela maior dificuldade cadê o dinheiro pra pagar o padre né? Pagar o carro. Mais, melhorou muito agora Graças a Deus a Igreja, já tem com o que mandar celebrar uma missa e o padre vem celebrar a missa, uma missa por mês a missa da comunidade. E tem missa também dia de finado quando morre uma pessoa que faz, um mês o padre, a gente fala com o padre e ele vem celebrar a missa, e fazer visita de cova.

### **Se a Igreja, mesmo sem participar, comentava algo sobre a tradição**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não, não, não, nunca falaram, nunca, nunca falaram. Num conversava era as missa os padre de costa, a gente não entendia nada, mesmo assim a gente rezava, porque tinha aquela fé. Depois foi que foi melhorando, os padre, explicava mais fazia mais pergunta... né? Ai naquilo que tava na gente que a gente poderia responder a gente respondia, o que a gente... ele num perguntasse a gente num respondia, nada.

### **Sobre a possibilidade de algum praticante do “roubo” ter sido denunciado**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não não não, não, todo mundo, aceitaria de bom gosto, todo mundo ninguém ficava com raiva, só esperava que quando a pessoa fosse entregar, mais ninguém leva a mal, ninguém levava a mal, de maneira nenhuma.

### **Sobre o dono da imagem já entender de antemão toda esta situação**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Já intendia, quando tava de verão que chovia dizia: - quem foi que roubou o santo agora dessa vez? Quem roubou? Ai só sabia quando, terminasse tudo que ai, havia o acompanhamento de São João (equivoco) e ta veno que foi que roubou o santo. Era assim, mas ninguém levava a mal, jamais.

### **Sobre o dono da imagem já perceber que era algo da comunidade (reforçando)**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Uhun, toda certeza. Toda certeza...

### **Sobre o momento em que a imagem foi devolvida a sua casa**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Na colheita depois do mês de Junho que a gente colheu tudo, a gente sempre, quando ro, quando eu roubei eu já vim entregar já era quase mês de outubro, quando terminou tudo, de tudo, **de setembro** pra outubro. A gente, devolveu o santo fazia os acompanhamento as vez marcava uma data do mês não dava certo, não vinha, aquelas pessoa que a gente tinha convidado as vez por uma coisa que acontecia a gente, tirava pra frente até tudo dá certo. Mas era tudo combinado, tudo numa boa.

### **A respeito de como ocorreu o acompanhamento**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Muita gente... muita gente tanto m, m, mulher, homem, rapaz, moça e criança, muita gente, teve acompanhamento em base assim de pessoas, trinta, trinta e poucas pessoa tudo no acompanhamento, aquelas coisa, com a maior educação ali ninguém conversava, era tudo só naquela devoção cantando soltano fôgo, com o maior respeito, todo mundo respeitava.

### **Em relação a elas acompanharem a procissão de joelho**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Por que a prece que a menina fez lá pra nós fazer esse acompanhamento santo de joelho, num sabe? Nós convidamo as pessoa e pedi, pelo amor de Deus, pra eles ajudar a nós levar, então, a gente levava andava um pedaço, era bastante gente cada um andava um, um poquin num sabe? E a gente feriu o joelho tudo mas a gente, fez, e pagamos ela foi quem fez a prece e nós pagamo. Agora a minha eu fiz, foi diferente.

### **Esclarecendo se quem tinha feito à prece foi a dona da imagem**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** [Foi]. (Equivoco). Não, a dona da imagem era a minha mãe, foi a moça que eu roubei da casa da minha mãe pra casa da vizinha, e a, é minha amiga, filha da vizinha foi quem fez pra nós vim de joelho num sabe? Não foi eu, foi ela, hoje em dia até ela já faleceu.

### **Sobre os festejos na devolução do santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** **Ai**, festejava muito era aquele **prazer** que o povo tinha de festejar, tinha prazer era muito prazer era, era muitas dúzia de fôgo minino , as vez duas pessoa soltano era muito bonito, muito bonito mermo um acompanhamento de santo. Aqui no nosso lugar houve muito acompanhamento de santo, de santo roubado, quando era para devolver ai vinha acompanhado, de gente e acompanhado de festejo.

### **Se os festejos eram uma forma de gratidão pelas chuvas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França: An.** Por ele tê mandando a chuva agradecendo, agradecendo a ele. Era com muito prazer que a gente agradecia.

### **Orações e hinos entoados a São José na comunidade na época mencionada**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Era, eu num sei muito bem de todos mais tem um que dizia assim (cantado): - meu divino São José... vós que sois tão milagroso, manda chuva com abundância meu Jesus Glorioso... E tem muitos mais a gente vai ficano mais velho vai esquecendo, a gente cantava tinha hora que a gente tinha tanta emoção que a gente chorava, as lágrima chega descia, era. Cantava muito.

### **Sobre estes hinos serem cantados na comunidade**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França: Na comunidade,** na comunidade quando a gente roubava um santo que vinha no companhamento era muito cantado. Não só cantava só o de São José, tá certo era os principal, mas as outras esses bendi... esses canto que canta na Igreja na hora da missa, tudo a gente com... cantava no companhamento santo os que a gente sabia cantava tudo, que aqui tinha duas moça que era da Igreja, com se diz, definitivamente. Faleceu também faz um, uns oito ano que ela faleceu. Mas tem os minino da comunidade, tem o conselho, a Igreja, num falta Graças a Deus. Muito religioso aqui no meu lugar o pessoal é muito religioso.

### **Sobre práticas que se faziam no dia de São José na comunidade**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Humm, era tanto do festejo... Na casa que tinha José ai era que festejava bonito viu, todo mundo festejava dia r, dia de São José, dia de São Francisco, dia de Santo Antônio, tudo, dia de São João, dia de São Pedro tudo isso aqui é festejado, cê só vê é... é os fôgo, o povo gosta de festejar.

### **Sobre o que se fazia especificamente nestes festejos**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** As veze rezavam né? E as veze não soltava, só, pra sortá mesmo, como se diz, como graça, alcançada [que] daquele santo. E soltava festejava agradecendo.

### **Sobre ela recordar de cânticos benditos ou outras orações**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não esse dai o outro de São José eu num tenho muita lembrança dele não, agora, os outro assim, eu inda me lembro [dum que]... assim só uns poquin né por que aquilo

vai passano a gente vai ficano velha e aquilo vai se acabano ficano pra trás a gente ficano esquecida né? E alguns, novena nós fazia d, de São João era nove noite de novena. A, era de São, São João nós ia as nove noite agora isso as casa era longe, mas a gente ia, num tinha energia, num tinha nada era o claro da lua quando tinha lua, quando num tinha lua a gente fazia os facho, pegava aqueles pau de lenha e, rachava de foice ficava bem fofin tocava fogo a, e nós ia rezar, nós ia pra pinitêça rezar.

### **Sobre existir as novenas ao se aproximar o dia de São José na comunidade**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Tinha, tinha, tinha, esse ano mesmo, eu tenho uma minina, minha minina mais nova, ela reza as novena de São José.

### **Sobre a ela ter “roubado” a imagem antes ou depois do dia de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não, foi depois do dia de São José, foi depois, foi depois. Que ss, o dia de São José é em, em março. Dia, dezenove de março é o dia de São José, até ai o inverno tava bom, tava bom né? Mais ai quando passou de março passou pra, abril ai já foi sa, fracassando ai é quando a gente recorre, né? (Inaudível), rouba, pra poder São José continuar, madano chuva né? Por que São José, é o pai adotivo de Jesus né?

### **Sobre se praticar o “roubo” com imagem de outros santos**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Não, o santo era São José, o minino Jesus que era de São José. Muita gente roubava a imagem do sinhô, eu nunca roubei por que minha vó dizia assim que a imagem do sinhô num era o santo da gente roubar. Então eu nunca roubei a imagem do sinhô não, sempre roubava São José, minha mãe também, o minino Jesus, ai tu... a gente roubava, mais, São Francisco do Canindé ninguém roubava que aqui tem aqui em casa o quadro tá ali no meu oratório mais... Santo Antônio nós num roubava. Outro santo, nem São Geraldo, nem Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, esses outros santo ninguém roubava, sempre era São José.

### **Sobre o “roubo” praticado por sua mãe mencionado no início**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Da vizinha. Tava na época da falta da chuva. E ela, eu disse: - ma mãe vamo roubar um santo, vamo se valer de São José pele interceder a, a o, o minino Jesus pra mandar chuva senão vai se perder. A gente num vai colher o milho que é, precisa de muita água o milho né? O milho e o arroz tudo precisa de muita água. Ai a gente foi, um dia, a m, a mea... meio dia, sol quente, nós fumo chegamo lá na casa os santin dela era tudo na, na parede. Ai eu corri o olho pra vê se eu achava São José, São José tava tão alto, mas tava lá. Ai eu olhei pra

minha mãe, levei a vista lá pra São José, ai fiz assim, (apontando com os dedos para a imagem) que era, aquele santo. Ai a dona da casa era afilhada dela [disse]: - vou fazer um cafezin... vou fazer um cafezin pra minha madinha. Eu digo: - vamo, vamo entrar cê vai fazer o café. Ma mãe ficou e, subiu até numa cadeira e tirou São José, e butô no bolso. Tomamo o café, a gente vêi mais a sobrinha dela te, que a casa a gente passava da casa duma sobrinha dessa, dessa senhora, vêi mais nós, ma mãe com São José no bolso, cubertinha com a toalha, vinhemo simbora, agora esse de noite a chuva foi grande, foi grande que carregou a baixinha de milho da pobre. A pobre no outro dia manheceu gritano: - **quem roubou meu santin, venha deixar quele, a chuva carregou meu milho**. Mas era uma baixinha pequena né? Inda hoje inda existe ainda, lá do outro lado num terreno que era dela, inda tá lá, mas ela já é falecida.

### **Sobre o acompanhamento**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Foi acompanhado, acompanhado a gente levou por que ela se valeu né, ai já tinha dado a chuva, com essa chuva, já ia segurar um bocadão de coisa. Ai eu disse: ma mãe eu vou deixar o santin, depois eu converso com ela, depois **nós faz** o c, acompanhamento, o pessoa vai todin festejano, chegar lá, reza, pronto tá feita a devoção, né? Roubei outro também doutra casinha ali que era duma moradera de papai, eu tinha esquecido. Eu roubei, tava no verão eu fui lá roubei o santo, truxe lá pra casa, quando foi um dia mamãe viu o santo no oratóro, que ela sempre limpava o oratóro, os santin disse: - e, esse, esse São José é diferente que tá aqui. E chamou: - Socorro, eu disse: - senhora? (sua mãe): - Venha aqui, e esse santin? Eu disse: - fui eu que roubei mamãe, da, da casa de Dalva. (Sua mãe): - Foi? Eu disse: foi (Sua mãe): - Pois é, quando chegar no fim do inverno tem que, convidar o povo pro companhamento e comprar festejo pra gente soltar. Mas que era da casa de uma moradera de meu pai. Era pertin, era como daqui naquela casa ali ó, que era la do outro lado, no nosso terreno. Só foi dois santo que eu roubei, agora mais mamãe que eu presenciei só foi esse mesmo, mas ela roubou mais, que ela roubou, roubou um aqui dum, dum sinhô, também fizemo outro companhamento de santo, e fumo vários, num só era eu e nem ela que nós, roubava os santo não, várias pessoa roubava, que já era que nem uma tradição né? Quando faltava chuva, as pessoa se valer e roubar São José.

### **Sobre o acompanhamento para a casa vizinha da moradora de seu pai**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Só duma casa pra outra, mas vei o pessoal carregado no andor, festejano... Era perto mais a gente fez o companhamento santo. A gente fazia mesmo. Naquela época, o povo achava que, sempre nós fazia nos dia domingo né? Num tinha... e, eu acho assim tinha

que um bucadão de gente a rapaziada, as moça, achava assim que num tinha o que fazer num era, ia mesmo. Ia mesmo com vontade, minina era tanta da moça, era tanto do rapaz, era tanta da gente. Do mofumbo (sitio) aqui eu num se cês quando vão pra Cajazeiras passa, num tem aquele açude do mofumbo? Fica do lado direito ali, é minha família, **dali vinha gente, minino**. Agora isso na época vinha tudo a cavalo, por que num tinha carro, tudo a cavalo, mais vinha.

### **Sobre não se importarem com às distâncias**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Num importava a distância ninguém tinha cansaço pra isso, ninguém tinha cansaço. De jeito nenhum, ninguém se escorava, ai embaixo mesmo, na casa de, de um vizin, [a gente] ... mês de maio era os, as trinta e uma noite de novena. Eu na época mais meus irmãos, que de mulher só é eu, de filha mulher só é eu e, três irmão homi. Mas nós ia toda noite, nós fazia questão de ir toda noite, de pés ói, num tem aquela, passagem molhada (ponte) que quando vocês vem do lado direito que sobe para aquela outra banda acolá, nós ia pra lá, inda, inda tem a casa lá. Quando a gente vai, sai do corredor, num sai do corredor? Num tem uma casa assim do lado direito? Pronto, a novena era ali, era trinta e uma noite, trinta e uma noite que nós ia rezar. Toda as trin... tinha noite do nós sair debaixo de lebrina de chuva mais nós ia. Ia rezar, trinta e uma noite. O povo naquele tempo tinha muita... [se ele], num sei, eu acho que naquele tempo o povo tinha muita fé, hoje em dia o povo não tem mais fé. Parece que... eu vejo, que eu até ignoro, quando eu chego em casa eu chego doente, vai pra uma missa só vejo esse povo com o celular tuco, tuco dentro da igreja, eu digo meu Deus! Eu tô pecano muito mais, porque, eu num tô gostano. Porque se vovê vaia pra igreja se você vais ouvir a pregação, a palavra de Deus, cê tem que respeita né. Deixe seu celular pra quando você sair, você usar ele. Mas aqui infelizmente tem gente assim, esse povo mais novo, né? Não todos, não todos, mas tem.

### **A história de seu batizado em Juazeiro do Norte- CE**

**Sr.<sup>a</sup> Maria França:** Eu era muito doente quando era pequena, minha mãe fez uma promessa que hoje o povo chama prece né? Eu fiz uma prece... antes era uma promessa. Ela fez uma promessa com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que ela me socorresse que eu ficasse boa, não morresse, que ela ia me, me batizava pra colocar o nome de Socorro. Então eu fui batizada em Juazeiro, em Juazeiro padim Ciço (não foi Padre Cícero que a batizou) que muita gente dizia assim: - O padre num vai aceitar não, o padre não vai aceitar, mas ai ela me levou, levou a madrinha de apresentar a, agora talvez num tenha mais essa história de madrinha de apresentar, mas tinha que ter pra ficar com a criança no braço, e o padrin e madrinha. Então meu pai foi, falou com o padre ai ele disse que ia pedir, ia falar com Padre Cícero se ele aceitaria

a botar meu nome, num sabe de Socorro. Ai foi lá, ele [falou assim]: - Não! Batize ela por nome de Maria, que por apelido o pessoal, a família, a mãe e o pai, chame ela de Socorro, por isso todo mundo me conhecer por Socorro. Eu aqui sou muito conhecida graças a Deus! Sou muito conhecida, por Socorro, tem, mas tem gente aqui que num sabe como é meu nome, a minha assinatura, sabe que é Maria, [então] muita gente que me chama Maria do Socorro, mas que eu num me assino Maria do Socorro, eu num me assino Maria do Socorro, o Socorro só é o apelido quem nem ele disse que chamava, né? Meu nome é Maria França do Nascimento, mas o povo só me conhece por Socorro.

## Apêndice B: Entrevista com Maria das Neves Cavalcanti da Silva (23/04/ 2017)

### Sobre quem é São José para esta devota

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Eu não sei dizer... Né um santo. É um santo, e é um santo milagroso, **para quem tem fé!** Eu mesmo tenho fé, Graças a Deus! O que peço a ele, Jesus... ele, ele me mostra. É, você olhe que ele é, ele é, ele é tão milagroso, que a pessoa rouba ele, ta, ta nevoado né um pouco, quando rouba ele, já começa a nevoar ai, **ai a chuva cai!** Ai a chuva cai. Eu mesmo, quando eu roubei ele, choveu que até a água carregou ele. Foi deixar lá, coitadinho, foi deixar lá em, lá em, perto do riacho. Mais, para quem tem fé meu filho! agora para que não tem fé... Eu tenho muita fé, Graças à Deus! Graças à Deus Eu tenho muita fé, muita, muita, muita. Tenho.

### O significado para ela, ser devota deste santo

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que eu sou católica, meu fí! Eu sou católica. Eu sou, eu sou católica e não saio de minha, de minha lei nunca. Nunca eu saio. Chega, chega os crentes aqui eu digo não, da minha lei eu não saio não, Deus só deixou uma lei, só deixou uma lei Jesus, só deixou uma lei, vivo na que eu tô. Não adianta eu sair da minha lei e vir para outra, na outra eu não tenho fé, e ne... na minha eu tenho, na minha lei eu tenho fé.

### Sobre o santo ser importante e legítimo

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** É importante. É legítimo, é legítimo, São José é legítimo. Você ver que ele anda com a varinha nas costas, com o saquinho nas cotas..., aquilo ali é para dar comer a quem não tinha, quando passava que passa, ele levava para ele, mais via que a pessoa não tinha ele tirava do dele e dava. Amarrava o saquinho de novo, bota nas costinhas, na varinha nas costinhas, e saia de novo, até terminar! E nunca faltou para ele, nunca faltou para São José, [...] é bom demais.

### O porquê dela ter se tornado sua devota

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É por que eu fiz uma prece para ele e fui valida, eu tinha uma base de uns, de uns quinze anos, fiz uma... fiz uma prece com ele, não passou um mês! Ele me mostrou, me mostrou essa graça. Ai... ai pronto, não saiu da minha cabeça mais, São José. Eu creio em Deus, Deus, que é nosso pai, creio em Jesus, e creio em São José também! Quando eu falo chega meu coração... meu coração, já fica que tá se abrindo! a fé é tão grande que eu tenho.



Graças a, graças a Deus, São José, ave Maria. Eu, eu tava numa situação, não era de necessidade, era numa, numa, numa coisa tão, tão ruim que eu tava nela, num male tão ruim que eu tava nela, eu tinha quinze anos. Mas Graças a Deus, me peguei com São José. Agora fiz essa prece meu fí sabe que horas? Fiz essa prece, como é teu nome? Fiz essa prece Emerson, Emerson, base de umas doze horas de baixo **duma oiticica!** Saí de casa, eu acho que você não conhece não, a barragem de Ana Cavalcante, tinha uma oiticica assim de lado, [ai, tem a, a casa, a cozinha da casa, fiz almoço logo, ajeitei tudo] **e saí!** Doze horas. Cheguei lá fiquei, e pedi a ele, essa Graça. Pra mim já, pra mim já tinha, já tinha recebido minha graça já, se eu tinha recebido, por que quem saber era ele num era? Quem tava sabendo era ele, e, mim aliviou tudo por dentro, que eu tava toda arrojada por dentro, aliviou, basta, antes de uma mês eu... recebi minha... a Graça. Agora o cabra tem que pedir com fé meu fí, pedir só, só na boca... olhe eu quando peço uma coisa assim, eu num peço batendo os beiços não, os lábios não, é o coração. Parece que... você jura, você jura que ta se abrindo por dentro, ta se abrindo por dentro, aquela dor.

### **O motivo de São José ser o santo da chuva para os sertanejos pombalenses**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que ele obra milagre também né? Ele obra milagre... Ele obra milagre também (em relação a milagres). É precisava, era. Quando ver que vai perder tudo ai, tudo né, só, ele é, ele é o protetor né. Ta precisano assim de roça para poder lucrar. Você ver que não rouba outro santo, só ele, não rouba outro santo não, só é São José. Força né.

### **O significado do dia de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É bom, é bom, eu acho bom. Começa a ser bom eu acho, começa a ser mesmo da véspera, dia 18. É, ai o dia, o dia é que é bom demais. Ai o dia é que é bom meu filho. **A pessoa passa o dia tão, tão feliz na vida no dia de São José.** Ascendo vela para ele, um maço, maço de vela para ele. Ascendo, todo dia.

### **Sobre esta devota fazer orações para o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** Faço, Faço. Rezo, faço oração, peço... peço as coisas que eu quero pedir. Muita coisa, o que eu peço, eu sou, sou, sou atendida.

(Momento de breve reflexão).

Tem gente que, que as vezes rouba São José, por influência! Não por fé né? Ai eu acho que quem rouba, só por influência assim para se amostrá nem adianta né. Agora roube com fé para você ver! [dor de cabeça]. Que você ver.

### **O porquê do dia de São José ser importante para a chuva**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que é o dia de chover mesmo, o dia dele. É o dia dele, o dia dele mandar chuva. Só no dia dele. Deus manda, Deus manda chuva, todo tempo, mas ele manda, manda, no dia dele. É, através dele.

### **Sobre o que se faz no dia de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Antiga... antigamente, só, é procissão, soltava fogo, rezava. Procissão muito bonita! Ele. Rezava aquelas novenas, uma novena muito demorada. Sua mãe sabe, sua mãe sabe, sua mãe sabe. Ela não perdia uma novena, não. Dona Romilda nunca perdeu, nunca perdeu. Podia ter acompanhamento onde tivesse, nós ía tudo junto. Tinha todo esse tipo de coisa, pode perguntá a ela. Quando nós não ía para a casa dela para ir junto, elas iam lá para casa. (Silêncio). Era.

### **A justificativa para se “roubar” e devolver a imagem de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É por que, é porque é para poder chover, a pessoa tinha aquela fé que se... para não perder a lavoura tinha que roubar ele, e tinha o direito de entregá, que não era da gente, era dele, [era, era de que, de que roubou]. Fazia o andozinho, botava ele e levava lá, butava lá, rezava, soltava os fogo. Por que que, era... tinha que entregá, tinha que entregá ao dono. Agora só, a pessoa só entrega ele quando colhia tudo, por que se não colhesse, ele ficava lá. (riso). Mais... É ficava, ficava, só, a gente só entregava quando, no outro ano que chovesse que colhesse a roça. Mas colheno... eu quase entregava o meu antes de colher, com tanta água. Por que choveu demais. Foi. Eu não tô dizeno a você que foi dexá lá no riacho. No beicin do riacho.

### **Sobre a importância das novenas para São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que tinha fé e é católico. Tem que rezar, é. Tem que rezar. Quem, quem tinha aquela devoção, tem que cumpri a devoção né?

### **Sobre estas novenas serem nove dias**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É. Nove dias. Mas é em cada uma casa. Assim hoje rezava aqui, amanhã rezava alí, até completar, até completar, completar, completar as nove, as nove noites. Agora não, agora acabouse, essas coisas.

**(Por que?)**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** Assim, do meu tempo acabouse. Por que levava São José e dexava lá naquela casa, quando, colhia né, antes, antes de levá para entregá. Dexava naquela casa, aonde ele ficasse era a derradeira noite para ele ir pra casa, pra casinha dele. Mas agora não, agora não tão fazeno isso mais não, agora é só rezá as nove noite e pronto. Era a, como é, as coisa que... tudo uma reza só né?

**Se todos gostavam de ir para as novenas...**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É, tudo mossinha nova né. É, as meninas de Chico de Aninha, as meninas de... sua mãe, Da guia, Geralda, Geralda nessa época era pequenininha, mas, as menina levavam ela.

**A importância das procissões para São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que achava bunito... (Silêncio reflexivo). Achava bunito. Era todo mundo que ia. Isso era alegria, para poder chegá a hora para ir. Era.

**Se elas eram importantes para manter a fé no santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** Era, era. Quem queria ir por que tinha fé né meu filho. Era.

**Sobre ela fazer prece para São José, além da mencionada**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** Fiz não, fiz não. Era por que tinha que fazer mesmo. Era novinha, mocinha nova.

**Sobre ter fé em São José diante das necessidades cotidianas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tem que ter fé meu filho, senão morre tudo de fome. De fome e sede. Tem, tem que ter fé em Deus e fé nele também (Silêncio breve). Muita fé. Por que agora, ai vai morrer tudo de sede e fome. Não chove, nada dá, nada dá. (Silêncio). Né fácil não. E tudo é com fé né, tem que ter fé né. Se num tiver fé. E principalmente naquele pai do céu né, São José. (Silêncio). Do jeito que as coisa.

### **Sobre ir muita gente para procissões e novenas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Ia, tinha, tinha até velho que ia também. (Reforçando). Pergunte a sua mãe! Era.

### **Sobre os devotos possuírem muitas imagens dos santo em casa**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Demais, demais, demais, demais. Por que ele tinha fé e gostava, achava bunito, é. (Sobre ter São José). Era, era o primeiro. Com o saquinho nas costas. Muitas vezes tinha, aonde tinha as procissões não era estrada não, era, só era o caminhozinho, aquele caminhozinho. O povo passava, a que nem, um rebanho de ovelha, **como daqui lá, lá em cima**, aquele monte de gente, até chegar na casa, por que não era, não era estrada assim né, era só uns caminhos, não dava para ir, para ir tudo emparelhado, só, só os que iam com o andozinho mesmo na frente. Os outros iam atrás. Era bonito, muito bonito. Mais isso aí, mas isso aí também era nos sítios né, nos sítios. Aqui na rua... tava, como se fossem assim, vão, exemplo, procurar, acaso, algum santo aqui, vai pedir, da, de frente dá Igreja né. No sítio não que ali roubava **distante**, tinha que sair três hora de casa, para chegá nessa casa quatro hora, cinco hora, quando fosse longe. A minha não, que a minha era pertin, de onde eu roubei. De onde eu roubei era como, como daqui na casa de ma mãe. (perto).

### **Sobre não haver distâncias**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não! Era pertinho. Eu entregue cinco hora, que era pertinho.

### **Sobre São José ser especial, diferente dos outros santos da Igreja**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** (Silêncio). Acho que sim né. **(o porque)**. - Eu acho que sim. (Se povo tem mais fé nele). - Tem, tem mais fé nele.

### **Sobre o que era o saquinho nas costas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É comida, é comida, era comida. É, é, é para poder dar a quem num tinha... e, ele obrava milagre né, quanto mais ele tirava mais chegava, quanto ele, quanto ele tirava pra dar, mas quando ele pensava quem não, tava do mesmo tanto. (Silêncio). Nunca secou, o saquinho que ele leva nas costas, nunca secou, se acabou. Ai é... quer dizer que é milagre, é poder, muito poder que ele tinha né.

### **Sobre o povo recorrer a São José quando as lavouras estavam em perigo**

Era. (**Sobre haver outro**). - Não, tinha não. Levava só, todo mundo só se pegava com São José. Você olhe que ainda hoje o povo diz: ói, nós vamos, nós estamos, estamos esperando a, até o dia de São José! Até, até o dia dezanove de, de março! A fé do povo é até, até, até dia de São José.

### **O porquê de se esperar até o dia 19**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Assim, para, que ver, que ver, começa a chover mesmo. (Silêncio). (**Sobre ser a última esperança**). - É a última esperança que tem. Passou do dia... (em sentido de negação).

### **Sobre cair chuvas após o dia do santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Vem, vem mais... num é muito logo logo não. Por que olhe, passou o dia de São José e veio chover agora, né? (Breve silêncio). Mais vem. Mas, em março, março choveu também, esse ano, só num choveu no dia dele. Mas também, o povo diz muita bobagem também né, quando abre a boca não sabe o que é que diz.

### **Sobre chover na véspera do dia de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É bom, todos os dois, tanto na véspera quanto no dia.

### **Sobre o dia ser melhor**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** No dia, no dia. É tanto que no dia a pessoa vai plantá, no dia a pessoa planta feijão, planta milho, para, para comer na fogueira (São João). Planta semente de gerimun, de melão. E o milho para comer na fogueira, dia de São José, comer, comer no dia 24 de São João. 23 de São João, noite de São João.

### **Sobre se plantar no dia de São José dar-se para colher no dia de São João**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Dar, come. Já, já, já se planta no dia de São José para poder comer na, na, no São João mesmo, que à, o milho já tá maduro.

### **Sobre se fazer isto na época da qual fala**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Fazia, meu a, meu pai mesmo fazia, muito. Andava com milho nos bolsos, cheinho, o milho, os bolsos cheio de milho só era, milho inxado é bom só cavar com o pausinho. Fazia para comer no São João. Fazia canjica meu filho, pamonha. (Silêncio). Você ver esse aí (seu marido) plantou esse ano, dia de São José foi plantar, milho para comer no São João.

### **Sobre a safra estar garantida com o plantio no dia de São José**

Tá garantida. **(Sobre ter perigo)**. - Não, tem não. (Porque?). - Por que tá. Por que chove né meu fí. Nun faltando chuva! tá garantido.

### **Como se podia ser devoto tendo pouca frequência nas missas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era de mês em mês, de mês em mês. Por que tinha fé meu irmão, o negócio é a fé! E gostava também de vir para andar também.

### **Sobre todos ter uma imagem de São José em casa neste período**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tem, tem, muita gente, muita gente tinha agora é difícil né. (Silêncio). Eu tinha uma mais era de papel assim, de papel assim, ai ta assim, foi indo, foi indo e comeu. Foi na época que nós fomos para o Maranhão, pronto. Mas é difícil agora pra o cabra, pegar, como é, trocar uma, é difícil. Tem mais de gesso né, naquela de gesso eu num tenho fé não, eu gosto de papel!

### **Sobre ela gostar da imagem em quadro**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** Sim, de quadro. **(Por que?)**. - Por que gosto.

### **Sobre ter um significado diferente**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tem, tem, por aquela de gesso... sei lá, vai, como é, foi feito agora, e o, o, o de papel não, é antigo! Foi quando gerou o mundo. Olhe que a, a, que é, é diferente, é até diferente do, do de papel, para esse de gesso, muito diferente, nem parece com ele meu irmão. Nem o saquinho não tem nas costas. (Silêncio). Papel, acredito.

### **Sobre a imagem em quadro ser mais original**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves** É, é mais original.

### **O local onde compravam as imagens**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Em Pombal, era Mã Mãe. **(Se era comprado na feira)**. - Era, era. (Silêncio). Ma[ Mãe comprava na feira. Agora não, que agora tem a casa de Pombal] né, tem toda qualidade né. Mas num, num, num parece ali, parece que ele tira os fotos, aqueles foto, aqueles foto e vai, para poder fazer para poder vender, é diferente. Num parece com o, o

legítimo, com o original, num parece não. (Silêncio), Tem tudo isso é a fé também, não sei meu filho. (Silêncio). Ai São José...

### **Sobre o fato dele ser o pai adotivo de São Jesus ter um significado diferente**

Tem. Porque, ele é o pai dele né, São José. (Silêncio). Foi quem criou Jesus. **(Por causa disso é especial? - É,** (silêncio), É.

### **Sobre ter algum outro tipo de prática para São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Fazia não só isso mesmo. Era, só isso mesmo, mesmo. Depois quando terminava faziam café e comer e bolo. O povo que vieram!

### **Sobre se ter alguma festa aqui na região para São José**

Em janeiro tinha a padroeira de Cajazeirinhas. Fazia, fazia de São José, faziam barraca para Nossa Senhora da Conceição, pra ele, faziam leilão. Agora, a, a, a festa dele mesmo, era, era dia, dia 19 (na realidade eram apenas festejos no dia do santo, a festa era da padroeira desta localidade que na época era distrito de Pombal), com a de Nossa, Nossa Senhora da Conceição, era no dia 13 né? E a dele era no dia 19. Mas isso era no tempo, no tempo antigo, meu Deus do Céu! Quando nós éramos, aqui, aqui assim (alusão à crianças). Mas agora, Meu Deus!

### **Sobre ela achar que o povo tinha mais fé antigamente**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que o povo era mais velho, agora, agora não, agora povo num, num se preocupa mais com essas coisas não. No outro, no, no outro tempo era diferente! O povo, os pais pegava os seus filhos botava tudo na frente iam pra as, as 31 noites de novenas aqui em Cajazeirinhas. Tudinho! Vinha tudinho. Papai mesmo botou, nós vinhamos nós tudinho! Vinha aquela turma de gente lá do Vale Verde, e Riacho Grande, vinha à novena e voltava. Mas agora? Nem para uma missa, meu fí, você conta as pessoas que estão num banco, é. Agora tenha uma banda ai (Alusão a banda de Forró) que você vai ver. Ai é por todo canto. Não é, quer dizer que num, ali, ali, ali num tá, naquela hora não tá precisando de Deus não, nem de São José nem de ninguém, né? Por que as coisas mudou meu filho, as coisas mudou, mudou, mudou, mudou, mudou. Por isso muito gente faz uma promessa, faz uma prece, ai diz, eu fiz uma prece e não fui válida. Não, porque não, não tem fé e **não faz** o, o que é para fazer, né? Ai quando tá aperreado é que vai se lembrar, vai ficar doidinho, doidinho, doidinho, né? Não, né assim não. Eu mesmo quando eu falo em, falo de São José, falo de Jesus, falo de meu Deus, eu sinto meu coração parece que tá se abrindo mesmo. É, eu peço de coração! Eu não sei quantas, quantas

noites, eu fico sentada ai no batente até... 12 horas sentada, macinho de fumo aí, a garrafa de café, quando dá perto de 12 horas, 11 e meia, eu faço tanta prece aí de joelho aí, aqui nesse muro, é os galos travados cantando e eu, me pegano com Deus, me pegano com São José, me pegano com Jesus, quando eu entro em casa eu entro tão maneira meu Deus do Céu. Eu sempre dou Graças a Deus, meu Deus, o que eu peço sou valida, Graças a Deus.

**Sobre tudo o que ela pede para São José ser atendido**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tudo, tudo, Graças a Deus. Peço com fé, com fé, com fé, com fé. Peço uma coisa a ele para, para, até agora, num ser atendida, Graças a Deus, é como uma pessoa quando vai, vai fazer a feira no mercado, que sabe que traz, é como, como eu peço ( Silêncio, seguido de suspiro). Graças a Deus.



## Apêndice C: Entrevista com Maria das Neves Cavalcanti da Silva (21/01/ 2018)

### Sobre o porquê de se praticar esta tradição

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Pra chove (silêncio breve). Pra, ser um bom ano de inverno.

### A necessidade de chuvas

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Pra colher...

### Para que houvesse boas colheitas

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É... houve muita boa, boa colheita porque, a crise tá ruim, né?

### Em relação ao tipo de imagem de São José que era roubada

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** De quadro, eu roubei é, o... o que eu roubei era quadro.

### Sobre roubarem imagens de gesso também

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** [Eu num]... eu num sei não (inaudível). Eu num sei não, eu sei que eu roubei de quadro, mais, roubavam também né? **Foi São José...** foi imagem de são José, roubavam, mas eu roubei de quadro.

### Sobre o local da preferência para se roubar as imagens. Ex. casas, Igrejas, etc.

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Roub... se a, se achasse na igreja roubava, se num achava, acha... roubava nas casa, tinha mais nas casa. Tinha mais... que era o povo, né? Mais idoso... mais do outro tempo! Tinha muito, e tinha image de são José em casa.

### Caso o roubo tivesse que ser feito em Igrejas

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Robaro, robava, que robaro o, o da igreja de Cajazeirinhas, agora eu não sei quem robô, acho quem já roubou já morreu foi Soledade, finada Soledade, de, de, sua mãe conhece, Chiquinha de Valério. Ela roubou muito na casa de Jo... finado João Belino, lá na cacimba véa. No, no, no mesmo ano que eu roubei! Sim... eu era so... eu era solteira ainda (inaudível) (inaudível), dez, dezesseis ou dezessete ano, sua mãe sabe da idade, que eu roubei.

### De quem ela roubou a imagem de São José

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** De... compadre Bernardo, perto da minha casa.

### **Sobre esta pessoa ser devoto de são José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era devoto, era devoto, já morreu ele a mulher e tudo já [morava no Vale Verde].

### **Sobre este “roubo” ter sido da casa deste fiel**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Roubei da casa dele, no dia dezanove de março, doze horas do dia, roubei, quatro horas começou a chuva.

### **O motivo para que a imagem tivesse que ser “roubada”**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que tem que ser roubado, pra poder chover, por que a lavourinha tava mucha e, e o povo falava ai, a pessoa roubava né? Sem ninguém vê, por que se a pessoa visse num adiantava, num, num adiantava mais (inaudível), só a gente, Deus e a gente.

### **Sobre a possibilidade do dono da imagem perceber este “roubo”**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, (Porque?). Eles vinha buscar não, deixava nem, nem chover. (Silêncio breve). Mais eu num dexei, eu num dexei passar nem 24 hora, por que choveu demais, fui dexar, no outro dia eu fui dexar. (Teve que devolver). É, a sua mãe mesmo, cumé, sua mãe mesmo sabe, que ia, (inaudível).

### **O loca de onde “roubou” o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** No vale verde.

### **Pergunta sobre como foi que retirou o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Como foi, cuma? (não compreendeu bem a pergunta)

### **Como ela procedeu na retirada da imagem do santo de dentro da casa**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tirei, assim, eles tavam (inaudível) tudo conversano na cozinha, eu já tinha visto o santo só fiz pegar o santo e botei assim no cóis da saia, pro dento né? (Inaudível), na hora bute, que eu coloquei o santo já fui saino, já fui direto pra roça [passei lá em] mim, minha casa, a casa de papai, fui direto pra a roça, a roça era perto ai botei empezinho assim no pé de milho. Rezei o pai nosso a ave Maria, santa Maria e deixei lá quando foi de quatro horas começou a chuva, começo a chuva e eu imaginano no santo.

### **Sobre a chuva ter sido forte**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** **Ave Maria** rapaz, até a, a banda da, da, da casa de papai caiu, o santin foi ficar lá do outro lado, (inaudível) riacho, ai eu procurano, procurano, tava inboicadin... (emborcado) Ai, ai, **eu truxe ele**, pra casa e botei no oratório sem ninguém de casa saber, ninguém só quem sabia era eu, não falei nada não, não falei nada, depois...quando colheu, ai, nós colhemos [tiremo milho, tiremo milho]. Quando colheu... fizemo o acampamento comprei fogo comprei... (inaudível) fazer o andô, quem vêi fazer o andor foi compadre Chico de Aninha, quem fez o andor as menina tudims vieram sua mãe, tudinho [quase todo mundo vêi] de seu, de seu, de seu Raimundo Augustinho.

### **Sobre haver bom inverno durante aquele ano**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Houve ai, ai direto, é direto, é direto choveno direto meu fí, chovia todos os ano, todos anos, [todos ano] (inaudível), o açu... nessa noite o açude do Vale Verde sangrou, pegaram muito peixe...

### **Se ela lembra qual foi o ano que assenhora “roubou” esse santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Eu num sei, eu tinha, eu tinha dezesseis ano meu fí, já tô com setenta e quatro, muitos anos...

### **Sobre a década ser a dos anos 60 ou 70**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Acho que foi nos anos 60.

### **O motivo que a levou a realizar o “roubo” de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** [Por que] eu, eu tinha vontade de roubar. Eu tinha vontade de roubar um, São José, por que eu queria vê muita coisa dento de casa, tinha, faltava coisa em casa né? Faltava... [pai sozinha...] Mais, ai [depois] que num faltou mais nada não meu fí, assim, Deus abriu as porta.

### **Sobre estar chovendo no período em que ela “roubou” o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** [Tava, tava], dê dê, deu umas três **chuvinha** fraca, ai p, pronto, ai todo todo mundo plantou, ai o milhinho tava aqui assim (sinal com a mão par algo pequeno), ai ficava murchinho, tava enrolano, tava enrolando a folha. O feijão... [pronto] depois [ que deu, que começô], ai depois que começô, deu essa chuva ai não faltou mais nada até... terminar, até colher. Isso era melão e melancia que deu, [ave-Maria] fazia gosto tem broca. Nesse tempo nós via muito a... os açude sangrando, tudo cheio... nunca faltou água.

### **Referindo-se a época em que ela “roubou” o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É, melado tudo, os açudes encheu tudo.

### **Sobre a Igreja comentar algo sobre essa tradição de “roubar” são José**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não eles nunca fala nadaro nada não, mais também num diziam nada não. Pronto, **nessa época** que eu roubei o santo eu acho que, Anita sabe, no ano que Frei Damião passou aqui, ele passou aqui. Ai foi e disse que **Cajazeirinhas** nunca ia pra frente, foi no tempo que, que ele passou aqui.... e ouve... umas missão nós viemos pra essa missão, tava muito bonito para chover, mas num choveu, por que, tinha gente, (inaudível) tinha muita gente na na, na missão (inaudível) que ela foi campal, e, a a mulher de Luizín, que era Dedeca que é irmã da mulher de Alfredo namorava, tava mangano dele, e ela ficou pregada na parede, Frei Damião fez ela ficar pregada na parede, até terminar a missão, só saiu de lá quando chegou que bateu assim (movimentando as mãos) [passou as missão ] bateu nela, pode sair. Ai, ai foi disse, na pregação ele disse que Cajazeirinhas não, nunca, nunca ia pra frente. Passou em Coremas botaro avuaro a sandalhinha dele uma sandalhinha que ele (inaudível) no açude de Coremas. Pegaro a sandália dele e avuaro, avuaro dentro de Coremas, sua mãe sabe dessa conversa.

### **O Por que a senhora acha que a igreja não dizia nada**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Num, num sei porque meu fí não, e, e, eles num diziam nada assim, num fa, num fazia confusão [fazia assim, dizendo assim] que muita gente também tirasse, muita gente também tirava, pra chover, [num só era eu não] varias pessoas tirava, mais, tirava assim, tinha deles que tiravam e num tinha fé n, num tirava a fé num tinha fé não, mais eu graças a Deus [meu fi] tenho muita fé graças a Deus tenho muita fé em Deus meu fi, graças a Deus ai num... todo mundo colheu, graças a Deus.

### **Sobre membros da Igreja participarem da tradição**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não só era a gente mesmo era muita gente, mais padre num vinha não.

### **O porquer dos padres nunca participarem**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Por que a gente nunca chamava a gente nunca convidava né.

### **Sobre a possibilidade de se convidar algum padre e ele participar**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Acho que vinha, vinha. Mais nessa época os padre em Pombal, meu fí, tinha pade aqui não nem em São Bentinho, nem Pombal.

**Sobre casos onde outros féis põe imagens de santo de ponta cabeça, e outras práticas desta natureza**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Isso ai meu fí é tá fazeno pouco ou bota no oratóro ou então como eu botei no pezin de milho, mais bota dentro de pote de cabeça pra baixo eu num concordo, nu, concordo eu acho que gente assim como e seu nome?

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Emerson pra mim tá fazeno pouco sim etá fazeno pouco bote no oratóro, se num tiver oratóro bote dentro do guarda-roupa ou bote quem nem eu botei no pezin de milho se ele não tivesse saído todo dia eu ia lá mais no outros dia eu fui buscá ele no outros dia fui buscá noutro dia, num de tarde mesmo de seis hora tava imboicadin (emborcado) no pé de milho ai eu trouxe pra casa, dentro da mala coloquei dentro da mala sem ninguém vê, ninguém via na mala daí botei no oratóro de mamãe eu num era casa ainda botei no oratóro empenzin por trás dos outros santo tudin. [...] **quando colheu tudin...** foi que eu, ai foi que eu [dex... deixo] em casa, ai fui disse, fui lá em compade Bernardo (o dono da imagem), disse: - Ói compade Bernardo o São José, amanhã ele vem pra aqui. Mande compade, compade Chico de Aninha fazer o andor, enfeitemo [foi até as minina que me ajudou a enfeitar], sua mãe, foram lá para casa, (inaudível) ajudou a enfeitar... quando foi de quatro hora fizemo o acompanhamento **muita gente tinha fogo, tudo.**

**Por que dela ter colococado São José no oratório da sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Botei porque não tinha onde colocar e tinha que colocar no oratóro junto com os outro santo.

**Sobre o fato da imagem ter que estar junto com às da sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É, mamãe tinha o oratóro dela né? Com os santin dela.

**Se ela ouviu falar alguém que praticou a tradição chegou a ser denunciado**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, não.

**Em relação a fato de o dono da imagem do santo nunca denunciar o praticante do “roubo”**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Compadre Bernardo falou, lá na casa de compadre Chico de aninha: - Roubaram o santo, roubaram São José lá de casa, agora num sei quem foi e eu ouvino a conversa, e o santo lá em casa.

**Sobre não ser denunciado mesmo que o dono da imagem soubesse quem tinha sido**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, não, não num dizia nada não, esperava somente entrega, e depois da **colheita** quando colhesse tudin, ai fazia o acompanhamento, entregava lá.

**Sobre sequer haver reclamação por parte do dono da imagem**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não... não, de jeito nenhum, eles achava bom, a, achava bom porque [por causo que tava ] tava precisano de chuva, nessa época as coisa eram outra, agora, agora roube hoje né? Pra vê uma coisa né? As ignorância.

**Sobre qual foi o momento que ela devolveu a imagem de são José para casa do Sr. Bernardo, antes ou depois da colheita**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Depois da colheita, depois que nós colhemo tudo, quando colhemo tudo foi que fizemo o acompanhamento, já tava tudo, tudo num saco. Mais (sequência de falas inaudíveis). Peguei o santo disse ói, ói, ói ele está aqui em casa ói, ai só fez só rir. Ai dona Romilda disse: A {eu sabia que você era ladroninha} né (riso). Mais...

**Sobre como foi o acompanhamento, sobre os vizinhos participarem**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Foram, foi todo, eu pegada no, no, no andozin na frente e outros mais na frente e às duas atrás, eu entrei com ele, eu que entrei com ele, no andô ai botei em cima da mesa e fumo rezar, soltar os fôgo.

**Sobre o que fizeram quando chegaram na casa do dono da imagem...**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Todo mundo bateu palma, e começamos a rezar e, e cantar.

**Se houve alguma novena**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Ouve... grande, grande rezamo o pai nosso e cantamo, ai terminava o terço, o terço todin.

**Foram muita gente, para entregar São Jose?**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Foram, muita gente, muita gente lá no Vale Verde tinha muita gente... sua mãe sabe. (Na realidade o sítio não era muito povoado).

**Sobre os festejos e ladainhas, o porquê de haver toda essa festança para a entrega do santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Porque a pessoa tinha prazer né? De entregar rezano e cantano por que recebeu a graça que Deus mandou, por que tava precisano e Deus viu que estava precisano e mandou.

**Sobre se transportar São José no andor ou de outra forma**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Podia levar na mão, levar assim na mão [mas a graça é] no andor né? No andozin, como ele foi.

**Sobre ela achar que houve melhoria em sua vida após o “roubo do santo”.**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Demais demais, demais, demais, demais.

**Sobre os oratórios, se ela acha que eles poderiam ser tão sagrados quanto a imagens do santo**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É porque o san... o santo tá dentro, né meu filho? É, ele é como uma Igreja, se considera ele como uma igreja, que o santo tá dentro.

**Se oratório era de sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era.

**Se oratórios eram bentos, por algum padre ou alguém da igreja**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era, bento, benzeu.

**Se o oratório de sua mãe foi bento**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Foi, foi bento, foi. Papai [inaudível], papai trouxe nas costas, e trouxe pra Igreja pra benzer.

**Se outras pessoas na região também benziam seus oratórios**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Benziam, na... nessa época tinha, tinha o altar né? Um altazão bem grande a, a carreirinha de, de, de oratório, não era muito grande o oratório né? Cabia muito oratório...

**Se o oratório da casa de sua mãe era ou não de madeira**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É madeira. Papai comprou em Patos.

**O anos em que este oratório existiu**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Muito ano, muitos anos meu filho, até se acabar.

**Qual a época em que ele teria se acabou**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Faz muito... **faz...** faz muitos anos que acabouse.

**Se a igreja, os bispos e os padres nas missas diziam que a eram pra ter oratórios em suas casas**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, nunca falaram não.

**Se deixavam a critério do devoto**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É, é somente.

**O motivo pelo qual se possuía um oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era. Pra bo... Guardar os santo né? (Silêncio). É nessa época foram católico né? [Eram] católico [inaudível], santo dentro do oratório. Quando tinha novena, botava, tirava os santo tudim, botava tudim na banca pra rezar aquele terço, muito santo.

**Se sua mãe teve mais oratórios além deste mencionado**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Teve não só teve esse mesmo. Foi.

**O que eram colocado dentro dos oratórios**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** O terço, [no] oratório só o santo e o terço.

**O que mais havia neste oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tinha não, e o livrinho, e o livrinho de rezar de rezar, rezar as novenas que rezava novena na casa de mamãe toda, toda noite toda noite rezava.



**Se ela lembra quais eram as imagem dos santo que existia no oratório da sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era Santa Terezinha, São José, Santa Terezinha, São Manoel, que era o nome de papai, Nossa Senhora de Fátima e Santa Luzia, são esse quatro.

**Sobre qual era o santo principal da devoção da sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Santa Luzia.

**Se pelo fato de sua mãe ser devota de santa luzia, havia um lugar especial pra santa luzia dentro do oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Havia (inaudível).

**Sobre onde esta santa ficava no oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Na frente ela ficava na frente. Na frente era ela, dos outros santo tudin ela ficava na frente e, e, e o tercinho por cima dela assim, terço.

**O Porque que as pessoas colocavam o santo da devoção dele na frente**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Que tinha aquela fé e né meu filho (inaudível).

**Sobre ela recordar se havia um jeito particular de organizar as imagens do santo dentro do oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, tinha que botar assim, atrás um do outro né? Que o oratório era pequenininho, era pequeno, não dava pra botar um do lado e outro do outro não, tinha que se tudo assim, atrás um do outro, por trás um do outro.

**Se quando alguém roubava a imagem de São Jose de uma casa, ela tinha de ser guardada no oratório que a pessoa tinha em casa, se ela tivesse**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** É, se tivesse oratório, se não tivesse botava na mala.

**Caso se tivesse oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Colocava ele no oratório.

**Se quando ela “roubou” o São José, ela o colocou neste oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Quando eu tirei são José do pé de... lá do, lá do pé de mi... lá do, do, do pé de milho, já trouxe pro oratório, só saiu do oratório quando foi pra casa de compadre Bernardo, (silêncio breve). No dia do acompanhamento.

**Se às imagens dos santos que ficavam dentro do oratório da sua mãe eram enfeitadas, como os rosários**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não. É, só com o terço, né rosário não é terço. Era. E naquela época tinha rosário também né? Mamãe tinha rosário não, era terço.

**O porque que de se colocar o terço em cima da imagem do santo no oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Porque quando fosse rezar ele já tava, o tercinho já tava ali, só é pegar, e o livrinho.

**Sobre os devotos realizarem as orações entorno do oratório em casa**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Re... Rezava.

**Sobre como elas seriam**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Muitos, muitas, muita graça era alcançada, né meu filho? Muita graça era alcançada, eu mesmo fui, eu recebi muita graça, graças a Deus, graças a Deus, recebi muitas.

**Se ela rezava em torno do oratório da sua mãe**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Rezava, nós tudo, tudo

**Sobre a família realizar oração junto do oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Ia tudim, ia tudo fi... ficava tudin, pra vim rezar tudo.

**Se ficavam todos em frente ao oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Ficava, e as vela.

**Se houve alguma missa em sua residência nessa época**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não.

**Se nas missas na casas de outras pessoas elas colocavam o oratório junto ao altar**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Não, era, era difícil ter missa no, no, nas casas só tinha aqui na Igreja.

**Sobre o oratório ter um significado similar ao da Igreja**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Vogava pela, pela Igreja, era mesmo que tá... Que ser a Igreja, por causa dos santo. Botava os santinho ali, abria ele... abria os san... abria o oratório e acendia as vela...e como uma missa, e a, o terço era como mesmo que uma missa, eu orava muito, muito.

**Se em algum momento nessa prosições, nos acompanhamentos, nos festejos alguém levava o oratório junto**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** ã, ã (negando) não era não, só ia somente quando era no andor, quando tinha o ando era no andor, quando num era o andor a pe... quem roubou ia na frente com ele, mas eu fiz o and... mandei compadre Chico de Aninha fazer o andor.

**Se oratório encontrava-se sempre em casa**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era sempre em casa, no quarto.

**Sobre o fato de haver um lugar especial para o oratório**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Tinha, tinha, tinha uma banca no quarto mesmo, pra ele, e só vivia com a portinha aberta, direto.

**Onde seria**

**Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves:** Era dentro do quarto.

## Apêndice D: Entrevista com Geralda Viera da Silva Almeida (23/03/2018)

### Sobre como ocorreu o “roubo” da imagem de São José

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Eu só não sei, eu só não sei assim, o, o ano, [eu num lembro não], eu era mocinha nova, num lembro não, isso eu não lembro não, qual foi o ano que a gente moremo lá e roubemo esse santo. (Silêncio breve). Eu sei que foi, o, o mês de... de São José. (silêncio breve). [Inaudível], eu roubei antes, ai pra chegar São José passava uns três dia, pra chegar São José, ai ela, ai mãe foi disse assim: - minha fia vamo na casa de Glória? Eu digo: - vamo. Ai ela, e... ela, eu disse: - por que que a senhora quer que nós vamo lá? Ela disse: - por que não tá... não vai chover, você vai, nós vamo, quando a gente chegar lá... Eu digo: -por que? Ela disse: - tem um santo São José lá, você, eu entro pra cozinha com ela, e você p... na frente, ai você pega o santo, e ra... vou levar essa toalha, ai você vai enrola o santo, e n... você marque o, canto aqui aonde butô, pra quando nós voltar pegar o santo. Ai fiz... [deixemo, e depois fizemo]! Ai ela entrou, eu vô pego o santo e saio né, ai butei lá, quando foi já pra escurecer, [eu digo]: -bora mãe que já tá na hora da gente sair. Ai ela disse: - por que é que cê tá vexada? A velha da casa, num sabe? - Por que é que cê tá vexada? Ai ela disse, eu disse: - não, é porque já tá escurecendo, e é melhor a gente ir daqui lá pra casa. (Silencio breve). Ai... [foi], nós saimo, quando nós chegemo na frente onde eu tinha butado, ai peguemo o santo, e saimo né? Ninguém viu, ninguém sabia, só nós duas mesmo, ai botemo lá, ela disse [referindo-se a sua mãe]: - **minino quando ela descobrir, que tu carregou esse santo, quando ela sentir falta desse santo...** Ai passou-se bem uns quinze dia foi que ela veio dar fé do, do, da... da carregada do santo. Ai [a gente demorou]...and... andei lá, ela disse ( referindo-se a dona da imagem roubada): - mas, mas... Eu tenho um apelido que é Lêlê, nun sabe? Ela disse: - mas Lêlê, eu num sei quem foi que carregou meu santo daqui. Eu digo: - qual foi o santo? Ela disse: - São José, minino ói, eu só queria sonhar quem foi, esse prevesso que roubou meu santo daqui, que meu santo eu num, num dava ele por dinheiro nenhum. Eu digo: - **não mulher, quem roubou, foi pra chover. Ai se conforme quem roubou vem entregar com acompanhamento, vai ser muito bonito...** [Ai ela] disse: - **mas o pior que eu num sei quem foi essas pessoa que roubou, eu num sei, isso pode até sido um vagabundo e ter sacudido meu, meu santo no mato.** Eu digo: - **foi não.** Ai... eu sei que ela andou na casa mas os vizinhança todinha procurando esse santo. Ninguém dava notícia. Ai quando foi já... já pra chegar o mês, ai ela foi... eu fui, andei lá, eu digo: - cadê o santo num apareceu não? Ela disse: - nã, [inda] tô por saber quem foi esse prevesso que roubou meu santo. Eu digo: - **ói vai ser uma chuva, quem roubou vai chover tanto, o**

**acompanhamento vai ser tão bonito, que você vai ficar besta de ver o cam... acompanhamento.** Ela disse: - tomara que seja numa mão duma pessoa boa. Ai foi eu descobri. Eu disse: - quem roubou foi eu, naquele dia que eu vim mais mãe aqui, que entrei. Ela disse: - **eu sabia sem vergonha que você tava muito avexada.** Ai, [inaudível], ai eu fui pronto, ai eu fui a... procurar, a, a... ajeitar as coisa, pra fazer o acompanhamento. **Ai num faltou quem me ajudasse.** Um dava uma coisa, outro dava outro, ai outro dava fôgo, outro dava o, o, a, o, coisa pra fazer o andor, ai os menino de lá vizinho vêi fez o andor mais eu. Ai fumo, ai eu fui, procurei os nego dos Pontão, ai nesse tempo era Aurélio, Clóvis, Neco, esse povo mais antigo, Leandro, num sabe? Ai ele disse [referindo-se aos Pontões]: - nã, se preocupe não, que nós vamo lhe ajudar. Ai, ele disse: - quando for no dia a gente vai procurar... Foi no dia de São José mesmo. – Ai nós vamo, vamo ajeitar todo mundo pra vim pra aqui. Eu digo: - pode vim, tudin pra aqui. Ajeitemo a, a casa, a sala todinha. **Ai isso encheu de gente, isso foi tanta da gente, tanta da... mas foi tão bonito, os nego vieram tudo trajado** (referindo-se aos Pontões). Ai foi o acompanhamento, até lá na casa dela (referindo-se a dona da imagem). Armaria, depois ela disse: - mais minina, eu nunca pensei. Eu digo: - ói ai como as coisa é, é ao contrário né? Cê já pensou duma pessoa ser... jogar... pegar o santo e jogar no mato né? E no fim num foi nem uma pessoa que, que, que... foi uma pessoa de bem. **Ai pronto, fizemo o acompanhamento...** (silêncio breve). Ai foi chuva.

### **Sobre o sítio onde ocorreu a prática**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Em? Lá, na, na, na Maria do Santo.

### **Sobre o por que que havia essa tradição de roubar São José**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Porque assim, isso já, isso já vem, dos, dos, dos mais velho antigo. Esse, esse, esse povo que era muito, muito católico, tinha muita fé, ai roubava muito... **agora num foi só nessa casa dessa velha não, lá eles era acostumado a fazer isso.** Era na Ramada, na Revêcia, no Arial. O povo saia a, a, saia, roubano os santo e fazeno os acompanhamento, pra chover. Ai quando a, acontecia a colheita, ai, fazia o, o acompanhamento. Isso era bonito demais, anti... agora não, porque antiga... a, antigamente, num tinha esse negócio de... se cê visse como era bonito, na casa deles, as novena dos mês de maio, **era a coisa mais linda.** Cê ficava besta, de, de queixo caído, as novena do mês de maio lá, na casa de... cada, cada uma noite era numa casa, num sabe? Cada uma noite era numa casa, a gente ia as novena, a coisa mais linda tinha aqu... aqueles bendito **antigo**, que era tudo antigo. Até que ainda tem um que, que, que na casa dele,

armaria, é, o mês todin era na casa dele, era João Laurentino. [Que nesse], ainda é vivo, também. Armaria, era bonito demais, demais, demais mesmo.

### **A justificativa do roubo da imagem de São José**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Porque que, eu roubei? Porque, era um, era um, um, um verão tão grande, que, que, quem plantou, tava se perdeno. Ai a, minha mãe era mais desse povo antigo, disse: - minha fia vamo roubar aquele santo, da casa de Glória. - Que Deus vai mandar muita chuva pra acabar de colher. **Ai nós roubemo**, ai foi água, ai foi água viu. Foi chuva, que todo mundo colheu as coisa tinha pra colher, milho, feijão essas coisa, [aqueles] girimun, essas coisa, todo mundo pode colher. Arroz...

### **A possibilidade de se roubar outro santo para chover**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não. A, a, é, o, São Jo... São José. A, teve gente que roubou uma vez, a imagem do sinhô... Minha mãe contava num sabe? Que roubaram uma imagem do sinhô, e foi um dilúvio d'água. Foi por que né, num era... o san... o san... o santo certo mesmo é São José. Num é, num era a imagem do sinhô. A imagem do senhor, quando quem roubou, [inaudível] foi um dilúvio tão grande, de água. São José não, ele já é, já é padroeiro mesmo de da, da, de chuva.

**Repare que quando é no tempo dele todo mundo né? Festeja...**

### **Sobre a depoente ter mencionado em conversa prévia que São José era “o melhor santo para se roubar”. Justificativa**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Por que ele é o padroeiro da, da, das chuva. Entendeu? Ele o padroeiro das chuva.

### **Sobre de onde se roubavam as imagens de São José. Se eram de casas, Igrejas ou outros espaços**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, é assim, quem, quem, quem tinha, assim, coisa com, com São José, que tinha fé com São José, é... Cada uma casa tinha, seu santo. Comprava aquela imagem, trocava, num era comprado, era trocado, a imagem e colocava na sua casa. Cada uma casa que tinha um [inaudível]. E quem tinha mais, assim, era nome da, da, das pessoas que tinha José... Ai era, era trocava e, e, e usava na sua casa, São José.

### **Sobre ser das casas da pessoas**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** É.

### **Sobre ter havido chuva quando ela roubou São José**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Choveu, choveu, tô dizeno a você que choveu que todo mundo colheu as coisa? Foi água, foi água...

### **Sobre a possibilidade de se roubar a imagem do santo como uma forma de castiga-lo**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, por que, era, já era... a, aquele santo, já era tradicional, **pra chover**. Pronto, eu tinha, eu tinha um São José aqui, você chegava, você levava ele... Eu num sabia, que eu num tava vendo, num era? A, o, caso aconteceu comigo. Ai, assim, com um mês você ia dizer: - sentiram falta aqui do seu santo, São José? Por que fui eu que levei, pra chover. Então, o caso foi esse.

### **O porquê de ser “roubada” a imagem do santo**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Por que, é, por que, é, tinha, **tinha que ser assim mesmo**. [É pra ver...] num, é pras pessoa sa... do dono da casa saber não. Como é que cê vai roubar, você ia roubar um santo da, pra chover, ia roubar pra, o dono da casa ver? Não. Num era pra ver.

### **Caso se pedisse ao dono da casa pra levar o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Num, num dava, ele num, [inudível]... num dava.

### **Portanto, dono não daria...**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, não aceitava. Você tinha que roubar, e o certo era roubar mesmo. O certo era roubar o santo. Pois é.

### **Sobre esconder a imagem de ponta cabeça dentro de potes, ou enterrar na areia**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, ai, isso ai eu num, concordo não. (Inaudível). Eu, eu, guardei lá em casa, esse que eu roubei (referindo-se a imagem), eu guardei, ai foi mãe disse: - bote lá na parede junto com os outros. Ai eu coloquei lá né? - Quem ver aqui (tosse), esse santo aqui dela, com certeza ela vai saber (referindo-se a dona da imagem). - Então, pronto, deixe ele ai... Eu digo: - **eu vou botar aqui**. Ai botei na parede. Ai quando foi, a, ai ela foi disse (referindo-se a dona da imagem): - a, foi uma pessoa que me, já me disse que você tinha roubado meu santo de lá. [Inaudível] passou um, uns quinze dia pra ela, pra ela notar que eu, que eu tinha carregado o santo, num foi assim que eu carreguei não, passou uns quinze dia, pra poder ela carregar o santo (equivoco), pra poder ela dar fé do, da, da falta do santo.

### **Sobre ela ter roubado para castigar o santo**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, não, não. De jeito nenhum.

### **Sobre a possibilidade de membros do clero participarem da tradição**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, por que, nesse tempo... (breve silêncio). Nesse tempo, existia assim, mais o, o, o, já tinha a Irmandade da Igreja né? Que era os nego, era tudo da irmandade. Eles eram, lá era, era tudo da Irmandade da Igreja do Rosário daqui. **Ai num tem como...** (silêncio breve) Padre não, que já era, já era da Irmandade... Eles já conversava aqui, já era certin com o padre pra vim fazer esse acompanhamento lá (referindo-se ao sítio). Eles gostava demais, minino, é, ói [inaudível]... Todos os mês tinha uma acompanhamento: era, - tem uma acompanhamento na casa de Clóvis, a gente ia. - Tem um acompanhamento na casa de Néco, a gente ia. - Tem um acompanhamento na casa de Aurélio, que [inaudível] ... Em Mané Cocundo, que era do São João, daquele povo ali num sabe? Ai a gente ia. Cada uma coisa que fazia um a, um a, acompanhamento, a gente ia. Eles gostava demais.

### **Se a Igreja comentava algo relativo a esse “roubar” a imagem da casa de alguém**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não por que... Não, nunca ouvi falar não. (Silêncio). Mas quem é, quem já é... aquele povo mais, mais velho da, de trás né? Eles já sabia mais ou menos que podia por que... e esse povo mais velho, **lá de trás...** (no sentido de terem longa experiência com essa tradição).

### **Se o “roubo” do santo da imagem seria como uma desobediência ao que orienta a Igreja**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não. Por que São José, num é o, o, o, o... O padroeiro da, da... numa capela. Assim, tem uma, tem uma capelinha assim, a, cuma naquele serrote. Ali é um é, já é uma imagem [inaudível], o padroeiro dali, aquela pessoa que já é dali, fez aquela capela ali, colocou ele lá né? Pronto, era assim. São José.

### **Sobre possibilidade do praticante do “roubo” ser denunciado**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, não. Não. Não, num acontecia não. É, a pessoa, a pessoa, só ficava assim, o dono do santo só ficava assim, pensando, quem tinha sido aquela pessoa... Que tinha feito aquilo... Por que tem muita gente que, pega pra fazer maldade né? Sacudir no mato, quebrar aquela imagem né? Mas não. Ela pensava assim (referindo-se a dona da imagem roubada), de ter sido uma pessoa, que tinha pegado aquela imagem, tinha sacudido fora, tinha quebrado. Era assim que ela pensava. Mas na, na hora que ela soube, que tinha sido eu que tinha roubado, ela



disse: - inda bem que tava em boas mão. Eu digo: - é você pensou errado mais deu certo, que num foi, num ta, num tava em mau... só por... (riso). Foi tanto que o santo dela, [quando], depois que ela tava aqui na rua, roubaram o santo dela dai, que ela num sabe nem quem foi, um São José, num sabe? Quando ela vêi dar fé, desse, desse santo, foi **muito tempo**, ela disse: - apois roubaram meu santo. Ai foi ela foi me contou: - ói, nem parece aquele que você roubou, lá em casa, e eu pensei tanta coisa errada, e no fim era tudo certo, e esse roubaram, que eu num sei nem como foi. Eu já tava sabendo.

#### **Sobre esse último roubo narrado não ser devolvido**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não. Esse não devolveram, ela num sabe nem quando, quem foi nem quando foi. Ela tava lá pra dento e entraram a, o, a, a tava na, na sala, e chegaram... Ela tem muito santo num sabe? Ai chegaram escolheram logo ele (referindo-se a São José) ai carregaram ele de lá. Ainda hoje ela tá por saber quem foi.

#### **Sobre o fato de a imagem não ser devolvida possivelmente por não ter chovido**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, que já faz muitos ano, que, tiraram esse santo da casa [inaudível]. Faz muitos ano, foi de agora não.

#### **Sobre como devolver a imagem se não chovesse**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** A! Ai a gente tinha que fazer o acompanhamento dele pra colocar lá no canto dele. (Silêncio). Num sabe? Ou que chova o que num chova, a gente tem que fazer e colocar lá no cantinho dele, onde, encontrou.

#### **Sobre o acompanhamento ser igual ao que acontece quando chove**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Do mesmo jeitin.

#### **Sobre ser com festejo**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Tudo, com festejo e tudo. Tinha que ser pra lá, botar lá no cantinho dele onde eu encontrei.

#### **O momento do inverno em que ela devolveu a imagem**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Não, no final do inverno.

#### **Após as chuvas e colheitas**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Quando [inaudível] colheu tudo a gente foi ajeitar, arrumar tudo né? Né? Ai fizemo o acompanhamento e fumo entregar.

### **Sobre o significado dos festejos na devolução da imagem**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** É. É porque tem que ser daquele jeito, é o, o an, o andor dele bem enfeitado com rosa... (Silêncio breve). Ai, aquelas pessoa que roubou e quem arrumou ele, é quem vai levano, o andor, é o andor, num sabe? Ai é os festejo dos fogo, com, o, os nego dos Pontão foram. E os fogo e, a e, acompanhado e as pessoa que me ajudou, eu era a principal. Quem trouxe, eu era a principal, a sair com ele, entendeu? É.

### **Sobre os festejos serem uma forma de agradecimento**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** É. É.

### **O papel exercido pela Irmandade do Rosário no acompanhamento**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** A, lá na, lá, na casa, lá em casa eles fizeram o, o, o festejo dele, dançaro muito cantaro muito, a, a, o, o hino dele. Ai saimo, em caminhada, a procissão, e os nego isso can... cumé, cantano, outros rezano, agradeceno as chuva que, São José, encontrou, até chegar lá, e quando chegou lá, ai fumo tirar o terço, [inaudível] rezar, foram festejar...

### **Sobre como se procedia na chegada à residência do dono da imagem na devolução**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** A chegada? Ai batia palma e ch... ai gritava São José e rezava. Ai a gente entrava com ele e botava lá, lá no na, na, na, na mesinha que, já tinha pronto pra, receber ele. Ai... ai rezava, e os nego cantano, é, como ele faz aqui na, no Rosário num sabe? Aquela dança... foi muito fe, festejado.

### **A recitação de terços e etc.**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Rezava. Na saída e na chegada, rezava.

### **Sobre como se recitava os hinos a São José nos acompanhamentos**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Qué, Nã ma... é, porque an... antes num tinha, só tinha o, aque... a, o hino dele mesmo né? Te...tem muita gente que... BeneFrance sabe o hino de São José né? Que ele canta tudo né? Mas é... nesse tempo eu era, eu era moça nova, num tenho muita... decorei muito na minha cabeça não. Ai os, os nego, aqueles pra trás, aqueles antigo, os chefe mesmo da, do coisa, armaria era hino bonito demais. Que eles frequentava, a, a, a Igreja do Rosário aqui, era o, o,

agora faço que nem a história, era o, o chefe da, da, dos nego, dos Pontão. Nesse dia foi os nego, foi os Pontão, foi os Congo foi... os Reisado, foi tudim lá pra casa, foi bonito demais, [assim]...

**Sobre irem os três grupos da Irmandade do Rosário**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Os três.

**Sobre a existência de outras tradições em torno de São José, novenas, terços, etc.**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** [Sim] existia. (sobre ser em seu sítio) É, existia. Tô dizeno a você que, oi o mês de maio todim era, era, era de novena, num sabe? Era num... uma noite era numa casa, uma noite era na outra, assim.

**Por que eram no mês de maio?**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** Que é o mês de Maria.

**Como em uma relação conjunta de São José e Santa Maria.**

**Sr.<sup>a</sup> Geralda:** É. É o mês de Maria.

### Apêndice E: Entrevista com Sebastião F. Lacerda Filho (17/01/2018)

#### Sobre o motivo de se haver o costume de roubar a imagem de São José nessa região nessa época

**Sr. Sebastião:** Ói a questão é, a cultura da época é que... eles fazia esse, esse negócio tipo de roubar o santo, é, [inaudível] assim, não era um roubo, entendeu? Mas é uma coisa que eles tinha, é uma cultura, uma visão que eles tinha, eles plantava e a devido a não chover, eles achava que eles, chegam naquela casa, ele entrava na casa intertia o dono da casa, ou levava alguém pra intertê o dono da casa, então, eles conseguia levar o santo São José, num é, e levava pra, pra sua casa, enrolava numa toalha o santo né, qué pras pessoas não perceber, então ai pronto, quando era com um determinado tempo, por exemplo, assim, quinze dias, é, eles chegava na casa e falava pro dono da casa: - ói o santo tá lá em casa, a gente vamo ajeitar pra tal dia a gente vai trazer o santo. Certo? Ai no caso eles fazia isso, ai eles pegava fazia aquele é, uma espécie de um andor né, que eu acredito que você deve ter uma noção mais ou menos que forma que é, ai eles fazia aquele andor, e então eles, eles enfeitava com... os papel, aqueles... colocava o santo dentro e era quatro pessoas que pegava um dum lado, outro de outro, dentro do tempo determinado, eles vinha devolver aquele santo naquela casa, e eles vinha muita... convidava os vizinho, muita gente vinha na, na estrada afora cantando aqueles hino, entoano hino a São José que é um santo de milagre, santo, não era?, aquele que manda chuva, São José, e aqueles, aqueles (inaudível) que eles can... cantava. Na visão deles, eles achava verdadeiramente que o santo, não era? levando aquele santo, ia, que ia fazer, ia (risos) cair chuva aqui na terra, não era? (riso). **Acontece** às vezes... Sim, eu tenho uma visão, que eu acho que nun sei nem se era verdadeira o santo né? Mas é, devido a fé que eles tinha né? Ai, chovia, e então eles seguia nessa, nessa cultura que eles tinha a muitos anos né? Acredito que na década de oitenta ainda, ainda teve isso mas [inaudível], na década de **oitenta e quatro** já não existia mais isso. Ai da década de oitenta pra... de oitenta pra trás assim, tinha muito isso. Eu não, não sei se ainda em algum sítio se ainda acontece isso né? Apesar que a... as coisa se mudernizou muito né? eu não sei se existe algum sítio, se ainda tenha essa prática, mas eu acredito que não.

#### Sobre quem foi o praticante desse “roubo” que você participou ou testemunhou

**Sr. Sebastião:** Foi meu pai, meu pai carregou da casa da minha mãe, da casa da minha mãe, meu pai prantou um milho e um feijão e tava, e não choveu, e tava próximo a perder o milho, então ele foi na casa da minha avó e carregou o santo. Aí o que acontece: nessa época choveu

tanto, choveu tanto que ele (risos), ele antecipou a entrega do santo certo? (risos) Antecipou, falou com a mãe dele que vinha devolver o santo, por que tava chovendo demais e é, as lavouras não tava aguentando tanta chuva, sabe? A...

### **Sobre ter havido chuva quando por causa deste “roubo” de santo**

**Sr. Sebastião:** É. (risos) Ai o que acontece: e ele... ai ele pegou, ajeitou convidou a,a, é as pessoas, os vizinhos, os amigos, pra vim trazer o santo, ai é aquele negócio, ele se... na, na época eles tinham, um, um espécie de festejo que se chamava de foguetão, era uma tabocazinha com um, a,a um do talo da carnaúba, ele tirava um talo e ama... e fazia... o foguetão. E meu pai, na época, e minha avó, quando meu pai vinha chegano na frente da, da casa da minha avó, era, a minha avó tava na porta e meu pai foi soltar o foguetão, esse foguetão no lugar dele subir, ele tava com a vaqueta mea torta, a varetazinha torta, ele foi direto pra porta da minha avó, minha avó tava [no coisa], a,a essa... esse foguetão passou na cara da minha avó e explodiu num paio de feijão que tinha na sala (riso). É muito interessante, é,é.

### **Se ele lembra por que seu pai realizou essa prática**

**Sr. Sebastião:** Ele roubou justamente por isso que nem eu acabei de falar, por que ele **prantou**, prantou um milho, prantou feijão e, e não tava, e não ch... não tava chovendo, e ele tinha certeza que perderia o, o... pois então ele levou o santo, chamava de roubar o santo, então ele roubou o santo e levou escondido, o santo da mãe dele.

### **O lugar aconteceu o “roubo” desse santo**

**Sr. Sebastião:** Sei, sítio Boa Vista, hoje município de São Domingos (desde 1996, quando da emancipação deste município) São domingos (inaudível).

### **Sobre a década**

**Sr. Sebastião:** Na década de... setenta e nove [...] setenta e nove. Eu era criança né? Eu acho que eu tinha na... em torno de cinco anos mas foi uma coisa que marcou, a gente [inaudível] a gente sempre lembra, e a gente lá, e meu pai contava muito, ele contava pros vizinhos, contavas as pe... pessoas assim desse a, desse a [inaudível] que ele ia... ele ia queimando a mãe dele com fogo, então foi uma coisa que marcou muito né? E tinha também uns, uns tio meu que praticava isso também.

### **Sobre como aconteceu o “roubo” desse santo**

**Sr. Sebastião:** É ge... geralmente, geralmente eles gostava muito assim de fazer isso mais assim no período do almoço, enquanto a mãe dele tava almoçando [inaudível] sentada na mesa, então ele saiu, passou na sala e levou o santo e minha avó não percebeu. [...] Na hora do almoço, geralmente era assim, as prática que eles fazia assim, era ma... era as vez era na hora do almoço, ou se não assim, pegava, pegava assim, vinha com outra pessoa intertia aquela pessoa e outro leva, entendeu?

#### **Sobre se ter a ajuda de outra pessoa**

**Sr. Sebastião:** Sempre tinha, quando as vez assim, e sem, sem contar que muitas vez, você vinha várias vezes na casa, não tinha a oportunidade, então ai você, de tanto você insistir, ai cê vinha, vinha até chegar uma hora em que o, o dono não percebia e você trazia outra pessoa, enquanto um intertia o outro levava.

#### **De quem se roubava a imagem de São José nessa região. Se eram de moradias, de Igrejas, ou outra**

**Sr. Sebastião:** Não não, era das casa. Era, eles não chegava em casa estranha, eles, eles só eles só levava de casas que eles conhecia, entendeu? Eles não chegava numa casa estranha e entrar e lev... entrar lá não, e pra levar um santo não, entendeu? Eles levava das casa conhecida, pod... não importava a distância desde que eles conhecesse, entendeu? Era a cultura que eles tinha na época era isso, eles não levava de gente desconhecido, entendeu? Chegar numa casa e entrar não, eles chegava na casa da pessoa conhecida, então ele entrava e tra... trazia sem que a pessoa percebesse.

#### **Ele roubou da mãe dele...**

**Sr. Sebastião:** Da mãe dele.

#### **Sobre ela ser devota de São José**

**Sr. Sebastião:** Ói, geralmente os agricultor todos são, né? Os agricultores na época é o dia de São José pra eles era o dia sagrado né? Eles, tinha, não era prá todos os agricultor, eu acredito que não existia esse que não fosse devoto. Né? Com certeza, [inaudível], todos era, todos era... não é? Hoje, eu acredito que hoje quem é agricultor, a experiência é o dia de São José né? De chuva, [o santo da chuva, né?]

#### **Se santos estava no oratório que ela possuía**

**Sr. Sebastião:** Não. Esses, esses... é, é, geralmente na casa da minha avó, a minha avó não não tinha oratório, a minha avó tinha muitos mas muitos santo na parede. Era muito, você chegava assim na parede assim era de cima a baixo. (Inaudível) Muito, muito tipo de santo, né? Geralmente naquela época ia muitas pessoas no sítio que ele andava vendendo aquelas imagens. E minha vó gostava muito, tinha muito, na casa da minha avó também tinha muito. Na casa da minha avó tinha um, um santo, que era, era, acho que não tá na tua pesquisa essa parte aí, era o santo São Geraldo, e, e ele tinha um caixão assim, aí ele ficava saino numa forma duma alma de dentro esse caixão. Quando era na casa da minha avó, que eu passava no corredor da casa, eu passava de banda, com medo da... (riso) da alma que saia do, [do coisa]. Tinha todo... vários tipo de santo, mas muito mesmo.

### **O por quer de ser “roubada” a imagem do santo**

**Sr. Sebastião:** É, é, esse... porque, assim, eles eles tinha essa, essa visão que tinha que ser roubado, só se... o santo só mandava a chuva se fosse uma coisa, se fosse roubado. Eles não, eles não pegava assim, dizer assim: - fulano eu vou levar o santo, não. Eles tinha essa visão que tinha que ser roubado. É tanto que é, é, assim, se fosse hoje na, na no tempo da gente, [a gente não ia falar], nem, nem roubado, mais levar né? Por que roubado se tornava até uma... hoje assim se tornava uma coisa até feia né? Mas eles, eles falava roubar, mas só que era um roubar que não um sentido dum **roubo**, entendeu? Era uma coisa que eles levava, e depois eles devolvia.

### **Sobre ele mesmo participar dessa tradição**

**Sr. Sebastião:** Já! Já cheguei já, eu participei, já participei quando eu era criança... tinha umas tia minha que gostava muito de praticar isso, da parte da minha mãe. Elas fazia muito isso, e eu seguia muito os acompanhamento, chamava de acompanhamento sabe? Acompanhamento, eles saia na estrada, vamos dizer assim, uma distância podia ser uma légua de distância. Eles saia na estrada afora e... cantava e soltava os foguetão e, e era muit... e era muita gente pra ir deixar o santo.

### **O motivo dele ter participado**

**Sr. Sebastião:** [Devido] assim é, ser criança meus pais ia a gente acompanhava né? Mas assim, (inaudível) e a gente não tinha nem aquela noção toda, mas a gente acompanhava, achava muito bonito na época.

### **Sobre ser algo de família**

**Sr. Sebastião:** Era. Uma tradição não era? Uma tradição é uma coisa de família que tinha, é. Era uma cultura da época que a gente tinha.

### **Sobre ele ter participado no momento do “roubo” da imagem ou em sua devolução**

**Sr. Sebastião:** Não. Era, é, é assim, na parte que eles roubava eu nunca, nunca tava (inaudível) é, assim, eu só acompanhava, eu lembro muito das parte que a gente, a gente acompanhava, a gente saia nas estradas cantano, né?

### **Quando devolveu o santo...**

**Sr. Sebastião:** Quando devolvia. Isso era a parte, [inaudível], também eu na época eu era, eu era pequeno, né? Não (inaudível) parte pra poder carregar o santo.

### **Se ele lembra se choveu nesse dia**

**Sr. Sebastião:** Muito (riso), muito... Eles tinha essa visão mesmo que o santo mandava chuva mesmo, né? Ai quando meu... quando me pai levou o santo né? Aí nessa noite choveu muito, muito e continuou chovendo. Então é, que nem eu falei pra você no início, meu pai devolveu, falou pra mãe dele: - mãe eu vou devolver o santo. Bem antes do prazo, por que eles, eles estipulava um prazo, dizia assim: - ói daqui a quinze dia, ou um mês, daqui um mês, né? E... Eu venho devolver o santo, entendeu? Ai dessa vez choveu tanto que meu pai antecipou a, a coisa por caso que tava chovendo direto e as lavoura não aguentava tanta chuva (riso).

### **Se houve bom inverno durante esse ano**

**Sr. Sebastião:** É. geral... é geralmente é, é, é, [ainda principalmente] na década de, de, de seten... de sententa ou década de oitenta teve alguns ano seco, mas teve muito ano bom de inverno. Então geralmente quando, é quando pegava assim, essa parte assim é... que... eles roubava o santo né, achava que... Porque tinha muita chuva porque levado o santo [inaudível], que o santo mandava chuva. Era... chovia bastante mesmo na época, mas, eu pelo mendo assim, eu não acredito que seja por causa do santo, né? Mas era por caso que era uma época bom mesmo de inverno.

### **Sobre ele lembrar se a Igreja dizia algo sobre essa tradição**



**Sr. Sebastião:** Não (inaudível), é, é apesar que a gente morava num sítio, era, era a gente vinha, eu era criança, mas meu pai vinha uma vez no sábado pra cidade, mas meu pai nunca comentava, mas com certeza, eles, se fosse comentar, eles apoiava porque era uma coisa que, é, não, não atrapalhava em nada, a visão da Igreja, entendeu? Não era uma coisa que fazia escândalo nenhum pra Igreja porque eles, eles eram devoto do, do santo, entendeu? E não, eles não fazia, a... eles, eu acredito com certeza a Igreja só respeitava a decisão deles, na época, é a Igreja não interferia, nesse caso ai.

### **O porquê da Igreja não interferir**

**Sr. Sebastião:** Olha, eu, eu não é... pra falar a verdade, Emerson, assim, eu não, eu não, eu não se... eu acredito que não. Apesar que nunca, assim, a gente via isso, a gente via os tio da gente contando aquelas bem mais velho do que eu, eles falava (inaudível) de acontecimento que vinha de muitos ano, e a gente, e os padres andava muito nos sítio e, nunca interferia nada [a respeito disso]. Nem assim, que nem o mês de maio tem as novena do, mariano né? Que ainda hoje tem na, na algumas, algumas casa no sítio passa trinta dias nas novena, alí, de noite, é tem o mês de maio que chama de mês mariano, né? Eles passa ai trinta dias na novena toda noite e nas casa e acredito que com certeza a Igreja apoia. E também é uma coisa que não, não, não ia atrapalhar em nada, né? A visão da Igreja.

### **Se algum padre ou ordenado do tipo chegou a participar desse “roubo” que ele participou ou testemunhou**

**Sr. Sebastião:** Não. Não... não é, é, a Igreja ela não... é, é, primeiramente naquela é... na, na, na década de, [de coisa], de se... de setenta assim, é tinha o, o padre... da, da Igreja ali, eles não a, não ia assim no sítio, só ia uma, uma, algum evento assim ou coisa do sítio, mas, pra essa parte ai não. É a gente mesmo, os pai, da gente, os avós da gente, os tio, eles, era uma cultura da época, entendeu? Mas os, os padres eles não participava diretamente, dum... duma entrega daquelas, entendeu? Mas sim só os vizinho mesmo, as pessoas conhecida.

### **Sobre esta não participação do clero ser porque ele não sabia ou porque respeitavam apenas respeitavam a tradição**

**Sr. Sebastião:** É por que eles também eles não sabia, não chegava a, a ser comunicado, pra eles, entendeu? Que também é, era nos sítio bem distante da cidade, né? Na, naquela época não, não tinha carro no, nos sítio, a, o, as pessoa vinha **uma vez**, as vez no sábado pra cidade, que existia o carro de feira, e era muito difícil a, ter acesso da rua pra... pros sitio, entendeu? E não

tinha, não tinha nem como a, na época, os padre tá nos sítio pra lá, hoje a facilidade é muito grande, né? Mas naquela época não tinha, eles não, eles não chegavam nem... é que nem eu falei, eu acredito se eles soubesse eles não ia ser contra, porque era uma coisa que eles, era uma devoção, assim como hoje existe a devoção, né? Não tinha [o que] causar escândalo nenhum pra Igreja.

### **Se ele acha que se eles soubessem eles iriam ajudar na entrega do santo**

**Sr. Sebastião:** (Riso). Eu acredito que... eu acredito assim, não sei se eles [inaudível] participaria, não é? Apesar que é aquele negócio [inaudível], não tem como eles saísse daqui, né? Da cidade pra ir pro sítio, né? Só seguindo a estrada, não sei, porque naquela época existia, nessa época do, do período de, de, das chuva, dé, do, do, dia de São José, isso era, era constante, e acontecia muitos caso nessa época, muitos, [não acho], eu acredito que eles não ia sair, que, era tinha muitos, [não sei] que eles ia sair da, da Igreja pra ir pra um sítio, pra ir pra um acompanhamento, eu não sei se chegou a acontecer isso, eu não tenho o conhecimento.

### **Se ele acha que tradição do “roubo” de santo é uma desobediência aos mandamentos da Igreja**

**Sr. Sebastião:** (Riso). Não. É, eu vejo isso como uma inocência. A pessoas, eles não tinha, é, é, não tinha o conhecimento, né? Da própria palavra de Deus, né? Naquela época não, não tinha a, a, assim, que nem eu falei pra você, não tinha nem como os padre tá nos sítio né? Evangelizando, hoje a forma de evangelização é muito grande, né? Hoje é fácil, mas naquela época não tinha, é, eles sim... era simplesmente uma cultura que eles tinha, uma visão que eles tinha da época, entendeu? Mas, não...eu acredito que era só falta, falta de conhecimento, mais, é, e, é, é até hoje ainda é respeitada por muitos, né?

### **Sobre alguém da Igreja chegar a criticar essa tradição**

**Sr. Sebastião:** Não. Não, eu nunca, nunca vi assim, eu, eu participei da alguns acompanhamento, eu vi muito meus tio assim a noite sentava nas calçada e falava que: - aconteceu isso! Roubo de santo em tal canto! Foram deixar em tal lugar, distância muito grande! As vez o que acontece, as vez eles saia, quando tava seco, o pasto seco, eles saia, soltava aqueles fogos, as vez acontece de é, causar acidente, é, assim, incêm... incêndio na, nas manga, então ai o que acontece, juntava todo mundo ia apagar aquele fogo, entendeu? É, mas assim, ouviu muito falar ainda cheguei acompanhar ainda uns, uns quatro ou cinco acompanhamento, né?

Mas, nunca vi falar, que assim por parte dos meus tio, por parte de alguém que eles, é, interferisse em alguma coisa.

**Sobre a possibilidade de alguém que tenha “roubado” a imagem de São José chegar a ser denunciado pelo dono do santo, ou Igreja**

**Sr. Sebastião:** Não Emerson, é eu acredito assim (inaudível) aquela, que no início nós falamos. É, geralmente eles não levava de gente estranho, entendeu? Assim pessoa estranha, eles, eles só levava quando eles, eles tinha o conhecimento já daquela pessoa, de muito tempo saber o comportamento, o temperamento daquela pessoa [por exemplo teve], teve pessoas lá próximo a minha casa, por exemplo assim, tinha uns tio meu que era tudo a, como se diz assim, pessoal tudo meio a... valente esses coisa assim, então era uma casa que ninguém mexia em nada, entendeu? Porque já conhecia o temperamento deles, né? Geralmente quando eles fazia isso, eles levava o santo quando, por que assim, eles tinha o conhecimento da, da casa, daquele pessoal, e o, tinha o respeito, entendeu? Que eles, eles sabia que se eles levasse o santo, é com certeza o dono da casa ia entender. Agora acontecia muito, de, de, de, de o cara levar e passar muitos dias pra você... as vez você suspeitava: - foi fulano, eu tenho certeza que foi fulano. E não era, mas era (riso) uma outra pessoa que entrou [direto] quando você tava conversando mas outra, e levava...e, entendeu? A... Ai ficava, dizia: - rapaz, será que foi fulano? - Rapaz fulano teve a... passou a tarde aqui, fulano chegou aqui ontem tava tão desconfiado.

**Se era uma relação familiar, então não tinha como alguém denunciar...**

**Sr. Sebastião:** N... não. Não tinha porque é, era justamente isso ai, era, era se tratava de um, um santo, e, e eles levava quando eles tinha o conhecimento das pessoas não, não importava a distância, entendeu? [Comparação] se você morasse, vamos dizer assim, se morasse nun lugar com duas, três léguas de distância, mas eu já lhe **conhecia**, seu temperamento seus com os filhos, da... o pessoal da casa [inaudível], eles não levava duma pessoa estranho, entendeu? Porque eles tinha medo de causar problema, entendeu? Era dessa forma que eles fazia, então eu não tenho conhecimento assim, também meus tio, meus pais, assim, nunca falarão que alguém chegou a denunciar, porque é assim, quando se levava um santo, [ele] já sabia que não importava de que forma [eu] ia trazer o santo de volta, e eles tinha a, a visão que era pro bem, entendeu? Do inverno, das plantação, então não tinha nem como você... por mais que você fosse uma [inaudível] ... apesar que eles não carre... não levava o santo de pessoa estranha. Mas, mesmo assim, eles, se chegasse a acontecer de levar eles, não, não denunciaria você, por que eles sabia **que até ele mesmo** tava precisando da chuva. Eu acredito que naquela época muita

gente dizia: - ou meu Deus, tomara que leve o santo (riso). - Passe aqui [leve ai] o santo pra vê se chove, entendeu?

### **Sobre ele ter alguma lembrança de como aconteceu um retorno de um santo à sua morada**

**Sr. Sebastião:** Tenho, eu ainda, eu ainda eu tenho um, um, um, é uma a, uma a vi... uma mente ainda, uma lembrança, no que a gente fomos deixar ainda, na faixa assim duns... três ou quatro quilômetros, ou mais um pouco, que a gente fomos levar na casa dum, dum, foi [uma me] levou da casa dum... uma prima minha entrou lá numa casa e dum, pessoal conhecido da gente lá, e levou esse santo. E passou mais ou menos assim, uns vinte e poucos dias e a gente fomos levar esse santo, né? Muita gente na estrada cantano, é muitos fôgo, e, e era aquela alegria toda viu. Pra gente, pra gente assim na época, era uma coisa, vou te contar, era uma, uma alegria enorme, num tem nem o, o [precisão] pra falar do tamanho da alegria que a pessoa tinha na época, dizer assim: - a vão entregar o santo tal dia”, meu irmão era como se fosse uma **festa, grande**, pra gente era uma festa grande viu! Era uma diversão muito grande, além da fé né, na da tradição que tinha.

### **Sobre o porquê de haver os festejos na devolução da imagem do santo**

**Sr. Sebastião:** É, devido assim, era, era uma alegria que eles tinha, então eles vinha na ci... quando assim, levava o santo, eles vinha na cidade, e então eles comprava aqueles festejo da época, né? E soltava assim como se vê hoje nas festas de padroeira né? Eles, até hoje eles ainda tem essa cultura de soltar, fogos né? Em homenagem aquele determinado santo, né? É, eu acredito que eles comprava na época, é assim também a alegria que eles tinha, era uma espécie de uma festa e até quando soltava o fôgo de, de distância muitas pessoa já sabia, a, tinha uma a... tá acontecendo um a... acompanhamento, então vamos todo mundo pra lá, entendeu? E pronto se saía na estrada, por exemplo, você ia na estrada afora, você chegava passava aqui na frente duma casa, o pessoal do, já acompanhava também.

### **No caso, quanto mais gente melhor...**

**Sr. Sebastião:** Era muita gente, Emerson, na época era muita gente, e se reunia pessoas de sítio distante. Distante, só não vinha se não soubesse. De pés, tinha pessoas que vinha de três, quatro léguas distante, mas, por exemplo [comparação], tinha vez a gente que vinha de como daqui em São Bentinho, pra, pra sair, na, ta na entrega do santo.

### **Sobre ser nos sítios que a tradição ocorria**

**Sr. Sebastião:** Nos sítio. Era só nos sítio e no período do, no período é, é, que, era o período do dia de São José (inaudível). No mês que era perto assim, o mês de São José, era justamente o mês que eles fazia isso. E bom quando eles chegava na, naquela casa, é, eles cantava muito hino, e entregava, colocava lá o santo no mesmo localzinho, que no local que, que eles tirou e o [cabra], mesma pessoa chegava e colocava lá. Mesmo canto e... ai pronto, ai rezava muito, rezava o terço, e... muitas é, muitos cântico, e... era uma alegria só. Principalmente quando era o período da chuva assim, quando tava chovendo, ah! E quando tava chovendo? Tinha um hino que agora eu não consigo lembrar que falava: - manda chuva São José (riso), muito, [inaudível] muito bom na época, a gente, a gente... apesar que, os meus... eu, eu ainda cheguei a acompanhar, mas meus pai, meus tio contarão muito a respeito disso.

#### **Se apenas se roubava a imagem no dia de São José**

**Sr. Sebastião:** Não! Não, era no mês, era o mês que per... que chegava o, o dia de São José, né? É, ai pronto, era no mês de São José que eles levava.

**No mês...**

**Sr. Sebastião:** No mês.

#### **Na devolução, colocava-se a imagem no andor...**

**Sr. Sebastião:** Pronto, era. Eles, eles pegava, eles pegava é... [com, com] quatro pau, não, dois pau, ai eles pegava un...uns pau que dum... duma madeira chamado mofumbo, né? Que era on... fazia o arco, entendeu? Era um arco, então eles fazia dois arco, e então, ali naquele meio colocava uma tauba ali no meio, colocava aquele santo dentro, botava ele é empezinho dentro, no, no, no an... no andor, e enfeitava aquele andor todinho de uns papel muito bonito. E saia cantano de estrada afora com esse santo.

#### **Sobre se transportar a imagem somente no andor, ou tinha outro objeto**

**Sr. Sebastião:** Não. Não. Tinha que ter, por exemplo assim, tinha mui... tinha muitas casa, que... tinha muitas casa, que já tinha feito, entendeu? Por exemplo, se você, acontecesse assim de você é, fazer um acompanhamento, quando você chegava, aquele andor você guardava, entendeu? Então ai, um... a pessoa, po... por exemplo se alguém, chegasse em sua casa e levasse o santo, ai falava: - vamo pegar o andor com fulano, entendeu? As vez se o papel já tivesse um pouquinho, pouquinho velho, então eles enfeitava novamente, o, o, aquele andor [todin] pra

poder colocar o santo dentro, né? Colocava as velas também dentro, também chega de longe você via, na estrada, via aquele clarinho, parecia uma Igrejinha e o santo dentro.

### **Se enfeitavam**

**Sr. Sebastião:** Ah, isso!

### **Com o que enfeitavam**

**Sr. Sebastião:** Com os papel, uns papel, uns papel bem... vamo dizer, várias cores, é aquele mesmo papelzin, que, que enfeitava aquele pavilhão, não sei se você chegou a ver nos sítio ainda, aqueles, aqueles cordãozin, e enfeitava de, duns, duns...[pa... esse] papelzinho de, de, enfeitar salão. Papelzin amarelo, vermelho, verde. Eles in... colo... com co... com cola, ele passava cola na madeira e, deixava o andor bem bonitinho.

### **Se os enfeites eram para andor ou o santo**

**Sr. Sebastião:** **O andor!** Ai fazia, dentro, fazia um localzinho bem... com quadradinho desse assim que era pro santo não cair, entendeu? Colocava [inaudível].

### **Sobre se enfeitarem a imagem do santo**

**Sr. Sebastião:** Não. Não, eles não mexia não que era... pra poder nun... reverência ao santo, também, né? Na época, né? E eles entregava da mesma forma que eles entregou, né? Que eles pegou, então eles tinha que devolver da mesma forma. Agora eu não sei, se aconteceu de quebrar. Isso assim meu pais nunca falou assim, eu acredito que não porque o cuidado que eles tinha e a devoção que eles tinha com o santo, eu acredito que não acontecia isso, né? Mas eu não sei falar se, chegar de quebrar assim, por que, no caso pra quebrar tinha que comprar outra da mesma forma pra devolver né?

### **Sobre muitas pessoas oratórios Muitos terem oratório**

**Sr. Sebastião:** Tinha. Assim, eu não, eu não, assim, já era uma coisa mais... o oratório assim, era, é, na casa da minha avó tinha. Era ele era, eles fazia como se fosse é, uma, uma forma, como se fosse uma Igrejinha pequena, entendeu? Eles colocava, colocava o, o santo dentro, e muitos santinho pequeno ali a redor, com anjinhos né? Imagem de anjo, encostado ali naquele santo. E acima na parede muita é, a parede ficava completa de imagem, escultura, [né?]. Muito santo na época eles colocava, não sei se hoje no sítio ainda mantem a mesma tradição, né? Mas na época tinha muito.

### **Sobre se considera o oratório um objeto tão sagrado quanto às imagens dos santos**

**Sr. Sebastião:** Emerson, nessa parte eu não, não consigo afirmar pra você se eles tinha... porque geralmente ali era uma, né? Era uma casa como se fosse assim uma Igreja, eles tinha como se fosse uma Igrejinha pra colocar os santo dentro, eu não sei se eles tinha... eu acredito que não, mas que a devoção que ele tinha era com o santo e não com aquele oratório [assim].

### **Sobre o oratório ser, então, uma morada para o os santos**

**Sr. Sebastião:** Isso, entendeu? Era uma coisa de enfeitar a casa, entendeu? Eles colocava, aquele oratório, colocava é, vários santos ali ao redor, entendeu? Eu não, ê, chegava assim a noite eles acendia vela. Eu acredito que eles tinha devoção com os santo e não com o oratório.

### **Se nessas casas se benziam os oratórios. E sobre isso ser comum ou não**

**Sr. Sebastião:** Ó, geralmente e, ele, quando, quando eles vinha pra cidade, eles trazia os santo pra que o padre benzesse. [Por exemplo], na época tinha muitas pessoas que vendia, saia no sítio e vendia muita imagem, entendeu? Vendia aqueles santo, e então eles trazia, quando, é, eles comprava aquele santo, ai quando era no sábado, eles trazia pro padre benzer, os santo, então no momento em que o padre benzia, pronto, eles tinham como uma coisa benta, uma coisa sagrada, a visão que eles tinha na época era essa.

### **Se ele recorda os objetos que eram colocados nesse oratório que você conhecia**

**Sr. Sebastião:** Não, Emerson, eu não consigo recordar, talvez assim, uma pessoa, é, uma pessoa mais velha talvez consiga falar assim, mas não, assim, eu não tenho mais a lembrança disso não.

### **Sobre as imagens dos santos desse oratório**

**Sr. Sebastião:** Tinha, na época, na época um... é os... era São Francisco, né? São Francisco, era São Geraldo, São Sebastião, era os santo né? Tradição, São Sebastião é... Coração de Jesus, né? Tinha também aquele é a, quadro da ceia do senhor, do, Jesus e os doze discípulos, né? Pronto era na época, era os, os santo que mais tinha na época são esses, né? São Francisco, São José, São Sebastião, Coração de Jesus, então era esses santo que tinha na época. [Assim] que era, que era os, os mais venerados na época.

### **Se Havia um lugar especial no oratório para abrigar o santo da devoção pessoal**

**Sr. Sebastião:** (Riso) Emerson, é, geralmente sim, era o Coração de Jesus.

### **Sobre ser a imagem do Sagrado Coração de Jesus**

**Sr. Sebastião:** Isso. Isso era, aquilo ali pra eles era sagrado, eu acredito que eles tinha essa visão devido a eles ver na Igreja, né? Se você ver, as vez na Igreja né? Na, na Matriz aqui a gente ver que o santo, né? O Coração de Jesus sempre ele tá ali em destaque. Então na época eles tinha essa mesma visão também na época, os oratórios.

### **Sobre haver um jeito particular para organizar as imagens dos santos no oratório**

**Sr. Sebastião:** Não Emerson, essa parte ai eu não, não, eu não tenho a lembrança. Não tenho lembrança e assim alguém não, não comentou pra mim a respeito disso.

### **Se quando se roubava a imagem de um santo ela era guardada em oratórios**

**Sr. Sebastião:** Não, Emerson, eles, ele, aquele santo que eles levava pra uma casa eles guardava. Geralmente eles, eles tinha aquelas, uma a... tinha, colocava dentro das mala, que na época não existia guarda roupa então, eles colocava na mala, entendeu? E deixava aquele santo, com muito cuidado pra não quebrar, entendeu? Então eles pegava em... enrolava numa toalha e botava num local muito bem seguro dentro duma mala, enroladinho num pano pra que não, [inaudível], pra não quebrar, quando chegasse num determinado dia eles ia e devolveria aquele santo.

### **Sobre as imagens dos santos que ficavam nos oratórios e no de outras pessoas sere, enfeitadas com contas, rosários fitas ou objetos do tipo**

**Sr. Sebastião:** Nã, não. É assim, na época, os santos que eles vendia, assim, que eles levava dos sítio, eles não, não tinha essas coisa de ser enfeitado com rosário não. As vez assim, as vez as pessoa comprava e só colocava por cima assim, mas era, mas simples mesmo era colocado só o rosário mesmo em cima, eles não, não costumava, assim, enfeitar o santo, mas assim, quando era na época da semana santa, eles com a... cobria os pano... a os, os santo com pano preto né? Até hoje eu acredito que a Igreja ainda faz isso, né? Acredito que no sítio ainda faz isso né? De cobrir aquele santo com o pano preto em sinal de luto né? Da morte de Jesus.

### **Se se faziam orações ou celebrações em torno do oratório**

**Sr. Sebastião:** Emerson, geralmente quando eles tinha aqueles radinhos de pilha, né? Aqueles rádio sempre ficavam em cima de uma banca, sempre ficava próximo, entendeu? E, então, na



época, é eles a vi... a reza que a gente sabia no sítio era o Pai nosso, Ave Maria, né, Salve Rainha. Então é, a gente rezava o terço, né que nem m... é, quando era a gente era seis horas da noite, a minha mãe juntava a gente: - vai pra casa de sua tia que lá vão rezar o terço. Então toda noite a gente saía pra casa da tia da gente, pra rezar o terço, então colocava lá o santinho lá em cima da, da mesa a gente fazia... é, o terço e depois guardava o santinho lá no seu devido local.

#### **Sobre serem em torno do oratório**

**Sr. Sebastião:** Não, não. Não

#### **Se nas procissões ou acompanhamento leva-se o oratório**

**Sr. Sebastião:** Não, não, era exclusivamente, era exclusivamente, era o santo dentro do andor. Eles não levava não.

#### **Se ele recorda se se tirava o oratório de dentro de casa**

**Sr. Sebastião:** Não, não ele, eles era uma coisa que eles tinha que era ali no seu cantinho, seu cantinho guardado entendeu? Ele pegava, co... colocava ali em cima numa mesa, uma banquinha eles reservava uma banquinha pra aquilo dali. Então eles colocava aquele oratório ali, coloca os santo na parede, entendeu? Mais, eles não tirava pra nada, pra sair de um canto pra outro não. Era uma coisinha que eles tinha como sagrado mesmo.

**ANEXOS**

Anexo 01: Relato da vida de Mariana Fernandes, moradora da comunidade do Juá

Mariana, Fernandes de Sousa filha do sr. Manoel de Sousa e  
 do sr.ª Ernestina, nasceu r.o sti. Juá casou-se com Minou  
 e teve filhos e ainda por sua bondade adotou uma menina a qual ela  
 a trata como sua filha legítima. Tem 3 genros e 3 noras 13 netos,  
39 bisnetos e 04 tataranetos.

Mariana, com a confiança e fé em Deus começou a benzer de mal  
 olhado, dor de dente entre outros maus, as pessoas sempre lhe  
 agradeciam por se sentirem curadas através da sua reza.

Foi Mariana e Ninou, quem doaram este terreno para a  
 construção desta capela, foram eles que deram primeiros passos junto  
 com outras pessoas desta comun.idade do Juá onde se engajaram  
 numa luta com grandes esforços.

A você Mariana receba nossa gratidão e que Jesus derrame sua  
 Bênção sobre você e toda a sua Família.

Agraecemos A Comunidade

## Anexo 02: Termo de consentimento de Geralda Vieira da Silva Almeida

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

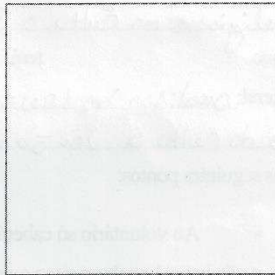
Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Geralda Vieira da Silva Almeida em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa "Vidas ao Santo padroeiro da chuvia: (re) significações religiosas no culto a São José em Dombal - PB". Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: análise das (re) significações religiosas praticadas por meio do culto a São José e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao voluntário só caberá a autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução N.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica \_\_\_\_\_ no número (83) 98293265. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

*Geralda Ceira da Silva Almeida*

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador

*Emerson José F. de Souza*

Data: 23 / 03 / 2018



### Anexo 03: Termo de consentimento de Maria França do Nascimento

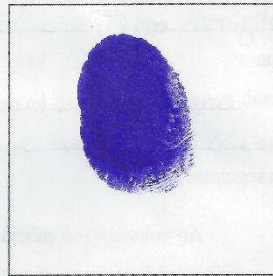
#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Maria França do Nascimento em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “Viver ao som do pedreiro das chuvas” (re)significações religiosas no culto a São José em Pomal - PB. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: analisar as (re)significações religiosas praticadas por meio do culto a São José e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao voluntário só caberá a autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica \_\_\_\_\_ no número (83) 98293269. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador

Emerson José F. de Sousa

Data: 15 / 05 / 2018



### Anexo 04: Termo de consentimento de Sebastião F. Lacerda Filho

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Sebastião Formiga Lacerda Filho em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa "Visões ao ponto Andraeino das clusais"; (Re)significações religiosas no culto a São José em Pombal-B. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: analisar as (re)significações religiosas praticadas por meio do culto a São José e estar de acordo com os seguintes pontos:

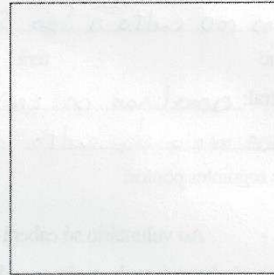
- Ao voluntário só caberá a autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica \_\_\_\_\_ no número (83) 9829 3265. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.



Sebastião Rommige Lacerda Filho

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador

Emerson José F. de Sousa

Data: 17 / 01 / 2018